

César Thiago do Carmo Alves

*Descendat in hanc plenitudinem fontis virtus Spiritus Sancti*

Análise literário-teológica das bênçãos da água batismal  
do Sacramentário Gregoriano, do Missal de Pio V e dos rituais de  
Paulo VI

**Dissertação de mestrado**

**Orientador: Prof. Dr. Francisco Taborda**

Apoio: CAPES

Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

Belo Horizonte

2015

César Thiago do Carmo Alves

*Descendat in hanc plenitudinem fontis virtus Spiritus Sancti*

Análise literário-teológica das bênçãos da água batismal  
do Sacramentário Gregoriano, do Missal de Pio V e dos rituais de  
Paulo VI

Dissertação apresentada ao Departamento de  
Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e  
Teologia, como requisição para à obtenção do título  
de mestre em Teologia.

Área de concentração: Teologia sistemática

Orientador: Prof. Dr. Francisco Taborda

Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

Belo Horizonte

2015

**AGRADECIMENTOS**

Ao prof. Dr. Taborda, por ser amigo de todas as horas e companheiro de viagem na empreitada de fazer teologia. Sua orientação perspicaz nessa dissertação me ensinou a pensar melhor teologicamente. Com o seu saber múltiplo pude ampliar inúmeros horizontes.

A todos os professores e funcionários da FAJE pela amizade e estímulo.

À Congregação dos Filhos de Maria Imaculada (Pavonianos) que acolheu a proposta de me permitir prosseguir os estudos em teologia.

Ao Pe. Nelson Ned de Paula e Silva, superior da comunidade de Pouso Alegre, pelo bonito caminho que trilhamos juntos. Por sua proximidade e compreensão com minhas ausências na comunidade, assumindo, por vezes, minhas atividades naquela cidade.

Aos que me foram próximos nesse caminho percorrido.

À CAPES.

“Aqui, nasce para o céu, de uma semente pura, um povo sagrado que o Espírito gera fecundando as águas. Mergulha na água santa, ó pecador, e serás purificado: a água te recebe velho e te devolve renovado. Para os renascidos não existe discriminação alguma: são uma só coisa graças a uma só fonte, um só Espírito, uma só fé. A Mãe Igreja concebe por inspiração de Deus e dá à luz pela água os que nascem de semente virginal. Se desejas ser puro, purifica-te neste banho, quer te aflija o pecado dos primeiros pais, quer o teu próprio pecado. Esta é a fonte da vida, que purifica o mundo inteiro, brotando da chaga de Cristo. Esperai o reino dos céus, vós que renascestes nesta fonte, a vida feliz não é para quem nasce uma só vez. A ninguém atemorize o número ou a natureza dos seus pecados: quem nasce desta água será santo.”

(Inscrição de Sisto III na arquitetura do batistério de São João de Latrão em Roma)

## RESUMO

O gesto significativo do sacramento do batismo consiste em passar pela água da morte e da vida. Essa água foi santificada pela força do Espírito Santo. Graças a essa santificação, o batizado associa-se ao mistério pascal do Senhor. É incorporado ao corpo eclesial, isto é, a Igreja. A Tradição da Igreja tem o costume de suplicar a Deus para que, pela ação do Espírito, a água se torne santa. Para isso existem as orações de bênção sobre a água batismal. Dessas eucologias pode-se desentranhar uma teologia do batismo. Nesse sentido, buscar-se-á verificar que tipo de teologia batismal surge das preces de bênção sobre a água batismal. Ter-se-á como referências para as análises as eucologias do Sacramentário Gregoriano/ Missal de Pio V e as elaboradas no pós Vaticano II. Verificar-se-ão as perspectivas teológicas e pastorais que dos formulários analisados surgem. Servirá de método, o mistagógico.

**Palavras-chave:** mistagogia, bênção da água, batismo, Sacramentário Gregoriano, Ritual de Batismo de Paulo VI

## ABSTRACT

To pass through the water of death and life is the significant gesture of the sacrament of baptism. This water was sanctified by the power of the Holy Spirit. Due to this sanctification, baptism is associated to the paschal mystery of the Lord. It is incorporated into the ecclesial body, that is, the Church. The tradition of the Church has the custom to pray to God so that by the action of the Spirit, the water may become holy. For this there are the prayers of blessing on the baptismal water. From these euchologies one can unravel a theology of baptism. In this sense, it will be checked what kind of baptismal theology arises from the prayers of blessings over the baptismal water. It will be taken as reference to the research the euchologies of the Gregorian Sacramentary/ Missal of Pius V and the ones elaborated post Vatican II. It shall be verified the theological and pastoral perspectives that arise from the formularies analyzed. The method to be used will be the mystagogical.

**Keywords:** mystagogy, blessing of water, baptism, Gregorian Sacramentary, Rites of baptism of Paul VI.

## SIGLAS

- AG – Decreto *Ad Gentes*, sobre a atividade missionária da Igreja, do Concílio Vaticano II
- DH – Denzinger – Hunermann (org.). *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*.
- EEFL - LODI (org.). *Enchiridion euchologicum fontium liturgicorum*
- EG- Exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual.
- Greg/P5 – Sacramentário Gregoriano/Missal de Pio V
- GS - Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, sobre a Igreja no mundo de hoje, do Concílio Vaticano II
- LG – Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, sobre a Igreja, do Concílio Vaticano II
- MRPV – Missal Romano de Pio V
- PB – Documento de Puebla (III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano)
- Pl6-1 – Primeira opção de bênção sobre a água batismal de Paulo VI
- Pl6-2- Segunda opção de bênção sobre a água batismal de Paulo VI
- Pl6-3- Terceira opção de bênção sobre a água batismal de Paulo VI
- RBC – Ritual para o batismo de crianças
- RICA- Rito de iniciação cristã de adultos
- SacrGel – Sacramentário Gelasiano
- SacrGreg – Sacramentário Gregoriano
- SacrVer – Sacramentário Veronense
- STh – Tomás de Aquino - Suma teológica
- UR – Decreto *Unitatis Redintegratio*, sobre o ecumenismo, do Concílio Vaticano II

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO I: DOIS MILÊNIOS – DUAS METODOLOGIAS</b> .....	<b>13</b>
1. A mistagogia como método adequado para uma teologia dos sacramentos .....	14
1.1.A redescoberta do método mistagógico.....	14
1.2.A liturgia, um lugar teológico .....	17
1.3.As raízes veterotestamentárias da mistagogia.....	19
1.4.A profundidade teológica da mistagogia .....	21
1.5.A atualidade da mistagogia.....	23
2. A bênção da água como acesso a uma mistagogia batismal .....	24
2.1.Reminiscências escriturísticas da água.....	24
2.2. A tradição da bênção da água .....	27
2.3.Princípios para uma análise literário-teológica das orações de bênção da água batismal.....	29
<b>CAPÍTULO II: A ORAÇÃO DE BÊNÇÃO DA ÁGUA BATISMAL NO SACRAMENTÁRIO GREGORIANO E NO MISSAL DE PIO V</b> .....	<b>34</b>
1. Sacramentário Gregoriano/Missal de Pio V: análise literário-teológica.....	35
1.1.O texto da oração.....	35
1.2.O problema da análise literária do texto .....	38
1.3.Elementos anamnético-celebrativos .....	41
1.4.Elementos epicléticos .....	46
1.5.Outros elementos contidos na prece .....	49
<b>CAPÍTULO III: AS ORAÇÕES DE BÊNÇÃO DA ÁGUA BATISMAL NO RITUAL DE BATISMO DE PAULO VI</b> .....	<b>52</b>
1. Oração I: análise literário-teológica.....	54
1.1.O texto da oração.....	54
1.2.Secção anamnético-celebrativa .....	55
1.3.Secção epiclética .....	63
2. Oração II: análise literário-teológica.....	66
2.1.O texto da oração.....	66
2.2.Secção anamnético-celebrativa .....	67
2.3.Secção epiclética .....	69
3. Oração III: análise literário-teológica .....	72
3.1.O texto da oração.....	72
3.2.Secção anamnético-celebrativa .....	73
3.3.Secção epiclética .....	77
<b>CAPÍTULO IV: PERSPECTIVAS TEOLÓGICAS E PASTORAIS</b>	
1. Dimensões histórico-salvíficas .....	80
1.1.Dimensão cristológica .....	80
1.2.Dimensão pneumatológica.....	83
1.3.Dimensão eclesiológica .....	87
2. Perspectiva pastoral.....	90
2.1.Por uma catequese mistagógica .....	90
2.2. Lex agendi.....	93
<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>98</b>



<b>REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA .....</b>	<b>101</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>110</b>

## INTRODUÇÃO

Renascer da água e do Espírito é o convite feito por Jesus na conversa com Nicodemos (cf. Jo 3,5). Para isso era necessário passar pelo banho do novo nascimento, isto é, o batismo. Água e Espírito assinalam o batismo cristão e a vida na comunidade dos que creem em Jesus. Assim, o poder do Espírito de Deus e o sinal sacramental da água manifestam a ação de Cristo na Igreja. Passar pela água da morte e da vida significa associar-se ao Senhor em seu mistério pascal e à sua comunidade. Essa água pela qual passa o catecúmeno não é uma água qualquer. Ela é santificada pela força do Espírito Santo. É graças a essa santificação que o ser humano pode renascer. Todos os que passam por ela são chamados a traduzir no cotidiano sua vida em Deus. Para isso o testemunho se torna indispensável. O agir dos batizados neste mundo revela a presença de Deus junto de seu povo, sobretudo dos mais sofredores.

A Igreja hoje continua cumprindo o mandato do Senhor de batizar (cf. Mt 28,19). Há todo um ritual do batismo elaborado. Em todos os ritos, já desde os primórdios, costumava-se benzer a água, antes de usá-la para o batismo. Assim, também no rito romano prescreve-se a bênção da água. Isso pode se ver desde o Sacramentário Gregoriano. No contexto da Contrarreforma, no missal promulgado por Pio V para toda a Igreja, se encontra, na celebração da vigília pascal, também a bênção da água batismal. Após o Concílio Vaticano II (1962-1965), na reforma litúrgica, foram elaboradas três eucologias para bênção da água batismal. Em todas as preces de bênção há subjacente uma teologia batismal ou afirmações que iluminam algum aspecto dessa teologia.

Existem vários métodos de fazer teologia. Entre eles está o mistagógico. Buscar extrair da oração da Igreja uma teologia se faz necessário, porque aquilo que a comunidade eclesial reza manifesta o que ela crê. Portanto, no batismo a Igreja afirma sua fé. Nesse sentido, urge compreender deste modo teologicamente a fé professada a partir deste sacramento. Essa compreensão poderá colaborar para melhor entender a importância e o significado do batismo no caminho catecumenal. O batismo se cumpre na fé da Igreja. Assim o ato de fé é um pressuposto para dele se aproximar. Ele chama à adesão e à resposta de fé. A fé batismal reveste de luz, por assim dizer, toda a existência humana. Essa existência é colocada no contexto salvífico, uma vez que “pelo batismo os homens são inseridos no mistério pascal de Cristo” (SC 6) . Deste modo, o batismo inaugura uma vida nova em Cristo bem como na comunidade eclesial.

O propósito desta dissertação é desentranhar essa teologia para construir uma teologia batismal que surja do próprio rito. Inspira-nos neste propósito o adágio de Próspero de Aquitânia (+465) “*ut legem credendi lex statuat supplicandi*”. Para isso, escolheram-se algumas eucologias do rito romano. A dissertação será composta de quatro capítulos.

O primeiro capítulo será dedicado à discussão metodológica. Ter-se-á no horizonte o desenrolar da metodologia aplicada à teologia dos sacramentos. Nesse sentido, os dois milênios teológicos servirão de referência para poder percorrer esse itinerário. Será privilegiada a discussão a respeito da mistagogia. O capítulo terá duas subdivisões. A primeira subdivisão do capítulo consistirá em verificar a mistagogia como método adequado para uma teologia dos sacramentos. Para melhor abordar esse assunto, essa subdivisão será composta por cinco itens. No primeiro buscar-se-á apontar a redescoberta do método mistagógico que tem sua origem na teologia patrística, a partir das catequeses proferidas e/ou escritas pelos Santos Padres a respeito dos sacramentos da iniciação cristã. O segundo item consistirá em ver a liturgia como lugar teológico, haja vista que a mistagogia pertence ao campo da teologia da liturgia. No terceiro, buscará verificar as raízes veterotestamentárias da mistagogia e como ela já está presente, de alguma forma, no rito judaico. No quarto item será apontada a profundidade teológica da mistagogia e sua relação com Cristo. Por fim, o quinto consistirá em mostrar a atualidade da mistagogia. A segunda subdivisão buscará entrar no objeto da pesquisa, que é a bênção da água batismal. Por isso o foco consistirá em verificar a bênção da água como acesso a uma mistagogia batismal. Essa subdivisão será composta por três itens. No primeiro serão verificadas as reminiscências escriturísticas da água. O segundo consistirá em apontar a tradição da bênção da água desde a primeira notícia que se tem a respeito deste assunto na tradição cristã. O terceiro item mostrará os princípios para uma análise literário-teológica das orações de bênção da água batismal.

O segundo capítulo se deterá em analisar a oração de bênção da água batismal no Sacramentário Gregoriano e no Missal de Pio V. Procurará verificar a teologia que dele se pode desentranhar. O capítulo terá cinco itens. O primeiro será o texto da oração numa tradução de trabalho. No segundo será apontado o problema da análise literária do texto, uma vez que não segue a lógica da forma literária de *todá*. O terceiro item será dedicado a analisar os elementos anamnético-celebrativos presentes na oração. No quarto analisará os elementos epicléticos. O último item consistirá em apontar outros elementos contidos na prece que não se encaixam nem como elementos anamnético-celebrativos e nem como elementos epicléticos e que são importantes para compreender melhor a teologia que surge da prece.

O terceiro capítulo consistirá em analisar as três opções de bênção sobre a água batismal no ritual do pós Vaticano II. O capítulo será composto de três subdivisões. Todas as três serão compostas por três itens. O primeiro consistirá numa tradução de trabalho do texto da prece. O segundo dedicará à análise da secção anamnético-celebrativa, buscando perceber a fundamentação teológica para o que será posteriormente pedido. O terceiro versará sobre a secção epiclética das eucologias, que consiste basicamente na súplica a respeito da santificação da água. Em todas as preces verificar-se-á a teologia que delas surge.

O quarto e último capítulo será dedicado a perspectivas teológicas e pastorais que foram desentranhadas das preces de bênção sobre a água batismal analisadas. A primeira subdivisão do capítulo contemplará a perspectiva teológica, que terá como referência as dimensões histórico-salvíficas. Essas dimensões serão desdobradas em três itens. O primeiro consistirá na dimensão cristológica. O segundo item será a respeito da dimensão pneumatológica. O terceiro abordará a dimensão eclesiológica. A segunda subdivisão se dedicará à perspectiva pastoral. Dois serão os itens. O primeiro buscará apontar uma reflexão a respeito da urgência de uma catequese mistagógica hoje. O segundo item terá como tema a *lex agendi*, uma vez que o batismo convoca ao compromisso com a história.

Os capítulos articulados entre si buscarão evidenciar que a força simbólica do batismo permite significar e atualizar a obra salvífica realizada por Deus em Jesus Cristo pela força do Espírito Santo.

## CAPÍTULO I

### DOIS MILÊNIO – DUAS METODOLOGIAS

A pesquisa teológica comporta a escolha de método. Durante o desenrolar da história da teologia, desde a antiguidade até a contemporaneidade, no Oriente e no Ocidente, vários foram os métodos utilizados. Eles sempre estiveram associados ao contexto epocal. Sua finalidade consiste em evidenciar o fato revelado. Seu assunto é Deus. Ela trata de Deus mesmo e de tudo o mais enquanto se relaciona com Deus<sup>1</sup>. O método é o caminho da reflexão teológica para que se possa pensar sobre a fé. Estrutura a reflexão sobre o crer. Dessa forma, engendra o processo de fazer teologia. As diferenças entre as teologias dependem do método utilizado. Nesse sentido, percebe-se que não há apenas um método, pois não existe somente uma teologia. Há uma pluralidade. É diante dessa pluralidade que o saber teológico se move. Assim, eles dependerão do corte que se faz. “A metodologia teológica não se ocupa diretamente com o conteúdo da teologia (teorias) mas com a sua forma, seu processo, sua prática. Ela não ensina teologias feitas; ensina sim a fazer teologia<sup>2</sup>”. A partir do método, fazer teologia, significa, para o teólogo buscar realizar sua tarefa que é de dar razão da própria fé (cf. 1 Pd 3,15). Essa é uma tarefa desafiadora, pois implica o diálogo se se deseja oferecer uma palavra eficaz, edificante e fecunda para os homens e mulheres de hoje.

A teologia é ato segundo. Nesse sentido, os métodos teológicos também são atos segundos. O ato primeiro é a contemplação e a prática. Contempla-se Deus que se revela na história de seu povo, tendo seu ápice em Jesus de Nazaré, o ungido. Vivem-se as exigências oriundas da própria revelação. “Esse silêncio, esse *ato primeiro* é condição e mediação necessária para poder falar do Senhor, para que seja possível fazer Teologia, discurso, *ato segundo*<sup>3</sup>”. Discursar sobre Deus, servindo-se de método, é a tarefa teológica, uma vez que a fé busca a inteligência. O *intellectus fidei* testemunha que a fé não é irracional. Ela possui uma racionalidade própria. Essa racionalidade provém da escuta da Palavra, uma vez que o ser humano dela é o seu ouvinte<sup>4</sup>.

O método teológico está sempre em correlação com o estatuto epistemológico das disciplinas investigadas, tais como cristologia, pneumatologia, antropologia, trindade,

---

<sup>1</sup> Cf. STh I q. 1, a. 7.

<sup>2</sup> BOFF, Teoria do método teológico, p.18.

<sup>3</sup> TABORDA, Métodos teológicos na América Latina, p.310-311.

<sup>4</sup> Cf. RAHNER, Curso fundamental da fé, p.37-50.

sacramentos, etc.<sup>5</sup>. Para cada disciplina existe um ou até mais de um método. Não poderia ser diferente, uma vez que, como já dito anteriormente, existe uma pluralidade de teologias. É considerando esse estatuto que podemos aproximar-nos da melhor forma do objeto pesquisado. Eles colaboram para que se possa responder de forma adequada à pergunta fundamental proposta por cada disciplina teológica.

Tendo presente essa discussão a respeito do método teológico, esse primeiro capítulo se desenvolverá em dois momentos. A intenção consiste em colocar a questão metodológica que será utilizada para a pesquisa do objeto dessa dissertação que é a teologia batismal a partir das eucologias de bênção sobre a água do batismo. São eles: 1) A mistagogia como método adequado para uma teologia dos sacramentos; 2) A bênção da água como acesso a uma mistagogia batismal.

### **3. A mistagogia como método adequado para uma teologia dos sacramentos**

A mistagogia consiste num método adequado para uma teologia dos sacramentos. É o método utilizado pelos Padres em suas catequeses que visavam a ensinar os catecúmenos sobre os mistérios. Mas afinal que método é esse? Para responder essa pergunta, esse item será dividido em cinco pontos, a saber: 1) a redescoberta do método mistagógico; 2) a liturgia, lugar teológico; 3) as raízes veterotestamentárias da mistagogia; 4) a profundidade teológica da mistagogia; 5) a atualidade da mistagogia.

#### **3.1.A redescoberta do método mistagógico**

Dois milênios<sup>6</sup>, duas metodologias. Essa é a constatação que se faz ao percorrer as reflexões teológicas em teologia sacramental. O marco divisor entre eles consiste em que no primeiro milênio a teologia era oriunda da pregação feita pelos pastores da Igreja. Nasce do coração da liturgia, enquanto no segundo milênio, a teologia se torna acadêmica. Sua elaboração é na escola<sup>7</sup>. Os Padres do Ocidente e do Oriente são os representantes da teologia do primeiro milênio. Já no segundo, existem vários expoentes, entre os quais se destaca Pedro Lombardo (+1160), o Mestre das Sentenças. Ele com o seu método reduziu o mistério

---

<sup>5</sup> BUSTAMANTE et al, *Los métodos en teología*, p.10.

<sup>6</sup> Os milênios são teológicos e não cronológicos.

<sup>7</sup> Cf. GIRAUDO, *In unum corpus*, p.09-32.

celebrado a um sistema. Esse sistema “responde a uma dinâmica de tipo mecanicista<sup>8</sup>”, que consiste em seccionar, separar, desunir, manipular, desmontar, cortar e classificar até os limites lógicos o fato sacramental, na tentativa de aclarar, organizar e sistematizar.

No primeiro milênio o método é desentranhado da liturgia. A centralidade do mistério pascal era determinante. A celebração era vivenciada e compreendida como memorial do mistério de Deus atuando na história. “A liturgia de grande parte do primeiro milênio, pelo menos dos oito primeiros séculos, foi uma liturgia que, procurando ser fiel à tradição cristã e apostólica, adaptou-se a diferentes povos com sua cultura, tanto no Oriente como no Ocidente<sup>9</sup>”. Na patrística, a liturgia possuía autoridade. Essa autoridade estava vinculada com o conceito de tradição. Ela tem autoridade porque faz parte da tradição.

No segundo milênio desloca-se o centro do mistério pascal celebrado para as devoções. A liturgia passa a ser acentuadamente clerical. “No segundo milênio, com a força da reforma gregoriana e a codificação dos livros litúrgicos no tempo de Inocêncio III, implanta-se definitivamente na igreja romana o modelo de liturgia clerical, distante do povo, herdado sobretudo da fusão romano-franco-germânica do século VIII<sup>10</sup>”. Dessa forma, abre-se espaço, a partir de outra perspectiva de vida litúrgica, para outra forma de se pensar a teologia dos sacramentos. Uma vez que o ponto de referência já não consistia mais na reflexão do mistério celebrado na liturgia, a teologia sacramental lançou mão de outro itinerário no campo reflexivo.

Percorrendo os dois milênios, podem-se perceber duas metodologias. Na metodologia do segundo milênio encontram-se dois métodos. O primeiro é chamado de método regressivo. Este é do período pós-tridentino. Ele “é bem representado pelo conjunto dos tratados clássicos, tenham eles sido redigidos em latim, ou, nos últimos cinquenta anos, nas línguas modernas<sup>11</sup>”. Ele tem um objetivo. Consiste em aprofundar a inteligência dos sacramentos a partir do magistério. É um método estático. Parte das definições elaboradas pelo Concílio de Trento (1545-1563) e retorna após uma reflexão ao próprio Concílio de Trento<sup>12</sup>. O segundo método é o progressivo. Ele é histórico. Considera a Escritura como um momento que pertence ao passado. Quando o manualista histórico utiliza a Escritura, ele se limita a introduzir um versículo solitário. A alternativa a esses dois métodos é a volta

---

<sup>8</sup> Ibid., p.14.

<sup>9</sup> BUYST; SILVA, O mistério celebrado, p.41.

<sup>10</sup> BUYST; SILVA, O mistério celebrado, p.59.

<sup>11</sup> GIRAUDO, *In unum corpus*, p.05.

<sup>12</sup> Ibid., p.05.

qualificada ao primeiro milênio, seguindo o método mistagógico, devidamente transformado para adaptar-se ao mundo acadêmico.

O método mistagógico remonta aos séculos IV-V. Pertence ao primeiro milênio teológico. Era utilizado pelos Padres da Igreja. Eles se serviam dele sem, no entanto, ter uma preocupação do ponto de vista metodológico em termos modernos como se compreende a palavra “método” nas ciências. Faz-se necessário sublinhar que a mistagogia nos primeiros séculos da Igreja constituía uma forma de fazer teologia. Mistagogia é uma palavra de origem grega. Sua origem está no verbo *myeo*. Esse verbo possui dois significados: 1) ensinar uma doutrina; 2) iniciar aos mistérios. O termo “mistagogia” é aplicado aos sacramentos pela primeira vez pelos Padres capadócijs. Na Igreja antiga a mistagogia era praticada nas catequeses proferidas pelos Santos Padres. Essas catequeses estão inseridas no tempo e no espaço. Eles não elaboraram um tratado a respeito do método mistagógico. O termo “mistagogia” atualmente se refere às catequeses sobre os sacramentos e de modo muito particular diz respeito aos sacramentos da iniciação cristã<sup>13</sup>.

As catequeses dos Padres da Igreja evidenciam uma teologia. É a teologia mistagógica. Seu intento consiste em tornar inteligível o mistério. Tal teologia tem como pano de fundo o método tipológico. Todos os Padres de alguma forma fundamentaram suas catequeses e homilias a partir dele. Cada um com sua particularidade. Isso é notório quando se aproximam os Padres que estão na esteira da escola alexandrina àqueles que estão na da escola antioquena. Os primeiros são mais alegóricos enquanto os segundos são mais literais. Há um erro em que se pode cair ao adentrar no terreno da mistagogia. Este erro consiste em pensar que ela é tão-somente uma forma de se fazer teologia da espiritualidade. Evidentemente não se descarta a possibilidade de uma teologia da espiritualidade. No entanto, a mistagogia não é só sobre a espiritualidade dos sacramentos. Por isso, o que não se pode é reduzi-la somente a esse âmbito. Pode-se dizer nesse sentido que a espiritualidade dos sacramentos emerge da mistagogia. A teologia mistagógica faz parte do âmbito da teologia da liturgia.

O uso da Escritura para a mistagogia é indispensável. Ela é princípio norteador dos Padres em suas catequeses e homilias. “Sua teologia sacramentária é uma teologia bíblica<sup>14</sup>”. Em seus diversos textos, os Padres aludem frequentemente a ambos os Testamentos. É do uso da Escritura que emerge a tipologia. A intenção da tipologia é de estabelecer a relação entre o evento da salvação e o rito celebrado. “A tipologia bíblica

---

<sup>13</sup>Cf. MAZZA, La mistagogia, p.10-14.

<sup>14</sup> DANIÉLOU, Bíblia e liturgia, p.33.



aplicada à liturgia não é fruto de inspiração ou de particular genialidade dos autores; é fruto de uma técnica e um método rigoroso<sup>15</sup>”.

Considerando as diversas catequeses dos Padres do séc. IV-V, podem-se encontrar cinco etapas percorridas pelos mistagogos na explicação dos sacramentos da iniciação cristã. São elas<sup>16</sup>:

- 1) Descrições: rito, gestos, ações, formulário litúrgico. Eles são recordados pelo bispo.
- 2) Texto bíblico que narra o evento da salvação realizado por Deus. Este evento pode estar tanto no Antigo Testamento como no Novo Testamento. Não importa em qual deles se encontra. O fundamental é que a partir dele se exprime a razão pela qual se celebra a liturgia.
- 3) Foco no evento da salvação. “Nesta terceira etapa do método mistagógico vem formulada uma teologia do evento da salvação descrito no texto bíblico<sup>17</sup>”.
- 4) Aplicação ao rito celebrado de tudo o que foi descrito e elaborado.
- 5) Este último nível é o que dá origem à terminologia da sacramentalidade, como por exemplo, mistério, sacramento, figura etc.

O método mistagógico constitui um “itinerário-modelo insuperável<sup>18</sup>” para a teologia dos sacramentos. Sua insuperabilidade se deve ao fato de ser dinâmico. A reflexão sobre o culto a partir do culto era a forma utilizada pelos Padres. Por muito tempo esse modelo de elaborar uma teologia dos sacramentos caiu no esquecimento. No entanto, felizmente foi recuperado.

### **3.2.A liturgia, lugar teológico**

A liturgia é uma fonte para se compreender a revelação. O adágio *lex orandi-lex credendi* sintetiza bem o ensinamento patrístico. O adágio *lex orandi – lex credendi* se encontra no opúsculo *Indiculus de gratia Dei*. Esse opúsculo por muito tempo foi tido como de autoria do Papa Celestino I († 432). A isso se deve o fato do prestígio magisterial que o opúsculo teve. No entanto, as pesquisas na área da patrologia trouxeram à luz que, na verdade, seu

---

<sup>15</sup> MAZZA, La mistagogia, p.195.

<sup>16</sup> Ibid., p.195-196.

<sup>17</sup> Ibid., p.196.

<sup>18</sup> GIRAUDO, *In unum corpus*, p.16.

autor é Próspero de Aquitânia, secretário do Papa Leão Magno (400-461). Próspero nasceu no fim do século IV. Atraído pelo ambiente teológico e monástico que se respirava em Lérins, foi para Marselha no ano de 426. Não se tornou monge nem ministro ordenado. Permaneceu leigo. Em contato com vários mosteiros, entrou na controvérsia semipelagiana. No ano de 428, Próspero escreve para Agostinho informando da dificuldade que em Marselha vinha encontrando sua doutrina da graça. Como resposta o bispo de Hipona lhe envia dois tratados, a saber: *De praedestinatione sanctorum* e *De dono perseverantiae*. É no contexto da polêmica com os semipelagianos que Próspero cria o adágio.

O *Indiculus* recorre à autoridade dos papas, constituindo uma coletânea de textos para provar a necessidade da graça para o início da fé, não comprometendo o livre arbítrio. O argumento de Próspero para provar a iniciativa da graça de Deus para o início da fé é exatamente a norma da oração. Nesse sentido escreve:

Além dessas invioláveis deliberações da beatíssima e Apostólica Sé, com as quais os piedosíssimos Padres, rejeitada a arrogância da pestífera novidade, nos ensinaram a atribuir à graça de Cristo tanto a inicial boa vontade quanto o incremento dos louváveis esforços e perseverança neles até o fim, tenhamos em consideração também os sacramentos das públicas orações sacerdotais, que, trazidos desde os apóstolos, são celebrados uniformemente em todo o mundo e em cada Igreja católica, para que a norma do orar determine a norma do crer (*ut legem credendi lex statuat supplicandi*). (DH 246)

Esse texto expressa o testemunho da liturgia como fonte de conhecimento teológico. Para Próspero os “sacramentos das públicas orações sacerdotais” são argumento e norma para o crer. “A *lex* em questão não é um texto litúrgico, nem qualquer uso litúrgico ou determinada maneira de orar, mas a ‘ordem’ de Paulo, em 1 Tm 2,1-2, para que se interceda por toda a humanidade<sup>19</sup>”.

A liturgia como *lex orandi* é um lugar teológico. Esse lugar não é o único. Existem outros. Melchior Cano (+1560), teólogo importante no que diz respeito à questão dos lugares teológicos, em sua obra *De locis theologicis*, enumera dez. Curiosamente não menciona a liturgia como lugar teológico<sup>20</sup>. No entanto, para a teologia sacramental e para a teologia da vida espiritual, a liturgia é o *locus* privilegiado. Três são os critérios para qualificar uma prática litúrgica como *lex orandi*<sup>21</sup>: 1) a fundamentação escriturística; 2) o uso da Igreja ou *sensus Ecclesiae*. Este segundo critério tem maior peso quando a prática é de

<sup>19</sup> TABORDA, O memorial da páscoa do Senhor, p.25.

<sup>20</sup> Cf. VAGAGGINI, O sentido teológico da liturgia, p.470.

<sup>21</sup> TABORDA, O memorial da páscoa do Senhor, p.27.

origem apostólica e conhecida por todas as Igrejas; 3) o conteúdo da prece. Esses conteúdos são baseados na Escritura e na Tradição.

### **3.3.As raízes veterotestamentárias da mistagogia**

A tradição litúrgica hebraica se manteve e se mantém viva graças à memória. Eles seguiram fielmente a prescrição sobre a páscoa contida no livro do Êxodo, na qual Moisés convoca todo o povo israelita para orientar o que deve ser feito para não ser ferido pelo Senhor quando passar o anjo exterminador. Para isso eles deveriam marcar com sangue de cordeiro os marcos de suas portas e não sair de casa até o amanhecer, uma vez que o Senhor, naquela noite iria passar para ferir os egípcios (cf. Ex 12,21-23). E depois disso orientou:

Quando tiverdes entrado na terra que Iahweh vos dará, como ele disse, observareis este rito. Quando vossos filhos vos perguntarem: “que rito é este?”, respondereis: “é o sacrifício da páscoa de Iahweh, que passou adiante das casas dos israelitas no Egito” (Ex 12,25-27).

A pergunta sobre “que rito é este?”, é dirigida ao pai pelo filho mais jovem na ceia pascal, uma vez que é o pai o responsável por conduzir a liturgia da páscoa judaica. Com esta indagação, dá-se início a explicação do motivo pelo qual se celebra aquele rito<sup>22</sup>. A explicação faz com que seja recordado o significado do rito pascal. Ao explicitar o sentido, o pai preserva o rito para que não perca sua historicidade. Deus revelou o seu mistério na história. A libertação do povo se deu no tempo e no espaço, mostrando a intervenção bondosa do Senhor em livrar o seu povo da escravidão do poder opressor de Faraó. Um fato tão extraordinário que deverá ser recordado de geração em geração (cf. Ex 12,14). Para esse memorial existe um rito, que continuamente será realizado acompanhado do seu sentido originário e fonte. Nesse sentido, a cláusula de Gamaliel ensina algo com densidade teológica. A celebração pascal feita anualmente pelas famílias como memorial não é apenas uma lembrança. É por causa daquela noite em que se celebra a páscoa que o Senhor fez o povo sair da escravidão do Egito. Toda celebração é retornar teologicamente ao evento fundador da libertação<sup>23</sup>. Há uma unidade entre o rito e o evento fundador.

“Que rito é este?” consiste de certa forma na pergunta que a Igreja antiga ouviu por parte de seus filhos mais jovens. Esses filhos são os catecúmenos e os neófitos. Se na liturgia judaica havia a narração do memorial da libertação do povo hebreu por parte do pai como resposta, na liturgia da Igreja antiga essa resposta vem mediante as catequeses

<sup>22</sup> Cf. GIRAUDDO, *In unum corpus*, p.114.

<sup>23</sup> *Ibid.*, p.118-125.

mistagógicas dos Padres. Eles faziam uma verdadeira anamnese da história da salvação. Uma teologia mistagógica emergia de suas pregações e escritos. “Os Padres mostraram aos cristãos que, em toda ação litúrgica, estão presentes os eventos de salvação narrados pelo Antigo e Novo Testamento<sup>24</sup>”.

No rito litúrgico se encontra o elemento histórico que visa transportar o fiel, por meio dos pés teológicos, ao evento de toda a vida terrena de Jesus Cristo, sua morte de cruz e ressurreição. Evidencia-se o caráter encarnatório e pascal. Se a liturgia se desvencilhar de seu aspecto histórico ela se tornará estéril. Da mesma forma que na liturgia hebraica, a liturgia cristã quando desconhece o sentido do seu rito corre o risco de romper o ponto de ligação entre liturgia e história da salvação. Ela evidencia toda a história salvífica que tem sua origem na vontade de Deus Pai que chega a sua máxima realização em Cristo, continua pela ação do Espírito Santo na Igreja e encaminha-se para o seu cume na escatologia. Na liturgia é revelado o mistério de Deus. Por meio dela o Senhor estabelece um diálogo com o ser humano, fruto de sua própria iniciativa, uma vez que esse diálogo teve seu início na criação, tem seu ponto auge em Cristo e continua na liturgia e nos sacramentos<sup>25</sup>. Os ritos sacramentais cumprem uma tarefa importante: por eles a Igreja gera seus filhos na fé<sup>26</sup>.

Diante da pergunta “que rito é este?”, pode-se acrescentar outra indagação que de certa forma se torna complementar a esta: “Compreendeis o que vos fiz?” (Jo 13,12). Esse é a pergunta feita por Jesus no episódio em que ele lava os pés de seus amigos que participam da ceia. Jesus se apresenta nessa cena como mistagogo daquele gesto, quando afirma: “Se eu vosso Mestre e Senhor, vos lavei os pés, também deveis lavar-vos os pés uns dos outros” (Jo 13,14). O gesto de lavar os pés significa para os discípulos compreender o sentido da vida inteira de Jesus e de sua morte. De igual modo, entender o que Cristo realiza na ação litúrgica significa compreender o seu mistério. Nesse sentido, pode-se dizer que existe então um movimento hermenêutico entre Cristo e liturgia. Este movimento consiste em conhecê-lo através da liturgia, no intuito de que ele mesmo seja o princípio de conhecimento e de interpretação da liturgia.

---

<sup>24</sup> BOSELLI, O sentido espiritual da liturgia, p.26.

<sup>25</sup> Cf. BOROBIO, Celebrar para viver, p.19.

<sup>26</sup> Cf. DALMAIS et al., La Chiesa in preghiera, p.268.

### 3.4.A profundidade teológica da mistagogia

A mistagogia consiste numa ação cristológica<sup>27</sup>. No decorrer da história da salvação, Deus foi se revelando ao seu povo. No entanto, foi em Cristo que ele revelou plenamente o seu mistério. Essa afirmação tem sua raiz na experiência judaico-cristã. Isso é perceptível ao percorrer a Escritura e contemplar na narração do livro do Êxodo o momento em que Moisés, ao assumir sua missão de ir a Faraó para fazer sair da escravidão do Egito os israelitas, indaga àquele que o envia qual é o seu nome (3,13). Esse texto é significativo pelo fato de que mostra que o ser humano chega ao conhecimento do nome de Deus porque Iahweh<sup>28</sup>, de forma gratuita, o revela (cf. Ex 3,14). Na literatura profética nota-se que o mistério somente Deus o pode revelar. O profeta Amós nessa linha afirma que “o Senhor Iahweh não faz coisa alguma sem antes revelar o seu segredo a seus servos, os profetas” (3,7). O segredo de Deus é apresentado aos profetas. Eles são os guardiões da revelação e a transmitem ao povo.

No Novo Testamento, o apóstolo Paulo se reconhece como anunciador dos mistérios de Deus (cf. 1 Cor 2,1). Ele anuncia porque conhece. Esse conhecimento é dado por revelação. Ouvindo a Paulo ou lendo seus escritos, pode-se ter acesso à compreensão que ele tem do mistério de Cristo (cf. Ef 3,3-4). O mistério para Paulo consiste no fato de os pagãos fazerem parte do corpo de Cristo e por isso serem beneficiários da promessa por meio do evangelho (cf. Ef 3,6). “Para Paulo, portanto, Cristo não é apenas o revelador do mistério, mas é ele mesmo[Cristo] o mistério de Deus<sup>29</sup>”. Nos sinóticos há apenas uma ocorrência do termo “mistério”. Está justamente no contexto em que Jesus justifica o fato de narrar em parábolas. “Porque a vós foi dado conhecer os mistérios do Reino dos Céus” (Mt 13,11; Mc 4,11; Lc 8,10). Desse modo fica claro que os evangelhos expressam de algum modo, aquilo que vem desde a tradição veterotestamentária: Deus é o revelador dos mistérios. Jesus confia a seus discípulos os mistérios do Reino. Esse mistério é inexprimível. Ele é inexprimível pelo fato de que não se pode esgotar com as palavras sua profundidade<sup>30</sup>. A iniciação ao mistério de Deus

---

<sup>27</sup> Cf. BOSELLI, O sentido espiritual da liturgia, p.16.

<sup>28</sup> O tetragrama será utilizado na grafia proposta pela Bíblia de Jerusalém.

<sup>29</sup> Ibid., p.17.

<sup>30</sup> Cf. CASEL, O mistério do culto no cristianismo, p.20.

se dá trinitariamente<sup>31</sup>. Pela ação do Espírito Santo o cristão é introduzido no mistério de Deus. Graças a ele se pode conhecer o Pai e confessar o Filho. No entanto, é no seguimento de Jesus que se tem acesso ao mistério de Deus. Jesus revela o rosto do Pai. “Quem me vê, vê o Pai” (Jo 14,9). Colocar-se no caminho de Jesus é caminhar em direção ao Pai.

Na literatura neotestamentária não se encontra nenhuma vez o termo “mistagogia” como designação de iniciação ao mistério e tampouco é atribuída a Jesus a função de mistagogo. Essa designação é dada pelos Padres da Igreja nos III-IV séculos<sup>32</sup>.

Jesus revelou o rosto do Pai e o seu projeto de amor. Ele fez exegese de Deus (cf. Jo 1,18). A mistagogia presente na ação missionária do Unigênito vem de sua intimidade com Aquele que o enviou. A questão levantada pelas pessoas presentes na sinagoga de Nazaré, quando ele ensinava, “de onde lhe vem essa sabedoria?” oferece uma provocação para os leitores e ouvintes. O saber dele é mistagógico. É fruto de sua relação com o Pai e com as demais pessoas que o circundavam. Sua sabedoria nesse sentido ultrapassa a lógica dos adivinhos. Advém de sua proximidade com o Pai. Assim, ele se torna, com *exousia*, transmissor da autocomunicação de Deus. A verdadeira sabedoria vem de Deus. O seu Verbo, ao armar sua tenda e habitar entre a humanidade, tende a revelar o querer do Pai recapitulando tudo em si mesmo. Aos seres humanos fica o convite de acolher ou rejeitar sua proposta. A acolhida implica entrar num processo pedagógico, no qual o Mestre Jesus vai conduzindo. Desse modo, pode-se perceber de onde vem o seu saber. A conclusão não será outra que não a da mistagogia. “Cientes dessa dinâmica na ação pedagógica de Jesus, é possível dizer que a mistagogia tem uma orientação, uma meta: que aquele que está sendo iniciado atinja essa experiência pessoal de Deus, estruturada em Jesus Cristo<sup>33</sup>”. Em Jesus a experiência mistagógica pode ser percebida de modo pleno em todas as dimensões da vida humana, uma vez que o mistério é revelado à humanidade, entrando na história.

A literatura neotestamentária mostra algo emblemático. Somente as Escrituras não foram suficientes para que os discípulos pudessem aderir à fé na ressurreição de Jesus. Foi preciso que o próprio Ressuscitado fosse exegeta dos mistérios escondidos na Palavra. O episódio dos discípulos de Emaús evidencia esse aspecto (cf. Lc 24,45). Ele abriu a inteligência deles, ajudando-os a compreender o mistério oculto. Para isso Jesus serve-se da exegese rabínica. Faz uma *rarizá*. O evento pascal é ponto ápice do processo mistagógico de Jesus, mistagogo. Sendo a mistagogia uma ação cristológica, e pensando na liturgia, fica claro

---

<sup>31</sup> Cf. TABORDA, Nas fontes da vida cristã, p.111-134.

<sup>32</sup> BOSELLI, O sentido espiritual da liturgia, p.17-19.

<sup>33</sup> COSTA, Mistagogia hoje, p.91.

que os textos e os gestos litúrgicos não são suficientes para suscitar no fiel a profissão de fé pascal. É necessário que o Ressuscitado, na força do Espírito Santo, abra as mentes para que se possa compreender o sentido do mistério escondido na liturgia. “Quando a Igreja mistagoga inicia os cristãos ao mistério contido na ação litúrgica, é Cristo mesmo que abre as mentes à inteligência da liturgia<sup>34</sup>”. É Cristo no Espírito Santo. Nesse sentido, com razão, os *Lineamenta* para o Sínodo dos Bispos de 2005 ao tratar da mistagogia hoje afirma:

A mistagogia hodierna deverá evitar o alegorismo, que muitas vezes se revela indecifrável e abstrato e leva a comentários prolixos. Deverá, antes, confiar na força do Espírito, que se comunica através da sobriedade das palavras e dos gestos sacramentais. A missão do Espírito Santo é dar a inteligência do que Jesus Cristo revelou. *Ele é o mistagogo invisível*<sup>35</sup>.

### **3.5.A atualidade da mistagogia**

A mistagogia é um caminho de integração progressiva dos neófitos na fé e na comunidade cristã. Ela tem um papel fundamental de abertura para o diálogo do iniciante com toda a história da salvação. Por meio dela, aquele que é inserido na comunidade de fé tem acesso ao dado revelado e à Tradição eclesial. A mistagogia revela um aspecto fundamental do itinerário eclesial. É ação evangelizadora. Nesse sentido é interessante que ela esteja presente em todo processo de evangelização, uma vez que percorrendo o caminho mistagógico evita-se o risco de se cair numa doutrinação. A doutrinação consiste em transmitir os conteúdos da fé desprovidos de sua fonte numa experiência com Deus. “A mistagogia revela-nos a verdadeira compreensão da ação evangelizadora, como mediadora da dinâmica salvífica, ciente de seus limites e em permanente diálogo com Deus<sup>36</sup>”. Sendo assim, a comunidade assume a responsabilidade de ser mediadora da revelação, que é iniciativa gratuita e amorosa de Deus. Essa mediação se dá desde o acolhimento do iniciante ao acompanhamento em sua formação.

O itinerário mistagógico recupera o dado escriturístico. Buscando nas fontes patrísticas, descobre-se que os Santos Padres fundamentavam suas argumentações e suas catequeses na Sagrada Escritura. As Escrituras de ambos os Testamentos constituem o

---

<sup>34</sup> BOSELLI, O sentido espiritual da liturgia, p.19.

<sup>35</sup> SÍNODO DOS BISPOS, A eucaristia, nº 47. Grifo nosso.

<sup>36</sup> COSTA, Mistagogia hoje, p.79-80.

ambiente natural em que se insere a Igreja dos primeiros séculos<sup>37</sup>. Os Padres da Igreja aplicavam os dados escriturístico ao mistério celebrado, de modo que os olhos da fé pudessem ser abertos e assim os fiéis pudessem contemplar a revelação. Nesse sentido, a mistagogia torna-se elemento atual para as comunidades cristãs. Procurar nas fontes primeiras do cristianismo o sentido e significado do mistério celebrado nos sacramentos se torna um imperativo. Esse imperativo é necessário para que não se corra o risco de deixar à deriva o que se tem de mais importante que é a experiência com o evento Cristo, ápice da Revelação do Pai.

Percorrer o caminho mistagógico não é outra coisa senão adentrar no mistério de Deus Trindade. Fazer a experiência do amor e da relação que irmana a todos indistintamente. Isso cria comunidade. Por isso, a linguagem evocativa, simbólica ocupa um lugar importante, pois “dentre as linguagens presentes na experiência religiosa, aquela que reúne eficazmente esse significado é a Liturgia<sup>38</sup>”. Infelizmente a catequese mistagógica se perdeu no decorrer da história da Igreja. Segundo Mazza, historicamente foi a alegoria que matou a mistagogia<sup>39</sup>. Ainda hoje é uma árdua tarefa a recuperação de pensar a catequese desde a mistagogia. No entanto é urgente, uma vez que a mistagogia colabora para que o batizado possa apreender a história da salvação a partir de uma densidade teológica, longe de toda doutrinação.

#### **4. A bênção da água como acesso a uma mistagogia batismal**

O método mistagógico se revela como um itinerário fecundo para se fazer teologia dos sacramentos. Nesse sentido, o sacramento do batismo pode ser pensado a partir desse método. A bênção da água consiste num elemento importante para o acesso a uma mistagogia batismal. No entanto, qual é o acesso que a bênção da água favorece para uma mistagogia batismal? Essa pergunta será respondida nesse tópico em três momentos. São eles: 1) reminiscências escriturísticas da água; 2) a tradição da bênção da água; 3) princípios para uma análise literário-teológica das orações de bênção da água batismal.

---

<sup>37</sup> Cf. MAZZA, La mistagogia, p.23.

<sup>38</sup> COSTA, A mistagogia em Cirilo de Jerusalém, p.137.

<sup>39</sup> Cf. MAZZA, La mistagogia , p.28.



#### 4.1. Reminiscências escriturísticas da água

O elemento água está presente nas Escrituras. Desde o início da criação ela é mencionada. Percebe-se o desenvolvimento do mistério da água já no livro do Gênesis<sup>40</sup>. Lá aponta que o Espírito de Deus, nos primórdios da criação pairava sobre ela tornando-a capaz de gerar vida (cf. Gn 1,2). Percorrendo toda a tradição veterotestamentária é possível observar a presença da água com seu simbolismo em vários momentos. Alguns exemplos: No dilúvio, quando Deus diz a Noé que fará chover sobre a terra durante quarenta dias e quarenta noites, no intuito de fazer desaparecer da superfície do solo todos os seres com exceção de Noé e daqueles que na arca com ele estavam (cf. Gn 7,4). Na travessia do Mar Vermelho, em que Moisés, conduz o povo para que fossem libertos do poder de Faraó. Obedecendo a Deus, Moisés levanta a vara e estende a mão sobre o mar, dividindo-o para que os hebreus pudessem atravessar escapando do poder opressor (cf. Ex 14,15-31). Na caminhada para o deserto de Sur, quando o povo após andar durante três dias sem beber água, ao chegar em Mara não podiam dela beber porque era amarga. Moisés clama ao Senhor e este lhe mostra um pedaço de madeira, que, lançada na água, tornou-a doce (cf. Ex 15,22-25). Em Massa e Meriba Moisés fere a rocha e dela sai água para que o povo possa beber (cf. Ex 17,6). A passagem do Rio Jordão sob o comando de Josué (cf. Js 3,14-17). Naamã que mergulhando sete vezes no Jordão é purificado da lepra (cf. 2 Rs 5,1-14). Isaías diz que com alegria irá tirar água das fontes da salvação (cf. Is 12,3). Na visão de Ezequiel do novo templo a água escorre sob o limiar para o lado do oriente e gera vida onde ela atingir (cf. Ez 47,1-12).

A água está também presente na literatura neotestamentária. Alguns exemplos da presença do elemento água: Jesus é batizado por João nas águas do Jordão (cf. Mc 1,9; Mt 3,13; Lc 3,21). Jesus caminha sobre as águas (cf. Mc 6,48; Mt 14,26; Jo 6,19). Nas bodas de Caná Jesus transforma a água em vinho, trazendo a alegria e despertando a fé nos discípulos (cf. Jo 2,1-11). No diálogo com a mulher samaritana Jesus diz que a água ofertada por ele sacia a sede de uma vez por todas (cf. Jo 4,14). Aos judeus, Jesus diz que se alguém tiver sede vá até ele e beba, porque aquele que nele crê de seu seio jorrarão rios de água viva (cf. Jo 7,37-38). A cura do cego de nascença, quando Jesus manda que se lave na piscina de Siloé, que é a piscina do Enviado (cf. Jo 9,7). Ao morrer na cruz, do lado do Senhor aberto pela lança corre água e sangue (cf. Jo 19,34). No livro do Apocalipse, o autor serve-se da metáfora da água da vida. O Cordeiro apascenta os que vêm da grande tribulação até as fontes de água viva (cf. Ap

---

<sup>40</sup>Cf. GOEDERT, Teologia do batismo, p.101.

7,17). Aquele que é o Alfa e o Ômega oferece aos que tem sede de forma gratuita a água viva (cf. Ap 21,6). No Apocalipse, inspirando-se no sentido escatológico da água, presente no Antigo Testamento, “a água significa a comunhão escatológica com Deus. Sua presença caracteriza a Nova Jerusalém<sup>41</sup>”.

Na Escritura, ao se tratar da água observa-se um paralelo entre vida-morte, liberdade-escavidão. A importância de apontar alguns textos bíblicos referentes à água se impõe pelo fato de visualizar o rico simbolismo aquático presente na Escritura. A tradição litúrgica também viu a riqueza que esse elemento traz. A água não passou despercebida pela tradição. A tradição litúrgica soube considerá-la. Ela captou sua significância no projeto salvífico de Deus. No entanto, a água e os banhos lustrais não são símbolos exclusivos da Igreja. Ela é um símbolo que inúmeras religiões utilizaram como sinal de purificação<sup>42</sup>.

Partindo do testemunho bíblico, a liturgia serve-se da água para o sacramento do batismo. Ela é um símbolo que revela a salvação operada por Deus ao longo da história da humanidade, cujo ponto culminante se deu em Jesus Cristo. No batismo a água significa purificação e morte, ressurreição e vida, seio materno e nascimento para a vida nova, princípio e meta para a vida cristã. Por ter caráter pneumatológico, o batismo não se realiza somente pela água, mas é necessária a presença do Espírito, uma vez que é ele que realiza a renovação do ser humano. Posto isso, observa-se na tradição que a água utilizada para o banho batismal era sempre abençoada. Suplicava-se que o Espírito Santo viesse sobre a água santificando-a para que pudesse ser fonte geradora de vida, pois “o batismo é um banho com água, sinal de purificação, de morte e ressurreição<sup>43</sup>”. Até a reforma promovida pelo Concílio Vaticano II (1962-1965) a maioria das orações de bênção da água continha exorcismos. Havia até mesmo a mistura do sal na água, por volta do século VI, com intuito de imitar o gesto de Eliseu em 2Rs 2,20-22<sup>44</sup>. Segundo Rocchetta, nos primeiros séculos do cristianismo a água era benta sempre que se celebrava o batismo. As igrejas do Oriente conservaram essa prática. Já na Igreja latina, esse costume foi seguido até a alta Idade Média, quando houve uma mudança que consistiu em que a bênção fosse pronunciada somente nas vigílias da Páscoa e de Pentecostes. A partir de 1956 reservou-se essa liturgia de bênção somente para a vigília

---

<sup>41</sup> TABORDA, Nas fontes da vida cristã, p.168.

<sup>42</sup> BOROBIO, Celebrar para viver, p.182.

<sup>43</sup> Ibid., p.56.

<sup>44</sup> Cf. GOEDERT, Teologia do batismo, p.113.

pascal. Foi a reforma litúrgica do Vaticano II que na *Sacrosanctum concilium* estabeleceu a possibilidade de a bênção acontecer na própria celebração batismal fora do tempo pascal<sup>45</sup>.

---

<sup>45</sup> ROCCHETTA, Os sacramentos da fé, p.253-254.

## 4.2. A tradição da bênção da água

O testemunho mais antigo referente à bênção da água batismal é de Tertuliano (160-220). Sua obra sobre o batismo, *De Baptismo*, escrita entre os anos 200-205, constitui um dos textos dogmático-polêmicos do autor. É a primeira obra monográfica sobre o batismo cristão de que se tem conhecimento. Tertuliano escreveu essa obra como resposta à heresia dos cainitas. O capítulo quarto da obra trata da santificação da água pelo Espírito. Nele Tertuliano fala do Espírito que fora chamado para pairar sobre as águas com intuito de santificá-las, remetendo a Gn 1,2. Assim, a água recebeu a santidade do Espírito. Uma vez santificada, ela se torna santificante. A partir disso, Tertuliano fala sobre a bênção da água batismal:

Todas as espécies de água, em virtude da antiga prerrogativa de sua origem, participam do mistério de nossa santificação, pela invocação de Deus sobre elas. Feita a invocação o Espírito vem logo do céu e paira sobre as águas, santifica-as por sua presença e, assim santificadas, se impregnam do poder de santificar por si<sup>46</sup>.

Outro testemunho vem da Tradição Apostólica. A provável datação dessa obra é do século III. No entanto, ela sofreu retoques e acréscimos até o século IV. Foi atribuída a Hipólito de Roma<sup>47</sup>. A segunda parte da Tradição Apostólica dedica-se à forma de como a comunidade cristã devia preparar os que iriam fazer parte dela, mediante os sacramentos da iniciação cristã. É nessa parte que se fala da bênção da água batismal. Indica o momento em que se deve proceder à bênção no sábado santo e o tipo de água utilizada. Diz o texto: “Ao cantar do galo, reze-se, primeiro, sobre a água. Deve tratar-se de água corrente, na fonte, ou derramando-se do alto; assim deve ser exceto, porém, em caso de necessidade: se esta persistir, ou for premente, usa-se a água que encontrar<sup>48</sup>”.

Cirilo de Jerusalém (313-386) em suas catequeses pré-batismas faz menção à bênção da água batismal. As dezoito catequeses são dirigidas aos catecúmenos durante o período quaresmal. É na terceira catequese que o bispo de Jerusalém refere-se à bênção. Com sua exortação estabelece uma relação entre as oferendas apresentadas nos altares dos gentios, sobre as quais era feita uma invocação aos ídolos, e a água batismal que recebe a invocação

---

<sup>46</sup> TERTULIANO, Sobre o batismo, 4, p.24.

<sup>47</sup> Cf. TABORDA, A Igreja e seus ministros, p.64, nota 70.

<sup>48</sup> HIPÓLITO DE ROMA, Tradição apostólica, nº21, p.51.

da Trindade. Ambas inicialmente são puras; o que é dito sobre elas faz com que se tornem santificadas ou contaminadas. Diz Cirilo:

Não consideres este banho [batismo] como de água comum, mas atende à graça espiritual que é dada juntamente com a água. Pois, como as oferendas levadas aos altares [dos gentios] são, por natureza, simples e puras, mas se contaminam pela invocação dos ídolos, assim, ao contrário, a simples água, recebendo a invocação do Espírito Santo e de Cristo e do Pai, adquire a força de santificação<sup>49</sup>.

Ambrósio de Milão (337-397) também faz referências à bênção sobre a água batismal. Elas estão presentes em suas duas obras de catequeses mistagógicas. São elas: *De sacramentis* e *De mysteriis*. A primeira foi composta provavelmente por volta de 380-390 e a segunda entre 387 e 391. Em *De sacramentis*, ao falar sobre a água faz a distinção entre a água como simples elemento e a água consagrada para o batismo. Nesse sentido, ao instruir o catecúmeno sobre o que ele vê no momento da liturgia batismal diz:

Viste a água, mas nem toda água cura; contudo, a água que contém a graça de Cristo cura. Uma coisa é o elemento, outra é a consagração; uma coisa é o ato, outra é a eficácia. O ato é da água, mas a eficácia é do Espírito Santo. A água não cura, a não ser que o Espírito Santo tenha descido e consagrado essa água<sup>50</sup>.

Em *De mysteriis*, o bispo de Milão serve-se da imagem da fonte amarga de Mara, na qual Moisés o pedaço de madeira mostrado pelo Senhor (cf. Ex 15,22-25). Com isso a água se tornou doce. Ambrósio compara o madeiro com a cruz de Jesus. A água batismal é consagrada pela cruz salutar. O sacerdote é o ministro que coloca na água, por meio da bênção, a cruz.

A água, com efeito, sem a menção da cruz do Senhor, não serve em nada para a salvação futura, mas quando ela foi consagrada pelo mistério da cruz salutar, então ela está preparada para servir de banho espiritual e de taça salutar. Assim como Moisés, isto é, o profeta pôs a madeira naquela fonte, também o sacerdote põe nesta a menção da cruz do Senhor, e a água se torna doce para a graça<sup>51</sup>.

Teodoro de Mopsuéstia (350-428) possui uma série de homilias catequéticas. Elas foram pronunciadas depois de 383 e antes de 392. Nessas homilias há um momento em que Teodoro se refere à bênção da água batismal. Destaca que ela não é uma água comum, pois o

---

<sup>49</sup> CIRILO DE JERUSALÉM, Catequeses pré-batismais, nº 3,3, p.37.

<sup>50</sup> AMBRÓSIO, Sobre os sacramentos, 1,15, p.35.

<sup>51</sup> AMBRÓSIO, Sobre os mistérios, nº14, p.84.

Espírito Santo desceu sobre ela e por isso se torna a água do novo nascimento. A respeito disso diz Teodoro:

Feita a unção, e no momento estabelecido, “tu desces na água consagrada pela bênção do celebrante”. Certamente, não és batizado somente na água comum, mas na água do novo nascimento que não pode se tornar tal a não ser pela vinda do Espírito Santo. O celebrante deve ter pedido preliminarmente a Deus, usando as palavras estabelecidas pelas regras do rito pontifical, que a graça do Espírito Santo venha sobre a água<sup>52</sup>.

As Constituições Apostólicas, de autor desconhecido, é um documento siríaco de caráter litúrgico-canônico composto entre 375-380. Ele traz um formulário de bênção sobre a água batismal<sup>53</sup>.

Com esses testemunhos fica evidente que a bênção da água batismal existe desde os primórdios do cristianismo. Sendo assim, a oração sobre ela é um meio útil para se chegar a uma teologia do batismo, uma vez que ela está inserida no contexto do rito. Indubitavelmente, dela pode se desentranhar uma teologia que favoreça uma melhor compreensão desse sacramento da iniciação cristã, a partir da *lex orandi*.

### **2.3. Princípios para uma análise literário-teológica das orações de bênção da água batismal**

O gênero literário das orações de bênção sobre a água batismal da liturgia romana que podem ser classificadas como “preces solenes” é um gênero análogo ao das anáforas, das preces de ordenação ou de qualquer outra eucologia importante para a celebração dos sacramentos. Sua forma literária deriva da *todá*. *Todá* é um substantivo hebraico. Procede do verbo *yadáh* (*ydh*). O seu significado é confessar, proclamar. Na Escritura a *todá* nada mais é do que a confissão do amor misericordioso de Deus e a confissão da infidelidade do povo à aliança. O povo reconhece sua infidelidade e fraqueza e ao mesmo tempo proclama a fidelidade do Senhor e sua vontade salvífica. É, portanto, uma celebração da aliança<sup>54</sup>. No contexto da teologia da aliança, esse tipo de oração é a melhor forma de expressar os sentimentos do vassalo ao ser reintegrado na relação com seu suserano<sup>55</sup>. “No caso das ‘preces solenes’ cristãs, em geral a confissão tem por objeto a ação salvífica de Deus que

---

<sup>52</sup> TEODORO DE MOPSUÉSTIA, *Le omilie catechetique*, nº 9, p.171.

<sup>53</sup> Cf. LES CONSTITUTIONS APOSTOLIQUES, nº VII, 43, 1-5, p.102-105.

<sup>54</sup> Cf. GOPEGUI, *Eukharistia*, p.59.

<sup>55</sup> Cf. GIRAUDO, *In unum corpus*, p.201.

culmina na autocomunicação por Cristo no Espírito Santo<sup>56</sup>. Assim, as preces solenes são chamadas de oração de aliança pelo fato de sua dinâmica teológica se referir a relação entre Deus e a humanidade.

A *todá* como forma literária possui uma estrutura bipartida. Essa característica articula uma prótese no indicativo e uma apódose no imperativo. No discurso da aliança a história passada da relação é expressa no modo indicativo enquanto o modo imperativo é utilizado para estabelecer as regras que regerão o futuro da relação entre o suserano e o vassalo<sup>57</sup>. O livro de Josué 24, 2-15 traz um exemplo dessa estrutura bipartida. O texto está inserido no contexto da grande assembleia de Siquém. Os vv. 14-15 remetem a uma obrigação do povo que consiste em temer ao Senhor e servi-lo na perfeição e na fidelidade, lançando fora os deuses para adorar apenas o Deus de Israel. Essa obrigação só é concebível para o ambiente do Médio Oriente antigo e cultural bíblico graças à prótese histórica dos vv.2-13, na qual se faz memória da caminhada do povo hebreu, desde o tempo de Taré, pai de Abraão, até a posse da terra de Israel. Assim, a apódose se justifica e se fundamenta pela prótese histórica. Outro exemplo pode se verificar em Dt 32,4-25. Nesse texto os VV. 19-25 trazem a declaração de condenação ao exílio; são a apódose. Essa declaração emerge da prótese histórica nos vv. 4-18, na qual se faz memória dos benefícios não correspondidos que Deus fez para o seu povo. Nesse texto se evidencia a comparação entre a história de fidelidade de Deus e a história de infidelidade do vassalo. Sem a prótese histórica a condenação se torna juridicamente inconsistente.

Partindo da estrutura fundamental bipartida da *todá*, a prótese no indicativo será chamada de secção anamnético-celebrativa e a apódose suplicante será designada secção epiclética<sup>58</sup>. A secção anamnético-celebrativa é a primeira parte do formulário. Nela a comunidade orante, por meio de seu representante, eleva seu louvor a Deus celebrando-o. Faz anamnese da história da graça de Deus e da história do pecado do povo, da história das maravilhas por Deus operadas em favor do seu vassalo e, ao mesmo tempo, a infidelidade por parte desse vassalo. Poder-se-ia pensar que essa parte é desnecessária, bastando passar imediatamente para o pedido dirigido ao Senhor. No entanto, tal reflexão é infundada. Essa secção é fundamental pelo fato de que coloca as premissas lógicas e teológicas que fundamentarão o pedido que será feito posteriormente. Baliza a motivação da súplica elevada a Deus. A secção epiclética é a segunda parte do formulário. Nela está o pedido. O pedido é

---

<sup>56</sup> TABORDA, O memorial da páscoa do Senhor, p.87.

<sup>57</sup> Cf. GIRAUDO, *In unum corpus*, p.203.

<sup>58</sup> Cf. *Ibid.*, p.204.

feito em harmonia com o que foi expresso na secção anamnético-celebrativa. É uma interpelação suplicante da comunidade reunida como assembleia cultual, uma vez que a criatura, mesmo como parceira da aliança, não pode fazer exigências a Deus, pois a parceria não é igual, mas desigual, já que Deus mantém sempre seu projeto de fidelidade e a criatura não.

As duas partes da oração de aliança são articuladas. Geralmente essa articulação é feita mediante partículas lógico-temporais como “e agora”, “por isso”, “portanto”, etc. Desse modo, essas partículas são elementos que indicam a estruturação da prece de aliança.

A prece de aliança pode se estruturar em três dinâmicas. A primeira dinâmica é a oracional simples. É um discurso elevado a Deus com nossas palavras. O texto de Ne 9,5-37 exemplifica bem essa modalidade. O contexto imediato à oração contida neste capítulo está expresso nos vv.1-5. Neles aparecem os elementos exteriores que caracterizam o rito penitencial (v.1). Diz-se que em pé os israelitas confessaram os seus pecados e as iniquidades de seus pais (v.2). Divide o tempo dedicado à oração em duas partes (v.3). Afirma que um grupo de pessoas invocou o Senhor em alta voz (v.4). No v.5 encontra-se um diálogo invitatório. Segue imediatamente a secção anamnético-celebrativa. Os vv.6-8 reconhecem por duas vezes “Tu és Iahweh”. Nesses versículos a cena transita em dois espaços, são eles: o céu (v.6) e a terra (vv.7-8). A cena no céu mostra que as criaturas angélicas se prostram diante do Senhor, sendo este um gesto de resposta amorosa ao Senhor que a toda criação dá vida. Já na terra a cena tem seu desfecho reportando ao agir divino, afirmando que Deus cumpre as promessas feitas, pois é justo.

Quatro episódios são rememorados recordando o que aconteceu na terra entre Deus e o seu povo, parceiros da aliança. No primeiro (vv.9-15) a comunidade orante reconhece os benefícios operados pelo Senhor desde a escuta do clamor do povo que sofria a opressão imposta por Faraó até o maná vindo do céu ofertado ao povo que caminhava pelo deserto. O protagonista é o próprio Senhor que vem em socorro do seu vassalo. É a proclamação sacral dos benefícios recebidos. O segundo episódio são os vv. 16-21. Nele o orante, dirigindo-se a Deus, faz memória da infidelidade e rebeldia do povo. Israel é o protagonista, com seu comportamento infiel à aliança. Deus ocupa um papel antagonista. Ele se limita a não romper a aliança, porque é um Deus de perdão, piedade, compaixão e cheio de amor. Nos vv.22-25 Deus retoma o papel de protagonista. É o terceiro episódio. Ele favorece o seu povo que se beneficia de sua bondade. O Senhor entrega aos israelitas reinos e povos. Eles fazem dos bens dado pelo Senhor suas delícias e por isso comem, saciam-se e engordam.



O quarto episódio é apresentado nos vv.26-31. O povo indócil e revoltado contra Deus rejeita sua lei e mata os profetas. No entanto, Deus é compassivo. Escuta o clamor e envia salvadores. Isso revela a fidelidade de Deus mesmo diante da rebeldia do seu povo. Tendo presente a proclamação sacral da dupla história de fidelidade e infidelidade feita em toda a secção anamnético-celebrativa, passa-se para a secção epiclética (vv.32-37). Literariamente esta nova secção é introduzida pela partícula “agora”, que tem função de estabelecer relação com a secção anamnético-celebrativa. Diz o texto: “e agora, ó nosso Deus” (v.32). Do ponto de vista formal o pedido se limita ao v.32. A súplica feita é para que Deus, que mantém a aliança e o amor, não olhe com indiferença para o seu povo apesar da infidelidade.

A segunda dinâmica é a embolística. Essa dinâmica consiste em elevar um discurso a Deus com palavras nossas e palavras de Deus. Serve de exemplo a *todá* de Ne 1,5-11. Neemias estava em Susa, no Império Persa. Era o copeiro do rei Artaxerxes. Ele pensa em servir-se de sua atividade no Império para se aproximar do rei e falar sobre os seus projetos. Por isso Neemias se dirige a Deus numa atitude penitencial, suplicando a Deus para ter bom êxito e ganhar a benevolência do rei. A secção anamnético-celebrativa é breve. Consiste somente no v.5. Nela o orante recorda que Deus é grande e temível. Que guarda a aliança e a misericórdia para com os que amam e observam os seus mandamentos. Não obstante a brevidade, esse versículo contém tudo o que é necessário para fundamentar a secção epiclética nos vv.6-11. A secção epiclética inicia pedindo para que Deus ouça a prece do seu servo (v.6). Os vv.6-7 mostram a condição do vassalo que não foi fiel à aliança. Essa oração tem uma novidade. Ela consiste justamente nos vv.8-9, que é um texto estranho na estrutura da oração. Ao se dirigir a Deus, Neemias cita as palavras de Deus que estão em Dt 30,1-5, que consiste num oráculo de salvação. Essa citação tem a função de lugar teológico escriturístico. Literariamente, esse texto pode ser tido como um embolismo. O orante enxerta literariamente em seu formulário as palavras de Deus no intuito de fundamentar de modo mais explícito o seu pedido elevado ao Senhor.

Em comparação com primeira dinâmica simples da oração de Ne 9,6-37, essa segunda é de dinâmica embolística de Ne 1,5-11 apresenta uma maior riqueza teológica. O orante preocupado com a credibilidade de seu pedido busca na Escritura o oráculo mais oportuno que se adapta à prece elevada. Uma vez encontrado, o orante insere em seu formulário, para que Deus ouvindo da boca da comunidade orante suas próprias palavras de perdão, suas vísceras paternas e maternas cheguem ao ápice da comoção. Assim, tratando-se da palavra de Deus garante que a prece será ouvida.

A terceira dinâmica é a semiembolística. Nela acontece a referência indireta às palavras de Deus. Serve de exemplo a *todá* de Dn 3,26-45. A secção anamnético-celebrativa nos vv.26-32 lembra a justiça de Deus e a infidelidade do povo que foi desobediente aos mandamentos. No v.33 tem início a secção epiclética. O ápice dessa secção são os vv.34.42. No primeiro pede-se que Deus não abandone o seu povo. No segundo suplica-se para que o Senhor aja segundo a sua benignidade. Para que se dê mais força teológica a esses pedidos o orante recorda no v.36 a promessa de uma descendência numerosa como as estrelas do céu e as areias da praia do mar. Não se faz uma citação direta, mas indireta do texto bíblico ao recordar a promessa. Nesse sentido, a prece é considerada semiembolística. É um caminho intermediário entre a dinâmica simples e a dinâmica embolística.

Será a partir dessa dinâmica literário-teológica da oração de aliança que se analisarão as preces de bênção sobre a água batismal.

## **CAPÍTULO II**

### **A ORAÇÃO DE BÊNÇÃO DA ÁGUA BATISMAL NO SACRAMENTÁRIO GREGORIANO E NO MISSAL DE PIO V**

O missal de Pio V foi promulgado a 14 de julho de 1570. Sua elaboração está inserida no contexto da Contrarreforma. Anteriormente não havia um missal único para toda a Igreja. Não se tinha uma uniformidade no modo de celebrar a eucaristia. Cada diocese ou grupo de dioceses (país, região...) possuía seus formulários e seus ritos. Isso foi paulatinamente se tornando problemático, uma vez que, livre, corria-se o risco de desvio da Tradição. Aos poucos essa questão começou a emergir em vários países. A solução dada, por exemplo, pelo sínodo provincial de Trier em 1549 consistiu em exigir que as dioceses sufragâneas usassem tão-somente o missal diocesano.

Em 1546 na Itália, em Portugal e na Espanha surgiu um movimento que propunha um missal único para toda Igreja. Nesse missal haveria um anexo especial para os santos de cada diocese. Esta ideia não foi acolhida por todos. A França e a Inglaterra sugeriam um regulamento interno dentro do país<sup>59</sup>. Todas essas posições desembocaram no Concílio de Trento (1545-1563). Em 1562 o Concílio tematizou a questão do missal no contexto da doutrina do sacrifício eucarístico. A discussão foi acirrada a respeito de sua criação. Em 1563, no intuito de colaborar com a discussão da reforma do missal, foi enviado de Roma para Trento um manuscrito do *Sacramentarium Gregorianum* (séc. VII). Na impossibilidade de se encontrar um denominador comum devido aos vários posicionamentos dos padres conciliares, pois uns queriam uma absoluta uniformidade eucológica para toda Igreja e outros sustentavam o direito de existência dos ritos diocesanos, eles decidiram na XXV sessão aos 4 de dezembro de 1563 delegar à Sé Apostólica o ofício de reformar o missal e o breviário.

Pio IV (1559-1565) em 1564 incumbiu dessa tarefa uma comissão presidida pelo arcebispo de Lanciano, Leonardo Martini. Pio V (1565-1572) ampliou a comissão que primeiramente trabalhou no breviário que foi publicado em 1568. Após a conclusão da reforma do breviário, a comissão passou a reformar o missal. “Não criou um novo missal, mas

---

<sup>59</sup> Cf. JUNGSMANN, *Missarum sollemnia*, p.148.

retocou e atualizou o de 1474<sup>60</sup>”. Ao termino do trabalho, Pio V promulgou-o com a Constituição Apostólica *Quo primum tempore*<sup>61</sup>. Ele seria para toda Igreja. Após a vacância da lei somente poderiam usar outros missais as Igrejas locais e ordens religiosas expressamente autorizadas pela Sé Apostólica que demonstrassem tê-lo em uso há pelo menos duzentos anos ininterruptamente.

A oração de bênção sobre a água batismal do missal de Pio V está inserida nesse contexto. Ela é praticamente a cópia da oração do Sacramentário Gregoriano com influências do Sacramentário Gelasiano (séc. VIII).

Esse segundo capítulo analisará a eucologia de bênção sobre a água batismal do Sacramentário Gregoriano/Missal de Pio V. Para isso o capítulo terá a seguinte divisão: 1) texto da prece; 2) o problema da análise literária do texto; 3) elementos anamnéticos-celebrativos; 3) elementos epicléticos; 4) outros elementos contidos na prece.

## 1. Sacramentário Gregoriano/Missal de Pio V: análise literário-teológica

### 1.1.O texto da oração<sup>62</sup>

5	V/. O Senhor esteja convosco. R/. E com teu espírito. Oremos. Deus onipotente e eterno, sê presente a estes mistérios de tua grande piedade, sê presente aos sacramentos.
10	E para que renasçam novos povos, que a fonte batismal gera para ti, envia o Espírito de adoção, de modo que aquilo que será executado pelo ministério de nossa humildade seja levado a efeito por tua virtude.
15	Por nosso Senhor Jesus Cristo, teu Filho que, [sendo] Deus, vive e reina contigo na unidade do Espírito Santo, por todos os séculos dos séculos. R/. Amém.
20	V/. O Senhor esteja convosco. R/. E com teu espírito. V/. Corações ao alto. R/. Nós o temos no Senhor. V/. Demos graças ao Senhor nosso Deus. R/. É digno e justo.

<sup>60</sup> SORCI, Il messale romano, p.50.

<sup>61</sup> Cf. MRPV, p.3.

<sup>62</sup> *MISSALE ROMANUM*, n° 444-448.

25	<p>É verdadeiramente digno e justo, necessário e salutar, dar-te graças sempre e em toda a parte, Senhor Pai santo, Deus onipotente e eterno, que, por teu poder invisível, realizas, de modo maravilhoso, o efeito de teus sacramentos. E embora sejamos indignos de executar tão grandes mistérios, contudo não recusas os dons de tua graça, e já inclinas às nossas preces os ouvidos de tua piedade. Deus, cujo Espírito, nos próprios primórdios do mundo, pairava sobre as águas, para que já então a natureza das águas concebesse a virtude de santificar. Deus, que, lavando com a água os crimes do mundo pervertido, fizeste da própria efusão do dilúvio imagem da regeneração, para que pelo mistério de um só e mesmo elemento acontecesse o fim dos vícios e a origem das virtudes. Olha, Senhor, para a face da tua Igreja, e multiplica nela tuas regenerações, [tu] que, com a torrente impetuosa de tua graça, alegras tua cidade e abres a fonte do batismo para renovar os povos em todo o orbe das terras; para que, à ordem de tua majestade, receba do Espírito Santo a graça de teu Unigênito. Que [o Espírito Santo], com a presença misteriosa de sua divindade, fecunde esta água preparada para regenerar os homens, a fim de que, sendo-lhe comunicada a santificação, do útero imaculado da divina fonte, emerja uma criatura nova renascida, uma progênie celeste; e aqueles que o sexo faz diferentes no corpo, e a idade diferentes quanto ao tempo, a todos a graça-mãe engendre para uma única [e mesma] infância. Por tua ordem, Senhor, se retire para longe daqui todo espírito imundo; para longe se afaste todo malefício da fraude diabólica.</p>
----	--

75	Não haja aqui lugar para qualquer interferência do poder contrário; não ande ao redor com ciladas, não se esconda sub-repticiamente, não corrompa com seu veneno.
80	Seja esta santa e inocente criatura livre de toda incursão do inimigo, e purificada pelo afastamento de todo malefício. Seja fonte de vida, água regeneradora, onda purificadora,
85	para que todos os que hão de ser lavados neste banho salutar, atuando neles o Espírito Santo, alcancem a complacência de uma perfeita purificação.
90	Por isso eu te abençoo, criatura água, pelo Deus ✕ vivo, pelo Deus ✕ verdadeiro,
95	pelo Deus ✕ santo, pelo Deus que no princípio, com sua palavra te separou do elemento seco, cujo Espírito sobre ti pairava;
100	que te fez manar da fonte do paraíso e ordenou irrigar toda a terra em quatro rios; que, no deserto, de amarga [que eras], te tornou potável, aplicando doçura, e te produziu da pedra para o povo sedento.
105	Abençoo-te também por Jesus Cristo, seu Filho único, nosso Senhor, que em Caná da Galileia, com seu poder, num sinal admirável, te transformou em vinho;
110	que a pé caminhou sobre ti, e foi batizado em ti por João no Jordão; que te produziu de seu lado, juntamente com sangue, e ordenou aos discípulos que batizassem em ti os fiéis, dizendo: Ide, ensinai todos os povos, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo.
115	Assiste-nos clemente, tu, Deus onipotente, a observar isto que nos foi prescrito, tu benigno [nos] favorece.
120	Abençoa estas simples águas com [o sopro de] tua boca, para que, além da limpeza natural, que podem empregar para lavar os corpos, sejam também eficazes para purificar as almas.

125	Desça sobre esta inteira fonte a virtude do Espírito Santo e fecunde com o efeito de regenerar toda a substância desta água.
130	Sejam aqui apagadas as manchas de todos os pecados; aqui a natureza criada à tua imagem e reformada à honra de seu princípio, seja limpa de todas as imundícies da velhice [do velho homem], para que todo homem, entrando neste sacramento da regeneração, renasça para a nova infância da verdadeira inocência.
135	Por nosso Senhor Jesus Cristo, teu Filho, que virá julgar os vivos e os mortos e o mundo pelo fogo. R.: Amém.
140	Esta fonte seja santificada e fecundada com o óleo da salvação para aqueles que dela vão renascer para a vida eterna. R./: Amém.
145	Em nome da santa Trindade faça-se a infusão do crisma de nosso Senhor Jesus Cristo, e do Espírito Santo Paráclito, R./: Amém.
150	A mistura do crisma de santificação e do óleo da unção e da água do batismo, seja feita igualmente em nome do Pai✠ e do Fi✠lho e do Espírito ✠ Santo. R./: Amém.

## 1.2 O problema da análise literária do texto

O formulário do Sacramentário Gregoriano/Missal de Pio V apresenta um problema no que diz respeito à análise literária. Diferentemente das orações de bênção da água batismal do pós-Vaticano II, ela não possui uma estrutura dividida em duas secções. Isso não favorece a análise do texto litúrgico. Não segue a lógica da forma literária de *todá*. Os elementos anamnéticos e epicléticos estão mesclados. Em vários momentos o texto passa da confissão e louvor a Deus (anamnese cultural) à súplica. Além disso, existem outros aspectos que fogem a esse esquema, como por exemplo, a confissão da indignidade do ministro.

Righetti analisa essa oração, dividindo-a em partes. A sua tentativa é positiva por separar as partes da oração. Todavia, acaba por não distinguir os elementos de memória e de

súplica. O formulário adota um estilo de prefácio, incluindo um diálogo invitatório e iniciando com o *Vere dignum*. Esse estilo de prefácio não se encontra no Sacramentário Gelasiano. Contudo, o Missal de Pio V pelo fato de ter seguido quase na sua totalidade a forma da bênção do Sacramentário Gregoriano, assume também a forma que se encontra nele<sup>63</sup>. A intenção de elaborar a oração desse modo tem como finalidade fazer uma analogia entre a bênção da fonte e a anáfora eucarística<sup>64</sup>. A oração pode ser dividida do seguinte modo, segundo Righetti<sup>65</sup>:

Introdução eucarística	<p>V/. O Senhor esteja convosco.  R/. E com teu espírito.  V/. Corações ao alto.  R/. Nós o temos no Senhor.  V/. Demos graças ao Senhor nosso Deus.  R/. É digno e justo.  É verdadeiramente digno e justo[...]  Deus onipotente e eterno.</p>
Consagração da água	<p>que, por teu poder invisível,  realizas, de modo maravilhoso, o efeito  de teus sacramentos.[...]  Deus, cujo Espírito,  nos próprios primórdios do mundo,  pairava sobre as águas[...]  Deus, que, lavando com a água  os crimes do mundo pervertido [...]  Olha, Senhor, para a face da tua Igreja[...]  receba do Espírito Santo  a graça de teu Unigênito.</p>
Exorcismo da água	<p>Por tua ordem, Senhor, se retire  para longe daqui todo espírito imundo[...]  para que todos os que não de ser lavados  neste banho salutar,  atuando neles o Espírito Santo,  alcancem a complacência de uma perfeita  purificação.</p>

<sup>63</sup> SacrGreg., n°374.

<sup>64</sup> Cf. RIGHETTI, Storia litúrgica IV, p.99.

<sup>65</sup> Ibid., p.99-103. Em sua análise o autor acrescenta como parte constitutiva de divisão da oração prefacial de bênção da água a infusão do crisma. Optou-se por omitir esse dado, uma vez que, observando a oração nota-se que a infusão está fora do prefácio e não dentro, como assume Righetti.



Epiclese	<p>Assiste-nos clemente, tu, Deus onipotente, a observar isto que nos foi prescrito, tu benigno [nos] favorece.</p> <p>Abençoa estas simples águas com [o sopro de] tua boca, para que, além da limpeza natural, que podem empregar para lavar os corpos, sejam também eficazes para purificar as almas.</p> <p>Desça sobre esta inteira fonte a virtude do Espírito Santo e fecunde com o efeito de regenerar toda a substância desta água.</p> <p>Sejam aqui apagadas as manchas de todos os pecados; aqui a natureza criada à tua imagem e reformada à honra de seu princípio, seja limpa de todas as imundícies da velhice [do velho homem], para que todo homem, entrando neste sacramento da regeneração, renasça para a nova infância da verdadeira inocência.</p>
----------	---

A fórmula de bênção da água é precedida de uma oração que faz surgir em nossa mente uma analogia com a oração sobre as oferendas. Nessa hipótese reforça-se a possível motivação de estabelecer uma relação entre a bênção da água e a prece eucarística. A oração que precede a bênção, já a suplica. Seria, pois, uma espécie de prólogo, contendo a síntese do conteúdo do formulário. Todos os elementos da oração prévia à bênção serão destrinchados ao longo da fórmula de bênção.

Nas ll.5-12 surgem os primeiros elementos epicléticos no formulário do Greg/P5. A súplica da presença de Deus na celebração tem como finalidade indicar que a fonte batismal é capaz de gerar novos povos. Os sacramentos são caracterizados como “mistérios da piedade de Deus” (l.5). Para que isso aconteça a oração pede que seja enviado o Espírito de adoção (l.9). O Espírito é o protagonista para que as águas possuam a força de se tornarem santas. A fonte batismal é o seio em que a Igreja gera seus novos filhos para o Senhor. Está por trás a imagem do útero que será retomada na l.64. No entanto existe a intermediação do ministro. Diante de algo grandioso, o ministro confessa a sua fragilidade (l.11). A alusão à fragilidade do ministro é retomada nas ll.33-34. Ele é apenas instrumento indigno. É a virtude de Deus que leva a cabo o que se pede (l.12).

Um aspecto curioso se observa nas ll. 88-115. Nesse trecho o orante não se dirige a Deus, mas sim à água: “por isso eu te abençoo, criatura água” (l. 88) por Deus (ll. 89-91) e por Cristo (l. 102-104). Segue-se então o que Deus (ll. 92-101), respectivamente, o que Cristo (ll. 105-115) fizeram através da água. Faz-se, portanto, memória da participação da água na história da salvação. Com isso se sublinha o papel da água no evento salvífico e ao mesmo tempo se evidencia a prefiguração do batismo, haja vista que todos os elementos presentes nessas linhas são imagens bíblicas que remetem ao sacramento batismal. Somente na l.117 a eucologia passa a se voltar para Deus.

### **1.3.Elementos anamnético-celebrativos (ll.30-32.38-48.93-101.105-115)**

No formulário do Greg/P5 os elementos anamnéticos estão mesclados entre os epicléticos. No entanto é possível percebê-los de forma clara e distinta. A oração alude à história da salvação servindo-se de textos bíblicos que se relacionam ao contexto batismal. Busca fundamentar nas Escrituras o seu pedido. Nesse sentido percorre o Antigo e Novo Testamento. No Antigo Testamento evoca sete episódios. São eles:

- 1.O Espírito que paira sobre as águas (cf. Gn 1,2) (l.40).
- 2.O dilúvio (cf. Gn 7,4) (l.45).
- 3.A torrente que alegra a cidade de Deus (cf. Sl 46[45],5) (l. 51).
- 4.A separação da água com relação ao elemento seco (cf. Gn 1,9-10) (l. 1.92-93).
- 5.Os rios do paraíso (cf. Gn 2,10) (l.95-97).
- 6.A água amarga se torna doce (cf. Ex 15,22-25) (l.98-99).
- 7.A água que jorrou da pedra no deserto (cf. Ex 17,6) (l.100).

Do Novo Testamento menciona cinco eventos:

1. A transformação da água em vinho, “começo dos sinais” (cf. Jo 2,9) (l.107).
2. Jesus caminha sobre as águas (cf. Mc 6,48; Mt 14,26; Jo 6,19) (l.108).
3. O batismo de Jesus realizado por João (cf. Mc 1,9; Mt 3,13; Lc 3,21) (l.109).
4. O sangue e a água que brotaram do lado aberto de Jesus (cf. Jo 19,34) (ll.110-111).

5. O mandato de Jesus para que se batize (cf. Mt 28,19) (Il.114-116).

Nas Il. 28-32 a oração invoca Deus na segunda pessoa do singular como Senhor e Pai santo. Essa é a forma típica dos prefácios romanos. Ele é o Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo. Embora não seja explicitado isso na oração, pode-se deduzir que esta expressão funda-se no testemunho paulino (cf. Rm 15,6; 2 Cor 1, 3). Juntamente com esses atributos a prece chama-o de onipotente e eterno. O Pai de Jesus Cristo, que é santo, realiza o efeito dos sacramentos de modo maravilhoso (l.31-32). Deus se autocomunica através do visível revelando seu poder invisível. É o princípio encarnatório do sacramento. Se Deus faz isso, é tão somente pela força de sua graça.

Nas Il. 38-48 o formulário apresenta duas figuras veterotestamentárias: o Espírito que paira sobre as águas (cf. Gn 1,2) (l.40) e o dilúvio (cf. Gn 7,4) (l.45). Com relação à primeira imagem observa-se que esse dado recolhido pela bênção já se faz presente em outras orações como no Sacramentário Veronense que afirma que o “Espírito era levado sobre as águas”<sup>66</sup>. Contudo, essa menção ao Espírito que pairava sobre as águas referindo-se à água batismal remonta ao tratado mais antigo sobre o sacramento do batismo de que se tem notícia no Ocidente, escrito por Tertuliano (160-220): “O Espírito que, desde logo, prefigurava o batismo, que desde o começo pairava sobre as águas, foi chamado a pairar sobre elas para vivificá-las<sup>67</sup>”. Também a referência ao mesmo dado escriturístico está presente nas catequeses mistagógicas de Ambrósio de Milão (337-397): “No princípio, quando Deus fez o céu e a terra, o Espírito pairava sobre as águas. Aquele que pairava sobre as águas não agia sobre as águas? O que direi? Ele agia”<sup>68</sup>. Observa-se então que esta referência da oração mantém a tradição patrística de ver a presença do Espírito pairando sobre as águas na origem como elemento prefigurativo da santificação da água batismal. Interessante notar a antiguidade deste dado escriturístico. Já desde Tertuliano ele está presente. Ver a prefiguração do batismo a partir daí é significativo, uma vez que a revelação da Trindade só se dá a partir de Cristo e, portanto, no Novo Testamento. A releitura cristã do poema da criação pertencente à tradição sacerdotal é que fez descobrir aí a Terceira Pessoa da Trindade e aplicar esse texto ao batismo. Ao recordar esse evento, a oração evidencia que as águas possuem potencialmente a presença de Deus. A ação do Espírito do Senhor sobre as águas é condição para que todas elas santifiquem. Evidenciam o batismo como nova criação.

---

<sup>66</sup> SacVer, nº 1331.

<sup>67</sup> TERTULIANO, O sacramento do batismo, 4, p.24.

<sup>68</sup> AMBRÓSIO, Sobre os mistérios, nº 9, p.83.

A segunda imagem é a do dilúvio (cf. Gn 7,4). No formulário do Greg/P5 ele é a imagem da regeneração (l.46). Por suas águas acabaram-se os vícios e tiveram origem as virtudes (l.48). Pelo dilúvio Deus realiza algo paradoxal: “traz a perdição e opera a salvação<sup>69</sup>”. A perdição pelo fato de extinguir a humanidade pecadora; a salvação por (re) criar tudo a partir de Noé e seus descendentes. O que era vício Deus liquidou com as águas. Nesse sentido, elas se tornaram sinal de morte e vida. Para que haja a vida foi necessário que acontecesse a morte. A morte dos vícios se torna condição de possibilidade para que a vida emerja. A vida não é outra coisa senão o originar-se das virtudes, referida pelo formulário. Essa imagem do dilúvio como prefiguração do batismo se encontra em Tertuliano. Para ele as águas do dilúvio foi o batismo do mundo. No entanto o mundo pecou outra vez. Por isso para ele a comparação entre o batismo e o dilúvio não é muito feliz<sup>70</sup>. Também esta imagem está presente nas catequeses mistagógicas de Santo Ambrósio: “No dilúvio também já houve uma figura do batismo<sup>71</sup>”.

As ll. 93-101 compõe uma das partes anamnéticas do texto. Observa-se que elas são herdeiras do Sacramentário Gelasiano.

Sacramentário Gelasiano <sup>72</sup>	Greg/P5
<p>Eu te exorcizo, criatura água, pelo Deus vivo,</p> <p>pelo Deus santo, pelo Deus criador de toda doçura, que no princípio, com a palavra, te separou da terra</p> <p>e, dividindo em quatro rios, ordenou que regasse a terra inteira.</p>	<p>Por isso eu te abençoo, criatura água, pelo Deus ✠ vivo, pelo Deus ✠ verdadeiro, pelo Deus ✠ santo, pelo Deus que no princípio, com sua palavra te separou do elemento seco, cujo Espírito sobre ti pairava; que te fez manar da fonte do paraíso e ordenou irrigar toda a terra em quatro rios; que, no deserto, de amarga [que eras], te tornou potável, aplicando doçura, e te produziu da pedra para o povo sedento.</p>

Embora os elementos anamnéticos comecem a partir da l.93, o que se aproveitou do Sacramentário Gelasiano começa na l.88, quando o que preside a bênção da água batismal profere as palavras “por isso eu te abençoo criatura água” (l.88). Aqui se nota que o acento

<sup>69</sup> TABORDA, Nas fontes da vida cristã, p.162.

<sup>70</sup> Cf. TERTULIANO, Sobre o batismo, 8, p.38-39.

<sup>71</sup> AMBRÓSIO, Sobre os sacramentos, 1, 23, p.37.

<sup>72</sup> SacrGel, nº 603.

dado é na bênção. Diferentemente, no Gelasiano este trecho constitui uma oração de exorcismo. Por isso, o ministro que procede a bênção diz: “eu te exorcizo criatura água<sup>73</sup>”. Depois disso segue-se basicamente com as mesmas palavras. Observa-se que nesse sentido o Sacramentário Gregoriano/Missal de Pio V deu uma guinada. Acentuou mais os aspectos da bênção. Righetti considera essa mudança estranha e ininteligível<sup>74</sup>, uma vez que se trata de um texto de exorcismo. A oração invoca a Deus qualificando-o de vivo (l.89), verdadeiro (l.90) e santo (l.91). No Sacramentário Gelasiano como no Gregoriano o atributo de verdadeiro é omitido. A que se deve a esse acréscimo no missal de Pio V? Indubitavelmente, deve-se ao fato de se manter mais fiel ao texto paulino de 1Ts 1,9 que qualifica Deus com esses dois adjetivos. Esses adjetivos também estão presentes no Antigo Testamento. A ideia da santidade de Deus invocada nos dois formulários vem desde a tradição veterotestamentária. Note-se, por exemplo, que, no capítulo 6 de Isaías, na cena da vocação do profeta os serafins confessam o Senhor como santo (cf. Is 6,3). Aproveitou-se do formulário Gelasiano até a l.93 e depois das ll. 95 a 97. A palavra de Deus separou a água do elemento seco (cf. ll. 93). O missal de Pio V retoma a ideia de Gn 1,2 na l.94: o Espírito paira sobre as águas. É a segunda vez que o formulário remete a esse texto. A primeira vez foi nas ll. 38-40. Essa retomada é significativa, pois insiste em que é pela força do Espírito de Deus sobre as águas que elas concebem a força de santificar. Acentua o caráter pneumatológico da consagração, embora a oração de bênção seja dirigida ao Pai, como normalmente toda oração litúrgica. Interessante perceber que 21 vezes o formulário se refere a Deus com as designações de Deus (11x), Senhor (7x) e Pai (3x) e 9 vezes ao Espírito chamando-o Espírito Santo (6x), Espírito (2x) e Espírito de adoção (1x).

As ll. 95-97 são devedoras também do Gelasiano. As águas irrigam o paraíso (l.96). Essa ideia é pensada a partir de Gn 2, 4b-5. No início da criação nada tinha germinado porque Deus ainda não havia feito chover para que a terra pudesse ser fecundada e assim se tornar capaz de gerar vida. A água, nesse contexto, se torna condição de possibilidade para que a vida emerja. O paraíso é irrigado por quatro rios (l.97). A origem dos quatro rios é o rio que saía de Éden para regar o jardim e de lá se dividia em quatro braços. O primeiro rio chama-se Fison, o segundo rio chama-se Geon, o terceiro é o Tigre e o quarto é o Eufrates (cf. Gn 2, 10-14).

As ll. 98-99 evocam dois eventos veterotestamentários. A água de Mara que de amarga tornou-se potável (cf. Ex 15, 23-25) e a água retirada da pedra em Massa e Meriba (cf.

---

<sup>73</sup> SacrGel, n° 604.

<sup>74</sup> Cf. RIGHETTI, Storia liturgica IV, p.101.

Ex 17,6). Sobre a água de Mara, Ambrósio de Milão reflete estabelecendo uma relação com o sacramento batismal:

Que significa isso, senão que toda criatura sujeita à corrupção é água amarga para todos? Também se é suave por um momento, mesmo se é agradável por um momento, é amarga, ela que não pode tirar o pecado. Ao beberes, terás sede a água; ao provares a suavidade, de novo sentirás a amargura. A água é, portanto amarga. Mas do momento que receber a cruz de Cristo, sacramento celeste, começa a ser doce e suave. É de fato doce aquela na qual a culpa é afastada. Portanto, se os batismos foram de tão grande valor na figura, quando mais será de valor o batismo na realidade<sup>75</sup>.

Os episódios da água de Mara que se tornou potável e da água retirada da pedra em Massa e Meriba aconteceram para que o povo, que andava errante pelo deserto, livres da escravidão do Egito, rumo à terra prometida, pudessem beber e assim permanecer vivos. Nesse sentido, percebe-se que os dados escriturístico do Antigo Testamento extraídos para a fórmula de bênção da água batismal do Greg/P5 tem como substrato a ideia de que a água possibilita a vida. Seja para que a terra produza frutos, seja para que o ser humano possa manter-se vivo. É um dado cosmológico-antropológico evocado na oração.

Os elementos anamnéticos continuam nas ll.105-116. São referências neotestamentárias. A primeira é o sinal realizado por Jesus em Caná da Galileia ao transformar a água em vinho (cf. Jo 2,1-11). Este sinal é admirável (l.106). No entanto, mais admirável é o que ele faz com a água batismal. Se no sinal de Caná acontece a transformação da água em vinho no intuito de que a alegria da festa não falte, na água batismal algo maior acontece. Pela ação do Espírito Santo, nela é infundida a graça de Jesus Cristo (l.67-68) para a renovação dos povos (l.54). A água se transforma em agraciada.

A segunda remete ao episódio do caminhar de Jesus sobre as águas (cf. Mc 6,48; Mt 14,26; Jo 6,19). O andar sobre as águas no Antigo Testamento é uma prerrogativa divina<sup>76</sup> (cf. Jó 9,8). Jesus é Deus.

A terceira é sobre o batismo de Jesus por João (cf. Mc 1,9; Mt 3,13; Lc 3,21). Esse aspecto recolhido é importante porque evidencia que “toda tradição vê no batismo de Jesus o momento em que, pelo contato com a humanidade dele, é comunicada, à água, a força santificadora, que opera no sacramento do batismo<sup>77</sup>”. Além disso, ao citar o batismo de Jesus por João o formulário manifesta a raiz última do batismo cristão. O batismo de Jesus está em íntima sintonia com sua missão, é metáfora que prevê sua própria morte (cf. Lc 12,50; Mc 10,38-39).

<sup>75</sup> AMBRÓSIO, Sobre os sacramentos, 2,13, p.42.

<sup>76</sup> BROWN et al., Nuovo grande commentario biblico, p.796.

<sup>77</sup> GOEDERT, Teologia do batismo, p.21.

A quarta se refere à água que foi produzida juntamente com o sangue jorrados do lado de Jesus na cruz (cf. Jo 19,34). Jesus Cristo veio pela água e pelo sangue e é o Espírito que testemunha isso. O Espírito, a água e o sangue testemunham que Jesus é o Filho de Deus (cf. 1Jo 5,6-9). Do lado de Jesus aberto pela lança jorraram, com o sangue e a água, os sacramentos da Igreja. Com isso todos que são atraídos ao seu coração podem beber na fonte salvadora<sup>78</sup>. A tradição da Igreja vê na água jorrada do lado de Jesus o símbolo do batismo e o dom do Espírito aos fiéis<sup>79</sup>. O sangue é o símbolo eucarístico<sup>80</sup>. Além disso, para a tradição judaica ele é sinal de vida. Nesse sentido, pode-se perceber que o formulário tem diante de si os dois sacramentos da iniciação cristã: batismo e eucaristia, sem separá-los. Estão presentes num único evento. Ambos geradores de vida.

A quinta e última referência ao Novo Testamento constitui o embolismo da oração. É o lugar teológico escriturístico que fundamenta o batismo. Vale lembrar que as demais referências bíblicas são semiembolismos. Portanto, também elas fundamentam o batismo, embora não como Mt 28,19 que é citado literalmente por ser o relato da instituição do batismo, correspondendo à narração da última ceia nas orações eucarísticas. Mt 28,19 é citado nas Il.114-116. Aponta ao mandato de Jesus de ensinar e batizar os fiéis em nome da Trindade. Interessante notar que a oração ao inserir esse embolismo, tem diante de si que o dom do batismo é algo universal, uma vez que é para todos os povos<sup>81</sup> (I.114). Também mostra uma relação entre o catecumenato e o batismo. O primeiro mandamento é ensinar todos os povos, isto é, fazer discípulos, criar Igreja. O segundo é batizar. O batismo constitui o meio de se fazer Igreja.

#### **1.4.Elementos epicléticos (Il.49-50.52-87.117-137.142-144)**

Os elementos epicléticos, mesmo se mesclados com os elementos anamnéticos, tem uma finalidade: suplicar para que a água receba o Espírito Santo. Por conta disso, os primeiros elementos começam pedindo para que o Senhor olhe para a Igreja e multiplique suas regenerações (Il.49-50). Esse pedido é para cresça o número daqueles que aderem à fé e buscam o batismo. Os fiéis são regenerados pela água batismal.

---

<sup>78</sup> MISSAL ROMANO, prefácio da solenidade do Sagrado Coração de Jesus, p.382.

<sup>79</sup>FABRIS; MAGGIONI, Os evangelhos, p.473.

<sup>80</sup> Ibid., p.473

<sup>81</sup> BROWN et al., Nuovo grande commentario biblico, p.879.

Nas Il.52-58 apresenta que é a graça de Deus que abre a fonte do batismo. A oração nesse sentido dá primazia à graça. É por ela que os povos são renovados (l.54). A fonte batismal é o seio materno da Igreja, que uma vez fecundada pela ação do Espírito Santo, é capaz de gerar os filhos de Deus<sup>82</sup>. Ela é um lugar privilegiado para o nascimento. Nesse sentido a oração afirma que é Deus que, derramando suas graças, abre a fonte batismal (l.53). Tudo depende de sua ordem (l.56). A iniciativa é sua. Uma vez ordenado, o Espírito infunde a graça do Unigênito (Il. 57-58).

As Il.59-87 são do Sacramentário Gregoriano. A oração possuía elementos que serviam para reforçar a posição da tradição da Igreja no contexto da Reforma Protestante. Ela possuía alguns elementos que visavam reforçar aquilo que estava sendo debatido em Trento, de modo particular nas sessões V (17.06.1546) e VI (13.01.1547), como a eficácia do batismo para a justificação e o perdão dos pecados<sup>83</sup>. As Il.62.65.87 evidenciam que Trento é fiel à tradição ao afirmar a regeneração do ser humano pela água; que da água emerge uma criatura nova e que os que passarem pelo banho salutar alcançam “uma perfeita purificação”. As Il.59-62 são herdeiras do Sacramentário Gelasiano.

Greg/P5	Sacramentário Gelasiano
Que [o Espírito Santo], com a presença misteriosa de sua divindade, fecunde esta água preparada para regenerar os homens,	e sobre estas águas preparadas para purificar e vivificar os homens envie o anjo da santidade.

Pede para que o Espírito Santo fecunde a água. Essa fecundação tem um *telos*: a regeneração do ser humano. A água abençoada se torna fonte de vida e regeneradora (l.82), onda<sup>84</sup> purificadora (l.83). É por isso que ela pode atingir sua meta. Assim, todos os que forem lavados pelo banho da água serão capazes de alcançar a complacência de uma perfeita purificação (Il.79-84). Essa ideia é retirada de Tt 3,5 que ao tratar do tema da salvação afirma que ela não se deu por méritos humanos das obras praticadas na justiça, mas tão somente em virtude da misericórdia de Deus pelo banho do novo nascimento. Nesse sentido a oração revela o caráter soteriológico do sacramento batismal. O batismo é necessário para a salvação.

<sup>82</sup> Cf. RIGHETTI, Storia liturgica IV, p.100.

<sup>83</sup> Cf. AUGÉ, L'iniziazione Cristiana, p.118.

<sup>84</sup> “Onda” é tradução literal do latim e no latim poético é usada como variante e sinônimo de água simplesmente.



A fonte batismal é o útero imaculado (l.64). Dela surge uma criatura nova (l.65). O formulário expressa a novidade que o batismo cria. O seu resultado é um *kainos antrophos* (cf. Ef 2,15; 4,24). A partir do sacramento, o homem novo pode viver em novidade de vida (cf. Rm 6,6). Desse modo, o batismo consiste numa intervenção criadora de Deus no tempo da Igreja. Essa intervenção transmite a cada ser humano o mistério da re-criação inaugurado por Cristo com seu mistério pascal. Ele faz com que os batizados se tornem partícipes da natureza divina do único Filho, Jesus Cristo, que é o Novo Adão. É um renascimento que não vem nem da carne e nem do sangue, mas sim do Espírito (cf. Jo 3,5). Pode-se pensar aqui na filiação divina, uma vez que ela se dá na participação do ser humano na natureza divina e o batismo realiza isso. A temática do homem novo aparece também no sacramentário veronense: “renasça e revivesça para o homem novo, criado em Cristo Jesus<sup>85</sup>”. No sacramento batismal todos se tornam iguais, isto é, independentemente do sexo (l.67) ou idade (l.68) todos retornam para uma mesma infância (l.70). Isso está relacionado com o novo nascimento: “a graça-mãe engendre” (l.69).

Nas ll.116-136 encontram-se mais elementos epicléticos. Já a primeira linha é herança o Sacramentário Gelasiano<sup>86</sup>. As ll.127-128 também são herdeiras do Gelasiano.

Greg/P5	Sacramentário Gelasiano
Assiste-nos clemente, tu, Deus onipotente.  e fecunde com efeito de regenerar toda a substância desta água	Ouve-nos, Deus onipotente.  e infunde a tua força na substância desta água.

A oração suplica a Deus que por sua assistência a Igreja observe a prescrição de ensinar e batizar todos os povos. Pede para que ele abençoe a água. Essa bênção é realizada pelo sopro da boca de Deus (l.120). A oração parte de um dado antropológico para chegar ao teológico. Do ponto de vista antropológico diz que a água serve para a limpeza natural (l.121), ou seja, para lavar os corpos (l.122). Do ponto de vista teológico afirma que, além de possuir essa característica de limpeza corporal pode também purificar as almas (l.123). A purificação das almas é possível uma vez que a água recebeu a força do Espírito que a santificou. Por isso suplica que desça sobre a fonte a virtude do Espírito Santo (l.124-125). Nota-se aqui uma relação estabelecida entre o Espírito Santo e o batizado. É a água santificada pelo Espírito que será capaz de lavar a alma do catecúmeno. Ela tem efeito regenerador (l.126-127).

<sup>85</sup> SacVer, n° 1331.

<sup>86</sup> SacrGel, n° 603.

Na água as manchas de todos os pecados são apagadas (l.128-129). O pecado deformou a imagem de Deus no ser humano. O batismo recupera essa imagem (l.130-131). Aqui o formulário expressa a ideia teológica da água: limpar as imundices do velho homem (l.132). Nesse sentido a oração insiste em chamar o batismo de sacramento da regeneração (l. 134). Ao recuperar no ser humano sua imagem divina, faz com que ele se torne homem novo. A finalidade dessa limpeza é fazer com que o ser humano possa renascer para a nova infância. Essa nova infância é conduzida pela ação do Espírito Santo (cf. Jo 3,5).

### 1.5. Outros elementos contidos na prece

Na oração o ministro confessa sua indignidade (ll. 33-34). O ministério está em função da obra de Deus. Por isso, ele suplica ao Pai que pelo Espírito do Filho se faça o que é pedido. A confissão da indignidade do ministro (apologia) não é novidade na *lex orandi*. Podemos encontrar em outros textos eucológicos, como no formulário de bênção da água do Sacramentário Gelasiano que diz: “Pedimos-te com súplicas, que te dignes olhar para este ministério de nossa humildade<sup>87</sup>”. No sacramento da ordem também se vê essa confissão em algumas preces de ordenações sejam elas episcopais, presbiterais ou diaconais. Esse reconhecimento da indignidade do ministro põe em relevo a graça de Deus que realiza suas maravilhas servindo-se de pessoas na comunidade, independente da fraqueza daquele que preside a celebração do sacramento. Isso ocorre em qualquer sacramento. Seguem alguns exemplos.

#### Ordenação episcopal

Rito maronita <sup>88</sup>	Também nós, teus servos, fracos e pecadores, que recebemos o grau do sacerdócio mais sublime embora não fôssemos dignos de pisar o limiar de teu santo templo, suplicantes proferimos nossas súplicas.
Rito caldeu ou nestoriano (siro-oriental) <sup>89</sup>	Tu, Senhor, na multidão de tua graça inefável, nos constituíste mediadores destes teus dons divinos e celestes,

<sup>87</sup> SacrGel, n° 606.

<sup>88</sup> EEFL, n° 2972-a

<sup>89</sup> EEFL, n° 2973-a

	dados pelo auxílio de tua majestade, e concedidos, por nossas fracas mãos, para ajuda aos seres humanos e para redenção de todos
Rito bizantino constantinopolitano <sup>90</sup>	[fortalece-o com a graça] pela minha mão de pecador e pela dos que, bispos comigo, estão em minha companhia e celebram esta liturgia.

#### Ordenação diaconal

Rito copta ou alexandrino <sup>91</sup>	Pois a graça não é dada pela imposição de nossas mãos, que somos, sim, pecadores, mas é concedida pela visita de tua copiosa misericórdia, que lhe cabe.
---	--

Nas ll. 71-81 a oração mantém a tradição patrística do exorcismo sobre a água que se encontra também em outros formulários como é o caso do Gelasiano<sup>92</sup>. Santo Ambrósio, em sua catequese mistagógica sobre os sacramentos diz: “Primeiro entra o sacerdote, faz o exorcismo sobre a criatura que é a água, depois faz a invocação e a prece para que a fonte fique santificada e aí esteja a presença da Trindade eterna<sup>93</sup>”. Nota-se que o formulário do Greg/P5 segue basicamente a estrutura mencionada pelo bispo de Milão. Somente após o exorcismo se faz a invocação para que a água seja abençoada. Para Righetti, esse exorcismo possui sua origem por volta dos séculos IV-V, uma vez que Pedro Crisólogo (+450) o cita em seus sermões<sup>94</sup>. Enfim, a água precisa estar livre de todos e quaisquer males diabólicos para poder realizar aquilo que é a sua função: purificar o homem velho para que o

<sup>90</sup> EEFL, n° 2969.

<sup>91</sup> EEFL, n° 2981.

<sup>92</sup> SacrGel, n° 607.

<sup>93</sup> AMBRÓSIO, Sobre os sacramentos, 1,18, p.38.

<sup>94</sup> Cf. RIGHETTI, Storia liturgica IV, p.100-101.

novo surja. Expulsa-se da água o mau espírito para que se possa pedir que venha sobre ela o Espírito Santo.

As ll.142-144 referem-se a infusão do óleo dos catecúmenos na água batismal. Esse rito quer manifestar a santificação e fecundação da água (l.142). O óleo dos catecúmenos é tido pela tradição como elemento que livra do poder do mal para que o batizado seja possuído por Cristo e pelo seu Espírito<sup>95</sup>. A salvação e o renascimento (ll.142-143) são expressados simbolicamente no sacramento pelo óleo misturado na água. Essa infusão não está no Sacramentário Gregoriano. Está somente no Missal de Pio V. Acredita-se que a mistura do óleo dos catecúmenos na água batismal seja de influência oriental-galicana. No Ocidente a primeira menção da infusão do óleo na fonte batismal é de Gregório de Tours (†530)<sup>96</sup>.

As ll.145-153 aludem a dois gestos: 1) infusão do óleo do crisma; 2) infusão do óleo dos catecúmenos com o do crisma em forma de cruz. A infusão e a mistura do crisma são feitos em nome da Trindade (l.145.153). A oração leva à ideia da unidade dos sacramentos batismo-crisma. Evidencia que “o batismo, por si, já é um sacramento completo, já dá tudo o que a confirmação dará<sup>97</sup>”.

---

<sup>95</sup> Cf. BOROBIO, Celebrar para viver, p.183.

<sup>96</sup> Cf. RIGHETTI, Storia liturgica IV, p.103.

<sup>97</sup> TABORDA, Nas fontes da vida cristã, p.147.

### CAPÍTULO III

## AS ORAÇÕES DE BÊNÇÃO DA ÁGUA BATISMAL

### NO RITUAL DE BATISMO DE PAULO VI

O caminho da reforma litúrgica tem seu início no século XIX, quando o abade Prosper Guéranger (†1875), monge beneditino, nos mosteiros por ele fundados irradiou o seu amor pela liturgia. Publicou vários escritos de espiritualidade litúrgica direcionados aos cristãos mais sensíveis e atentos a esse campo. Pio X (1835-1914) foi o Papa que favoreceu com impulso significativo o movimento da reforma da liturgia. Na introdução do seu motu proprio *Tra le sollicitudini* de 22 de novembro de 1903, que trata sobre a música sacra afirmou:

Sendo de fato nosso vivíssimo desejo que o espírito cristão refloresça em tudo e se mantenha em todos os fiéis, é necessário prover antes de mais nada à santidade e dignidade do templo, onde os fiéis se reúnem precisamente para haurirem esse espírito da sua primária e indispensável fonte: a participação ativa nos sacrossantos mistérios e na oração pública e solene da Igreja<sup>98</sup>.

Esse pensamento de Pio X teve uma acolhida particular na abadia de Mont-César. Dom Lamberto Beauduin (†1960), monge desse mosteiro, após reflexões e aprofundamentos acerca da liturgia, em 1909 deu início ao movimento litúrgico organizado. Posteriormente os beneditinos de Maria Laach (Alemanha) aprofundaram a questão litúrgica em perspectiva teológica, bíblica e patrística em vista da pastoral. Pio XII (1876-1958) consagrou o movimento litúrgico com a publicação da encíclica *Mediator Dei* de 20 de novembro de 1947 que tratava sobre a liturgia. Uma das preocupações presentes na encíclica consiste na educação do povo para um verdadeiro e ativo sentido litúrgico<sup>99</sup>. Nesse sentido o Pontífice para melhor expressar sua intenção divide a encíclica em seis partes: 1) Introdução; 2) natureza, origem e progresso da liturgia; 3) o culto eucarístico; 4) o ofício divino e o ano litúrgico; 5) diretrizes pastorais; 6) epílogo. Em 1956 aconteceu o primeiro Congresso Internacional de Pastoral Litúrgica em Assis. Concluiu-se no dia 22 de setembro com uma audiência com o Papa. “O foco do congresso foi a pastoralidade da liturgia, que a lançava,

---

<sup>98</sup> PIO X, *Tra le sollicitudini*, introdução.

<sup>99</sup> PIO XII, *Mediator Dei*, n° 5.

como elemento determinante, na vida da Igreja a fim de favorecer o encontro com Deus<sup>100</sup>». Nesse Congresso foram tratados os seguintes temas: 1) A pastoral, chave da história litúrgica. Josef Andreas Jungmann abordou essa questão; 2) O valor pastoral da palavra de Deus na liturgia. Agostinho Bea foi o conferencista; 3) A simplificação das rubricas e a reforma do breviário. O cardeal Giacomo Lercaro tratou do assunto.

No dia 25 de janeiro de 1959, João XXIII (1881-1963), anunciou, na basílica de São Paulo Fora dos Muros, o Concílio Vaticano II (1962-1965). Em 6 de junho de 1960 o cardeal Gaetano Cicognani foi nomeado presidente da comissão litúrgica preparatória. Em 11 de julho de 1960 foi nomeado o secretário dessa comissão. Era o lazarista Annibale Bugnini. Ela se reuniu por três vezes. A primeira foi no outono de 1960, a segunda na primavera de 1961 e por fim a terceira no inverno de 1962. Quando se deu início ao Concílio Vaticano II, a primeira tarefa consistiu em formar as comissões conciliares. No dia 20 de outubro de 1962 foram eleitos os padres conciliares para a comissão litúrgica. Do dia 22 de outubro até 13 de novembro os padres discutiram em 15 congregações gerais o esquema sobre a liturgia. Em 14 de novembro de 1962, após a conclusão da discussão sobre o primeiro esquema, ele foi votado. Eram 2215 votantes. 2162 foram favoráveis, 46 contrários e 7 nulos<sup>101</sup>. Posteriormente ocorreram duas sessões para discutir as emendas e modificações do esquema. Sendo que a última sessão aconteceu em 1963. No dia 22 de novembro de 1963, quando o motu proprio de Pio X *Tra le sollecitudini* completava 60 anos de sua publicação, os padres conciliares aprovaram todo o texto. No dia 4 de dezembro de 1963, a Constituição sobre a liturgia foi promulgada com 2147 votos a favor e somente 4 contra.

A *Sacrosanctum Concilium* nos seus números 66-69 trata da reforma dos ritos batismais. Ela solicita que sejam revistos os ritos simples e solene do batismo de adultos. Que se tenha em vista o processo do catecumenato (nº 66). Que o rito de batismo das crianças seja adaptado às condições das crianças. Pede-se que na própria celebração haja a explicitação do papel dos padrinhos (nº 67). Nos casos de numerosos batismos aconteçam as adaptações com a anuência do Ordinário local. Solicita que seja elaborado um rito mais breve que possa ser usado nas missões, por catequistas e, em perigo de morte, pelos fiéis em geral, quando não estiver presente o ministro ordinário do sacramento (nº 68). Por fim, pede que seja elaborado um novo rito para os que se converterem à fé católica e já haviam sido batizados validamente (nº 69). O número 70 do documento conciliar trata da bênção da água batismal. Afirma que fora do tempo pascal pode-se benzer a água dentro do próprio rito do batismo. Para isso use-

---

<sup>100</sup> BUGNINI, La riforma liturgica, p.27.

<sup>101</sup> BUGNINI, La riforma liturgica, p.45.

se uma fórmula mais breve que a então vigente na Vigília Pascal. Paulo VI (1897-1978) introduziu três novas fórmulas de bênção da água. A primeira é mais extensa. É usada na celebração da Vigília Pascal. Retoma alguns elementos do Greg/P5, inspirando-se nele. As outras duas, são mais breves. Têm como ponto de partida a primeira fórmula de bênção sobre a água batismal. Elas possuem a característica de serem explicitamente trinitárias. As duas últimas contém aclamações do povo. “O rito atual prevê bem poucos gestos para acompanhar a oração de bênção da água<sup>102</sup>”.

Esse capítulo consistirá em analisar as preces de bênção sobre a água batismal elaboradas no pós Concílio Vaticano II. Para isso o capítulo se dividirá em três partes que serão as análises de cada uma das orações. Em cada oração a divisão seguirá os seguintes itens: 1) texto da prece; 2) secção anamnético-celebrativa; 3) secção epiclética.

## 1. Oração I: análise literário-teológica

### 1.1. O texto da oração<sup>103</sup>

*	Deus, que, com poder invisível, realizas um efeito maravilhoso pelos sinais dos sacramentos, e preparaste de muitos modos a criatura água
5	para que mostrasse a graça do batismo; Deus, cujo Espírito nos mesmos primórdios do mundo pairava sobre as águas, para que já então a natureza das águas
10	concebesse a força de santificar; Deus, que significaste na própria efusão do dilúvio a imagem da regeneração, para que pelo mistério de um só e mesmo elemento acontecesse o fim para os vícios e origem das virtudes;
15	Deus, que fizeste os filhos de Abraão atravessar o mar Vermelho a pé enxuto, para que a plebe, liberta da escravidão do Faraó, prefigurasse o povo dos batizados; Deus, cujo Filho
20	batizado por João na água do Jordão, foi ungido pelo Espírito Santo, e, pendente na cruz, produziu de seu lado água junto com sangue, e, depois de sua ressurreição,

<sup>102</sup> BOROBIO, A celebração na Igreja, p.67.

<sup>103</sup> *RITUALE ROMANUM*, nº 53-54.

25	ordenou a seus discípulos:
	“Ide, ensinai todos os povos, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”.
** 30	Olha para a face de tua Igreja, e digna-te abrir a fonte do batismo. Que esta água receba do Espírito Santo a graça de teu Unigênito, para que o homem, criado a tua imagem, lavado de todas as imundícies da velhice, 35 pelo sacramento do batismo mereça ressurgir da água e do Espírito Santo para uma nova infância. Desça, nós vos pedimos, Senhor, sobre esta inteira fonte 40 por teu Filho a virtude do Espírito Santo, para que todos os sepultados com Cristo na morte pelo batismo ressurjam com ele para a vida. 45 Por Cristo nosso Senhor.
	<i>Todos: Amém.</i>

## 1.2. Secção anamnético-celebrativa (Il.1-28)

A secção anamnético-celebrativa começa atribuindo a Deus as maravilhas realizadas de modo invisível por meio dos sacramentos (Il. 1-3). Esse início inspira-se no Greg/P5. O formulário do Missal de Pio V, seguindo o Sacramentário Gregoriano, afirma do mesmo modo que na atual oração que Deus opera de modo maravilhoso os efeitos dos sacramentos (Il. 29-32 de Greg/P5).

Greg/P5	Pl6-1 - texto latino
Deus onipotente e eterno, que, por teu poder invisível, realizas, de modo maravilhoso, o efeito de teus sacramentos.	Deus, que, com poder invisível, realizas um efeito maravilhoso pelos sinais dos sacramentos.

Essas primeiras linhas de Pl6-1 são uma síntese geral do que será mostrado em particular nas seis referências bíblicas. Os sacramentos constituem o desdobramento das maravilhas da salvação no tempo atual. Isso acontece mediante o poder invisível de Deus.



Desse modo, o batismo se insere no contexto de toda historia salutis. A atual bênção em sua síntese geral diz algo que não é mencionado no formulário anteriormente em uso. Trata-se das ll.4-5. Nelas se reconhece que as águas foram preparadas de vários modos para mostrar a graça do batismo. Aqui está anunciada a perspectiva tipológica, que logo em seguida começará a desenvolver-se aludindo a textos da Escritura que comprovam essa preparação. Ao dizer que Deus preparou as águas (l.4), o texto revela que ele se serviu de toda uma pedagogia no intuito de que os fiéis pudessem compreender melhor as maravilhas realizadas por força de sua graça na água batismal. Nesse sentido, a tipologia ajuda a entender melhor esse processo pedagógico.

Na atual bênção da água batismal, ao fazer reconhecimento de Deus, passa-se para a memória dos seus feitos. São três imagens veterotestamentárias e três neotestamentárias. Trata-se de uma construção simétrica: 3x3. As imagens veterotestamentárias mencionadas são:

- 1) O Espírito paira sobre as águas na origem do mundo (cf. Gn 1,2) (ll.6-8).
- 2) O dilúvio (cf. Gn 6,5ss) (ll.11-14).
- 3) A passagem do Mar Vermelho (cf. Ex 14,15-31) (ll.15-18).

A água é associada com a história da salvação. Deus se serve dela para que a humanidade possa conhecer a graça do batismo (ll 4-5). Para fundamentar o pedido que fará na secção epiclética, começa-se por evocar aquilo que é o tipo do sacramento. Recorda que o Espírito pairava sobre as águas já na origem do mundo (ll. 6-8). É a primeira referência escriturística que emerge no formulário, aludindo ao relato da tradição sacerdotal a respeito da criação em Gn 1,2 que afirma a presença do Espírito sobre as águas primordiais. A atual oração também o manteve, pois, como primeiro dado, o mesmo que encontramos no Greg/P5. Segue-se em ambos a lógica do relato da história da salvação. O Espírito agia sobre as águas para que nelas pudesse ser suscitada a primeira criação. Ele é Espírito criador. Sendo assim, ela se torna sinal de Deus que realiza uma nova criação. “Assim, o batismo é obra de criação paralela à obra criadora que deu origem ao universo<sup>104</sup>”.

Após recordar o Espírito pairando nas águas, passa-se para o dado escriturístico do dilúvio em Gn 6,5ss (ll. 11). Ele é imagem da regeneração (l.12). Observa-se que a oração de Pl6-1 toma literalmente de Greg/P5 (ll.43-48).

---

<sup>104</sup> ROCCHETA, Os sacramentos da fé, p.256.

Greg/P5	Pl6-1- texto latino
Deus, que, lavando com a água os crimes do mundo pervertido, fizeste da própria efusão do dilúvio imagem da regeneração, para que pelo mistério de um só e mesmo elemento acontecesse o fim dos vícios e a origem das virtudes.	Deus, que significaste na própria efusão do dilúvio a imagem da regeneração, para que pelo mistério de um só e mesmo elemento acontecesse o fim para os vícios e origem das virtudes.

Ao percorrer a tradução brasileira da oração de Pl6-1<sup>105</sup> é interessante notar que ela apresenta algumas mudanças em comparação com o texto latino e a Greg/P5.

Greg/P5	Pl6-1 – texto latino	Pl6-1 –tradução brasileira
Deus, qui, nocentis mundi crimina per aquas abluens, regenerationis speciem in ipsa diluvii effusione signasti: ut unius ejusdemque elementi mysterio, et finis esset vitiis et origo virtutibus.	Deus, qui regenerationis speciem in ipsa diluvii effusione signasti, ut unius eiusdemque elementi mysterio et finis esset vitiis et origo virtutum.	Nas próprias águas do dilúvio, prefigurastes o nascimento da nova humanidade, de modo que a mesma água sepultasse os vícios e fizesse nascer a santidade.

A oração de Pl6-1 remete a 1 Pd 3,20 que faz alusão ao dilúvio e afirma que poucos foram salvos pela água, vendo aí a figura do batismo. A perspectiva de Pedro é cristológico-batismal. Também 2 Pd 2,5 se refere ao mesmo evento afirmando a morte dos ímpios e a sobrevivência de Noé. Essa imagem do dilúvio como prefiguração do batismo se encontra nas catequeses mistagógicas de Santo Ambrósio<sup>106</sup>. Os dois formulários possuem algumas nuances. Na tradução brasileira do texto original da oração também apresenta algumas modificações. São elas:

No Greg/P5 ao evocar a imagem do dilúvio, antes de tudo diz que Deus lava com a água os crimes do mundo pervertido (Il.43-44). O formulário de P6-1 elimina esse dado. Passa direto para a imagem do dilúvio.

<sup>105</sup> RICA, n°349, p.16-165.

<sup>106</sup> Cf. AMBRÓSIO, Sobre os sacramentos, 1, 23, p.37.

A tradução brasileira fez algumas modificações. Traduziu *in ipsa diluvii effusione signasti* (“significaste na própria efusão do dilúvio” – l.11), por “nas próprias águas do dilúvio<sup>107</sup>”. Essa opção empobreceu o texto. Embora na epiclese não seja usada a palavra “efusão”, observa-se que a ideia está aí. Ao simplificar, a tradução brasileira perdeu esse horizonte. Por outro lado tornou o texto mais compreensível.

O *regenerationis speciem in ipsa diluvii effusione signasti* não foi traduzido como “imagem da regeneração” (l.12) e sim “prefigurastes o nascimento da nova humanidade<sup>108</sup>”. A versão brasileira da oração se enriqueceu com essa expressão. Ficou mais em consonância com a tipologia da nova humanidade advinda de Noé e sua descendência (cf. Gn 7,23). Além disso, evoca a ideia de uma nova criação que será posteriormente plenificada em Cristo, o Novo Adão.

*Ut unius eiusdemque elementi mysterio* (“para que pelo mistério de um só e mesmo elemento” – l.13) foi traduzido por “de modo que a mesma água<sup>109</sup>”. Omitindo a palavra “mistério”, a tradução perdeu um elemento teológico importante.

Por fim, *et finis esset vitiis et origo virtutum* (“acontecesse o fim dos vícios e origem das virtudes” – l.14), teve uma tradução muito feliz: “sepultasse os vícios e fizesse nascer a santidade<sup>110</sup>”. O verbo “sepultar” evoca Rm 6,4 e assim assume uma perspectiva soteriológica. Ao usar o substantivo “santidade” no lugar de “virtudes”, como o texto latino, relembra que pelo batismo todos são chamados à santidade como vocação universal<sup>111</sup>. Resulta numa maior concordância com a perspectiva conciliar e fica mais cristão, pois “virtude” pode evocar uma moral apenas filosófica.

A última prefiguração veterotestamentária do batismo presente no formulário é a travessia do Mar Vermelho (ll. 15-18). Essa referência é nova em relação ao Greg/P5. Estranho o fato dessa imagem não estar presente nele, uma vez que constitui o evento veterotestamentário mais importante para a teologia do batismo na Patrística. No documento mais antigo que trata sistematicamente do batismo, que é a obra *De Baptismo* de Tertuliano, a tipologia da travessia do Mar vermelho está presente:

Quão numerosos são, pois, os favores da natureza, os privilégios da graça, as solenidades rituais, as figuras, a antecipação, e as profecias todas orientadas para o símbolo da água. Primeiro é o povo liberto do Egito que, atravessando a água, escapa ao poder do rei egípcio. A água extinguiu o próprio rei e todo

---

<sup>107</sup> MISSAL ROMANO, p.286.

<sup>108</sup> Ibid., p.286.

<sup>109</sup> MISSAL ROMANO, p.286.

<sup>110</sup> Ibid., p.286.

<sup>111</sup> VATICANO II, LG, n°39-42.

o seu exército (Ex 14). Que figura mais esclarecedora do sacramento do batismo<sup>112</sup>.

No entanto, o formulário Greg/P5 recolheu outros dados escriturístico do livro do Êxodo como a água de Mara que de amarga tornou-se potável (cf. Ex 15, 23-25) e a água que jorrou da pedra em Massa e Meriba (cf. Ex 17,6). Mas a travessia do Mar Vermelho é o evento central do Antigo Testamento na história da salvação. Esse texto é importante e indubitavelmente enriqueceu a atual oração de bênção. Retomando Ex 14,22 a bênção vê na travessia do Mar Vermelho a pé enxuto por parte dos hebreus o tipo do batismo. Analisando alguns formulários como o Gelasiano e o Veronense, a menção ao texto de Êxodo a respeito da libertação povo de Israel não é contemplada como um tipo do sacramento do batismo. Ao percorrer textos patrísticos, encontra-se em Ambrósio de Milão, em suas duas obras referentes aos sacramentos da iniciação cristã, alusões ao Mar Vermelho: “Que no mar Vermelho tenha havido uma figura deste batismo, o Apóstolo o diz do seguinte modo: ‘nossos pais foram todos batizados na nuvem e no mar’ (1 Cor 10,2), e acrescenta: ‘todas essas coisas aconteceram para eles em figura’ (1Cor 10,11)<sup>113</sup>”.

Há ainda um terceiro testemunho, conforme o ensinamento do Apóstolo: “nossos pais ficaram, todos sob a nuvem, todos eles atravessaram o mar e todos eles foram batizados em Moisés, na nuvem e no mar (10,1-2).[...]. Percebes que já se encontra prefigurado o santo batismo nesta passagem dos hebreus, onde o egípcio perece e o hebreu escapa<sup>114</sup>”.

A menção à travessia do Mar Vermelho é, pois, um enriquecimento do texto dentro da melhor tradição patrística. A passagem do mar liberta os israelitas da escravidão e prefigura o povo nascido na água do batismo (l.18). Ao empregar a expressão “povo”, o texto remete a uma perspectiva eclesiológica. Deus cria Israel como seu povo. “A criação de um povo tem também um substrato político. É o que ocorre aqui: Iahweh intervém num conflito social, racial, cultural e mesmo trabalhista, atuando em favor dos oprimidos. O povo liberto da escravidão se torna povo de Deus<sup>115</sup>”. A Igreja é o povo de Deus nascido nas águas do batismo. A tradição cristã viu nesse evento a imagem da libertação do pecado efetuada por Jesus Cristo, por sua morte e ressurreição. A menção da travessia no formulário como prefiguração do batismo evidencia algo mais profundo que este sacramento realiza. Para Ambrósio a passagem do Mar Vermelho como tipo do batismo mostra que da mesma forma que os egípcios perecem e o hebreu escapa de igual modo ocorre com aquele que é batizado.

<sup>112</sup> TERTULIANO, O sacramento do batismo, 9, p.40.

<sup>113</sup> AMBRÓSIO, Sobre os sacramentos, 1, 20, p.36.

<sup>114</sup> Id., Sobre os mistérios, nº 12, p.83-84.

<sup>115</sup> TABORDA, Nas fontes da vida cristã, p.164.

“A culpa é engolida e o erro é abolido, enquanto a piedade e a inocência atravessam intactas<sup>116</sup>”. João Crisóstomo se refere a esse episódio, explicando-o na mesma direção: “Para os judeus, depois do Egito foi o deserto; para ti, depois do êxodo, o céu<sup>117</sup>”. Nesse sentido, o êxodo do batizado o conduz para uma pátria muito melhor. Sua libertação do pecado o dirige para uma vida em Deus. Essa imagem da passagem do Mar Vermelho já anuncia aquilo que será explicitado melhor na secção epiclética: o sepultamento e a ressurgimento no Senhor. É o novo êxodo que acontece no sacramento batismal.

Depois de evocar três eventos narrados no Antigo Testamento para fundamentar a súplica para que o Espírito santifique a água, a oração passa a basear o pedido em três relatos do Novo Testamento. São eles:

- 1) O batismo de Jesus realizado no Jordão (cf. Mc 1,9; Mt 3,13; Lc 3,21) (Il.19-21).
- 2) A água e o sangue que jorraram do lado aberto de Jesus na cruz (cf. Jo 19,34) (Il.22-23).
- 3) O mandato batismal por parte do Ressuscitado (cf. Mt 28,19) (Il.24-28).

São as três últimas figuras utilizadas pelo Greg/P5. A atual oração eliminou as referências ao sinal da transformação da água em vinho (cf. Jo 2,9) e ao caminhar de Jesus sobre as águas (cf. Mc 6,48; Mt 14,26; Jo 6,19), para fixar-se no mais fundamental.

A primeira imagem consiste no batismo de Jesus realizado no rio Jordão (Il.19-21). Esse é o terceiro episódio recolhido pelo Greg/P5. A atual prece aproveitou fazendo um acréscimo. O Greg/P5 se limita a dizer que Jesus foi batizado em Deus por João na l.109.

Greg/P5	Pl6-1- texto latino	Pl6-1- tradução brasileira
e foi batizado em ti por João no Jordão.	Deus, cujo Filho batizado por João na água do Jordão, foi ungido pelo Espírito Santo.	Vosso Filho, ao ser batizado nas águas do Jordão, foi ungido pelo Espírito Santo.

A oração do Vaticano II conserva esse texto, mas o enriquece quando faz alusão à unção de Jesus pelo Espírito (l.26). No entanto, a tradução brasileira não nomeia João como batizador. Limita-se a afirmação de que o Filho foi batizado no Jordão<sup>118</sup>. Se nos textos latinos de ambas as orações de bênção o primo do Senhor é nomeado, cabe a pergunta pelo

<sup>116</sup>AMBRÓSIO, Sobre os mistérios, nº 12, p.86.

<sup>117</sup>JOÃO CRISÓSTOMO, Trois homélies baptismales, 4,25.

<sup>118</sup>MISSAL ROMANO, p.286.

motivo da ausência de sua pessoa na tradução brasileira. O fato é curioso, uma vez que em outras orações de bênção sobre a água batismal que contemplam esse dado escriturístico o mencionam, como é o caso do Sacramentário Veronense: “Deus onipotente,[...], cujos olhos excelsos estavam voltados para o rio Jordão, enquanto João molhava em penitência os que confessavam os pecados<sup>119</sup>”. De toda forma, o que importa é que o batismo de Jesus constitui uma rica catequese batismal a partir de um evento sobre cuja historicidade a exegese crítica não levanta dúvida.

No batismo, Jesus assumiu pela força do Espírito a missão que o Pai lhe confiou. Assim, ao ser batizado por João, Jesus se manifesta como o Servo do Senhor. É um anúncio de sua quênose a partir da qual será glorificado. “O movimento de baixar às águas e sair delas, acentuado por Mateus e Marcos, será sublinhado em seu significado de enfrentar as águas da morte (como Jesus em sua própria morte) e encontrar nelas a vida<sup>120</sup>”. Ele desceu às águas com a finalidade de purificar a carne. A carne que ele assumiu da condição humana<sup>121</sup>. É recordado que Jesus foi ungido pelo Espírito (1.21), retomando os textos de Lc 4,18 no qual ele aplica a si a passagem do Terceiro Isaías (cf. 61,1) e o de At 10,38 quando Pedro, referindo-se ao batismo de Jesus no discurso “batismal” na casa de Cornélio diz: “Deus o ungiu com o Espírito Santo e com o poder”. A unção no Antigo Testamento possui “três finalidades diversas: para a entronização do rei, para a sagração do sumo sacerdote e dos sacerdotes, para expressar a vocação de um profeta<sup>122</sup>”. Ela tem um fim: legitimar a vontade de Deus sobre aqueles que foram escolhidos. A presença do Espírito sobre Jesus que o unge manifesta a inauguração dos tempos messiânicos. Ele é o messias, o ungido. Jesus é o messias-servo. O seu batismo constitui o marco do início de sua ação libertadora. Nesse sentido, a unção pelo Espírito significa uma investidura que faz eco às profecias de Isaías (cf. 11,2;2,42;61,1).

Toda a tradição vê no batismo de Jesus o momento em que, pelo contato com a humanidade dele, é comunicada à água a força santificadora, que opera no sacramento do batismo. Poderia, pois, ser considerado o momento da instituição do batismo, embora seja celebrado somente depois da ressurreição de Jesus<sup>123</sup>.

A segunda imagem é a água e o sangue que saíram do lado de Jesus na cruz (Il.22-23).

---

<sup>119</sup> SacVer, nº 1331.

<sup>120</sup> TABORDA, Nas fontes da vida cristã, p.175.

<sup>121</sup> Cf. AMBRÓSIO, Sobre os sacramentos, 1,16, p.35.

<sup>122</sup> TABORDA, Nas fontes da vida cristã, p.200.

<sup>123</sup> GOEDERT, Teologia do batismo, p.21.

Greg/P5	Pl6-1 – texto latino	Pl6-1 –tradução brasileira
Que te produziu de seu lado, juntamente com sangue.	e, pendente na cruz, produziu de seu lado água junto com sangue.	Pendente da cruz, do seu coração aberto pela lança, fez correr sangue e água.

Mesmo conservando o texto do Greg/P5 o atual formulário faz um acréscimo na l. 22 ao dizer que ele estava pendente na cruz. Evidentemente que no Greg/P5, tendo presente o texto joanino de modo implícito, era de se deduzir que a água e o sangue jorados foram no momento em que o Verbo encarnado estava na cruz. No entanto, ao explicitar esse dado, a atual oração acentua ainda mais o caráter soteriológico do sacramento batismal. A cruz tem sua importância salvífica. A tradução brasileira insere a lança como objeto de perfuração. Não diz que é do lado como os textos latinos dos dois formulários, mas sim do coração<sup>124</sup>. Isso é interessante para se pensar a devoção tão difundida do Coração de Jesus. Esse culto ao coração tem como pressuposto o amor salvador do Senhor. Implica a “correlação imitadora deste amor salvador e de seu destino no mundo: a expiação<sup>125</sup>”. Em 1 Jo 5,7-8 o autor também menciona a água e o sangue juntamente com o Espírito como testemunhas de Jesus Cristo. A leitura feita pela tradição é que ele se refere aos sacramentos da iniciação cristã. A água é o batismo, o sangue a eucaristia e o Espírito a crisma.

A terceira e última imagem neotestamentária é o mandato de Jesus para que se batize (ll. 24-28). Conservou em quase tudo o Greg/P5 (ll.114-116), citando inclusive as palavras de Jesus em Mt 28,19 (ll.26-28), formando literariamente um embolismo no sentido de C. Giraudo<sup>126</sup>.

Greg/P5	Pl6-1 – texto latino	Pl6-1 –tradução brasileira
Ide, ensinai todos os povos, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo.	“Ide, ensinai todos os povos, batizando-os Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”.	“Ide, fazei meus discípulos todos os povos, e batizai-os em nome do Pai e do Filho, e do Espírito Santo”.

<sup>124</sup> MISSAL ROMANO, p.286.

<sup>125</sup> RAHNER, Escritos de teología III, p.384.

<sup>126</sup> Cf. GIRAUDO, In unum corpus, p.222.

No entanto, a atual oração enriquece o texto do Sacramentário Gregoriano. Antes da citação literal das palavras do Ressuscitado, a bênção dá o contexto do mandato batismal (I.24-25), quando o texto do Greg/P5 se limita a afirmar que ele ordenou aos seus discípulos. Isso é significativo pelo fato de que põe em evidência o mistério pascal, uma vez que a referência neotestamentária anterior ao mandato de Jesus era a cruz. Essa agora é a ressurreição. Em Cristo, no batismo estão presentes estes dois aspectos. O cristão ao descer às águas batismais faz a experiência da morte e ressurreição. Nesse sentido, o batismo se caracteriza por sua expressão significativa de sacramento do mistério pascal. O embolismo marca a instituição do batismo. A tradução brasileira enriquece o embolismo. Ela não traduz o mandato do Ressuscitado por ir e ensinar todos os povos (I.26), como está tanto no Greg/P5 como na oração de P6-1, mas, como está em Mt 28,19 por “Ide, fazei todos os povos meus discípulos <sup>127</sup>”. Essa tradução é bem mais feliz. Primeiro, porque reproduz o texto evangélico. Depois porque evoca a categoria do discipulado. O batismo constitui o cristão como discípulo do Mestre que chama e convida a segui-lo. Nesta terceira imagem o sacramento do batismo aparece em seu mistério total. Ele é dom e evento trinitário em favor dos crentes.

A tradução brasileira inseriu três aclamações<sup>128</sup> na secção anamnético-celebrativa e uma na secção epiclética. Essas aclamações consistem em dizer ou cantar: “Fontes do Senhor, bendizei ao Senhor”. Se inspira no cântico dos três jovens na fornalha (cf. Dn 3,57-90), no qual toda a criação é chamada a bendizer ao Senhor.

### 1.3. Secção epiclética (II.29-46)

O ponto central da secção epiclética do atual formulário está nas II.38-41. Ela vem do Greg/P5 (II.125-126) e sua importância se mostra pelos ritos que acompanham na liturgia batismal da Vigília Pascal. A rubrica de ambos os formulários diz para mergulhar o círio pascal na água.

Greg/P5	Pl6-1- texto latino	Pl6-1 – tradução brasileira
Desça sobre esta inteira fonte	Desça, nós vos pedimos, Senhor, sobre esta inteira fonte	Nós vos pedimos, ó Pai, que por vosso Filho desça sobre toda esta água

<sup>127</sup> MISSAL ROMANO, p.286.

<sup>128</sup> Cf. RICA, n°349.



a virtude do Espírito Santo.	por teu Filho a virtude do Espírito Santo, para que todos os sepultados com Cristo na morte pelo batismo ressurjam com ele para a vida.	a força do Espírito Santo. E todos os que, pelo batismo, forem sepultados na morte com Cristo, ressuscitem com ele para a vida.
------------------------------	---	---

A eucologia do Greg/P5 não tem a perspectiva trinitária do formulário de Pl6-1. No Greg/P5 limita-se a suplicar que desça sobre a fonte a virtude do Espírito. Diferentemente, na versão de Pl6-1, a suplica é dirigida ao Pai para que pelo Filho a fonte possua a virtude do Espírito Santo. Toda a riqueza de inspiração paulina a respeito da participação do batizado na ressurreição de Cristo está ausente do Greg/P5. A oração se volta ao Pai pedindo que a força do Espírito desça sobre a água para que ela seja santificada e se torne santificante, no intuito de ser elemento sacramental pela mediação do Filho. A epiclese inicia suplicando para que Deus olhe para a face de sua Igreja (l.29). Esse olhar bondoso abre as fontes do batismo (l.30). Subjacente está a ideia da fonte como útero que gera filhos para a Igreja. O tom é mais patrístico. A tradução brasileira usa a expressão “faça brotar para ela a água do batismo<sup>129</sup>”. Distancia-se do texto latino. Contudo, é mais bíblica, pois evoca explicitamente a imagens veterotestamentárias da água que brotou no deserto (cf. Nm 20,11; Sl 78,6; 105,41; Is 48,21) como também a água que haveria de borbulhar no templo de Jerusalém (cf. Ez 47,1; Jl 4,18; Zc 13,1). O batismo constitui nesse sentido fonte de água viva. Essa água prometida para os tempos escatológicos (cf. Ap 22,1).

As ll. 31-32 em consonância com o texto do Greg/P5 (ll.56-58) suplica para que a água receba a graça do Unigênito pela ação do Espírito.

Greg/P5	Pl6-1- texto latino	P6-1 – tradução brasileira
Para que, à ordem de tua majestade, receba do Espírito Santo a graça de teu Unigênito.	Que esta água receba do Espírito Santo a graça de teu Unigênito	Que o Espírito Santo dê, por esta água, a graça do Cristo.

A água é fecundada para poder gerar nova humanidade. Os textos do Greg/P5 e de Pl6-1 afirmam que a graça é do Unigênito. Interessante notar que a tradução brasileira optou

<sup>129</sup> MISSAL ROMANO, p.286.

usar a palavra “Cristo”. Certamente para ficar mais inteligível aos participantes da celebração. Essa mudança não é tão significativa.

Nas ll.33-37 trata-se dos efeitos do batismo. O ser humano que fora criado à imagem de Deus, pelo pecado veio a perder essa condição. Por isso, o batismo o lava dessas imundices (l.34) e o transforma, recuperando o que foi perdido. Aqui se observam algumas modificações em relação às ll.133-136 do Greg/P5.

Greg/ P5	Pl6-1 – texto latino
<p>Para que todo homem, entrando neste sacramento da regeneração, renasça para a nova infância da verdadeira inocência.</p>	<p>para que o homem, criado a tua imagem, lavado de todas as imundícies da velhice, pelo sacramento do batismo mereça ressurgir da água e do Espírito Santo para uma nova infância.</p>

Não se fala de sacramento da regeneração, mas do sacramento do batismo (l.35). Não se usa a expressão renascer e sim ressurgir (l.43). Acrescenta que esse ressurgimento é pela água e o Espírito Santo (l.36). Indubitavelmente, a atual oração melhorou muito. Ao usar a expressão ressurgir deu ao batismo o caráter de participação na ressurreição do Senhor. Evidencia-se esse dado simbólico que o sacramento possui. O acréscimo explicita o meio pelo qual esse ressurgimento acontecerá. Esse trecho evoca a conversa de Jesus com Nicodemos (cf. Jo 3,5), no qual Jesus expõe a condição de possibilidade para entrar no Reino que consiste em nascer da água e do Espírito. Também faz alusão ao texto de Ez 36,25-27 em que na promessa de restauração nacional e espiritual de Israel o Senhor promete derramar água pura sobre o povo para que fique purificado das impurezas e dos ídolos. Além disso, Deus se compromete a infundir sobre o povo seu Espírito. O texto escriturístico de Jo 3,5 tem como finalidade apresentar que a água e o Espírito são elementos significativos para o novo nascimento. Nesse sentido, o batizado é uma nova criatura obra de Deus que se serviu do elemento terrestre infundindo nela a ação de seu Espírito.

As ll. 42-45 são próprias do formulário pós-conciliar. Nelas evidenciam-se o significado simbólico do sacramento batismal. Ser sepultado com Cristo (l.42) e ressurgir com ele para a vida (l.44). Esse final é paulino. Remete à carta do Apóstolo à comunidade de Roma (cf. 6,4-5). Esse elemento paulino no que diz respeito à associação da morte do batizado com a morte de Cristo encontra-se na bênção da água batismal das Constituições Apostólicas (séc. IV): “Olha do alto céu e santifica esta água, concede graça e força para

aquele que é batizado segundo a ordem de Cristo; seja associado à sua crucificação e à sua morte, para ser adotado nele, morrendo ao pecado e vivendo para a justiça<sup>130</sup>”. O batismo comporta assumir a cruz. João Crisóstomo em suas catequeses batismais ao comentar esse texto de Paulo diz: “Pois no batismo há, no mesmo momento, sepultura e ressurreição: [aquele que é batizado] abandona o velho homem, assume o novo<sup>131</sup>”. A bênção da água contempla essa realidade do sacramento. Morte e vida se entrelaçam. “Aderir a Cristo em sua morte tem futuro<sup>132</sup>”. Do ponto de vista litúrgico entende-se então a motivação pela qual a vigília pascal é uma celebração iminentemente batismal. Nela celebra-se a vitória de Cristo sobre o pecado e a morte. O batismo consiste num passo decisivo para o discipulado. Cada batizado se torna um memorial vivente do Crucificado-Ressuscitado. Nesse sentido ele é mais um que aderiu à luta entre os ídolos de morte e o Deus da vida e da história.

A oração conclui como é o costume das formulas de orações romanas. Cristo é o mediador. Ele apresenta os pedidos da comunidade ao Pai. Esse mediador é o Filho de Deus<sup>133</sup>. Por isso aquele que preside a celebração diz “Por Cristo nosso Senhor”. A comunidade proclama o amém (1.46) em concordância com a súplica elevada a Deus pelo ministro. A assembleia associa-se ao discurso orante do presidente da celebração<sup>134</sup>.

## 2. Oração II: Análise literário-teológica

### 2.1. O texto da oração<sup>135</sup>

*	Bendito [sejas] Deus, Pai onipotente, que criaste a água para purificar e vivificar. <i>Bendito [seja] Deus.</i>
5	Bendito [sejas] Deus, Filho unigênito, Jesus Cristo, que verteste do lado água juntamente com sangue, para que, de tua morte e ressurreição, nascesse a Igreja <i>Bendito [seja] Deus.</i>
10	Bendito [sejas] Deus, Espírito Santo, que ungeste o Cristo batizado nas águas do Jordão, para que todos nós fôssemos batizados em ti. <i>Bendito [seja] Deus</i>

<sup>130</sup> LES CONSTITUTIONS APOSTOLIQUES, VII, 43,5, p.105.

<sup>131</sup> JOÃO CRISÓSTOMO, Trois homélies baptismales, 2,5.

<sup>132</sup> GARCÍA PAREDES, Iniciación Cristiana y eucaristía, p.149.

<sup>133</sup> Cf. JUNG MANN, Las leyes de la liturgia, P.130-132.

<sup>134</sup> GIRAUDO, In unum corpus, p.399.

<sup>135</sup> RITUALE ROMANUM, n°223.

**	Eia, pois, Senhor, único Pai, e santifica a criatura água, para que, batizados nelas, os homens sejam lavados do pecado e renasçam para a vida de teus filhos adotivos. <i>Ouve-nos, Senhor</i>
15	
20	Santifica a criatura água, para que, os que são batizados por ela na morte e ressurreição de Cristo, sejam feitos conformes à imagem de teu Filho <i>Ouve-nos, Senhor</i>
25	Santifica a criatura água, para que aqueles que escolheste sejam regenerados pelo Espírito Santo e tenham parte em teu povo santo. <i>Ouve-nos, Senhor</i>

## 2.2. Secção anamnético-celebrativa (Il.1-12)

A oração de bênção sobre a água batismal é de dinâmica semiembolística. Ela fundamenta sua súplica com referências indiretas à Palavra de Deus. A prece possui uma estrutura trinitária.

A secção anamnético-celebrativa começa invocando Deus como Pai onipotente (l.1). Por seu carácter trinitário a expressão bendito na aclamação é destinada tanto ao Pai (l.1), como ao Filho (l.4) e ao Espírito Santo (l.9). Essa opção de bênção sobre a água batismal contém uma aclamação do povo. Sua intenção é de favorecer mais a participação da assembleia no rito. Interessante notar que a aclamação na secção anamnético-celebrativa consiste em dizer ou cantar: “Bendito seja Deus” (Il. 3.8.12). A tradução brasileira, valendo-se da abertura do texto latino que permite outra aclamação, foi feliz ao propor uma aclamação servindo-se do Sl 113,2, que diz ser “bendito o nome do Senhor, agora e sempre e por toda eternidade<sup>136</sup>”. Um refrão que pode ser cantado e o seu ritmo já está presente na memória de tantos que participam das celebrações litúrgicas. Ao se referir à Trindade como bendita a oração tem diante de si a tradição sapiencial que remete a Deus como o bendito de Israel. Isso se pode perceber nos Salmos 41,14; 72,18 e 106,48. No Novo Testamento Zacarias também inicia seu cântico referindo-se ao Senhor Deus de Israel como bendito (cf. Lc 1,68).

Cada Pessoa da Trindade é bendita por algo que ela realiza. Nas Il. 1-2 Deus Pai é bendito porque cria. No entanto, é curioso notar que no relato da criação não se fala de

<sup>136</sup> RBC, nº393.

forma explícita que Deus criou a água (cf. Gn 1,2). A finalidade da água é purificar e vivificar (ll.2). Purifica o corpo pelo banho. Purifica do pecado e por isso faz com que a pessoa possa ter vida em Deus. A água comunica a vida. “A água é símbolo da vida e vida é comunhão com Deus<sup>137</sup>”.

A oração expressa outros dois benditos que se relacionam com o Filho e o Espírito Santo. São eles:

- 1) A água e o sangue que jorraram do lado aberto de Jesus na cruz (cf. Jo 19,34) (ll. 4-7). Jesus Cristo é bendito porque de sua morte e ressurreição nasceu a Igreja.
- 2) A unção de Cristo pelo Espírito Santo quando foi batizado no Jordão (cf. Mc 1,9-11; Mt 3,16; Lc 3,21-22) (ll. 9-12). O Espírito Santo é bendito porque, unguendo o Cristo no Jordão, permitiu que todos pudessem ser batizados nele.

Importante observar que imagens veterotestamentárias estão praticamente ausentes na prece. Faltam imagens fundamentais para a teologia batismal que a primeira opção recolhe, como, por exemplo, os filhos de Abraão que atravessam o Mar Vermelho a pé enxuto. Em relação ao Novo Testamento está ausente a referência do lugar escriturístico que fundamenta o batismo que é Mt 28,19, que está presente no Greg/P5 como também na primeira opção da atual oração de bênção da água batismal.

Jesus é o Unigênito do Pai. Ele é bendito (l.4) como o seu Pai (l.1) e como o Espírito Santo (l.9). A eucologia está em consonância com a fé professada pela Igreja no credo niceno-constantinopolitano. Jesus é da mesma substância do Pai<sup>138</sup>. O Filho é reconhecido como Deus, da mesma forma que o Pai é. Nesse sentido, a prece mostra uma relação entre as Pessoas da Trindade. Nota-se que a prece diz o nome do Filho: é Jesus Cristo (l.4). A tradução brasileira empobreceu o original. Simplificou demasiadamente. Restringe-se a somente dizer Deus Filho<sup>139</sup>. Não evidencia o seu ser Unigênito e oculta seu nome. A prece evoca a ação redentora do Filho através da água e do sangue que jorraram do lado aberto de Jesus na cruz (ll.4-5). Essa referência foi conservada do Greg/P5 (ll.110-111) e da primeira opção de bênção atual(ll.22-23).

Greg/P5	Pl6-1 – texto latino	Pl6-2- texto latino
Que te produziu de seu lado,	e, pendente na cruz, produziu de seu lado água	que verteste do lado água

<sup>137</sup> TABORDA, Nas fontes da vida cristã, p. 169.

<sup>138</sup> DH, nº125.

<sup>139</sup> RBC, nº393.

juntamente com sangue.	junto com sangue.	juntamente com sangue.
------------------------	-------------------	------------------------

No entanto, em ambos os formulários se diz que a água foi produzida (*produxit*) do lado de Cristo. Já essa segunda opção não usa o mesmo verbo. O verbo utilizado é verter (*profudisti*). Diz que verteu água e sangue do seu lado (l.5). A finalidade desse episódio consiste em apontar que pela morte e ressurreição (l.6) acontece o nascimento da Igreja (l.7). Observa-se a relação entre cristologia e eclesiologia. A Igreja é fruto do mistério pascal. Se a tradição viu no sangue e na água que verteram do lado de Jesus pendente na cruz a prefiguração dos sacramentos do batismo e da eucaristia, então, pode-se notar que nesse sentido a oração revela que os sacramentos fazem a Igreja. Ela se torna comunicadora da salvação, pois nasce da morte e ressurreição do Senhor. Sua comunicação se revela nos sacramentos do batismo e da eucaristia.

Concluída a sua referência ao Filho a oração passa ao Espírito Santo. Também dele é reconhecida a divindade (l.12). É chamado de Deus. É bendito (l.9) como o Pai (l.1) e o Filho (l.4). Sua alusão o relaciona com Cristo. A sua ação consiste na unção de Cristo quando foi batizado no Jordão (l.10). Observa-se que se refere ao batismo, mas a oração parece querer evidenciar mais o aspecto da unção de Cristo. Isso se justifica pelo fato de que essa parte da secção anamnético-celebrativa se refere ao Espírito Santo. A prece diz que o Espírito Santo ungiu o Cristo, quando ele era batizado no Jordão (l.10) para todos fossem batizados no Espírito Santo (l.11). Observa-se a relação entre batismo e Espírito Santo. A Terceira Pessoa da Trindade é o protagonista desse sacramento. Ele possui um duplo papel: é agente principal e dom do acontecimento salvífico.

Se o batismo comporta uma comunhão real com o mistério pascal de Cristo e com a salvação plena e escatológica, isso se deve ao fato de ambos os momentos da história da salvação se tornarem realmente presentes na celebração da Igreja graças à ação do Espírito<sup>140</sup>.

### **2.3. Secção epiclética (ll.13-28)**

A secção epiclética corresponde à secção anamnético-celebrativa. Ela se articula em três partes e cada uma se refere a uma Pessoa da Trindade. Ela inicia suplicando para que Deus esteja presente à assembleia litúrgica para a celebração do sacramento batismal e reconhece-o como único Pai (l.13). Ele é o Pai de Jesus Cristo (cf. 2 Cor 1,3; Rm 15,6).

<sup>140</sup> Cf. OÑATIBIA, Batismo e confirmação, p.189.

P6-2 – texto latino	P6-2 – tradução brasileira
Eia, pois, Senhor, único Pai.	Deus Pai, criador do universo.

Por um lado, a tradução brasileira empobreceu quando não explicita que Deus é o único Pai. Simplesmente restringiu-se a dizer que Deus Pai é criador do universo<sup>141</sup>. Por outro, está mais em sintonia com o bendito referente ao Pai da secção anamnético-celebrativa que ressalta a sua ação que é criar. Pede-se que Deus santifique a criatura água (l.14). Essa linha parece ser uma herança no Greg/ P5 quando o ministro antes de traçar o sinal da cruz sobre a fonte batismal profere as palavras “eu te abençoo, criatura água”. As ll. 16-17 indicam as finalidades da bênção da água. São elas: 1) lavar o homem do pecado (l.16); 2) faz~e-lo renascer para a vida dos filhos adotivos (l.17). Ambas as motivações são ressonâncias do Greg/P5 e da primeira opção atual de bênção da água batismal. No entanto, faz-se necessário observar que nos dois formulários a ideia da filiação não aparece de forma explícita como nesta oração. Eles falam de nova infância. Essa oração, indubitavelmente, enriqueceu-se com a menção à filiação. Traz presente a teologia da eleição. Todos se tornam filhos de Deus pelo batismo (cf. Gl 3,26-27). Desse modo mostra a vocação fundamental do cristão que consiste em ser filho de Deus. Não existe dignidade maior do que esta. Partindo dessa lógica os Padres explicitaram a doutrina da divinização do cristão por meio do batismo. A divinização consiste na participação do batizado na vida divina. Este ensinamento teve um lugar central na teologia patrística, de modo particular a oriental<sup>142</sup>. Assim, pode-se perceber uma relação da secção epiclética com a anamnético-celebrativa. Deus Pai cria a água para purificar e vivificar (l.2). Essa purificação e vivificação acontece graças a santificação da água que, no batismo (l.15), lava o ser humano do pecado (l.16) para que ele renasça para a vida dos filhos adotivos do Criador (l.17)

Do mesmo modo que na secção anamnético-celebrativa existe aclamação por parte do povo favorecendo uma maior participação da assembleia na eucologia, de igual modo acontece na secção epiclética. Nessa secção a aclamação é: “Ouve-nos, Senhor” (ll.18.23.28). Essa súplica encontra-se no livro dos Salmos 39,13; 102,1; 143,1 quando o salmista clama a Deus para que ouça sua oração. A tradução brasileira deu um tom pneumatológico e enriqueceu muito a prece. É o Espírito que atua no sacramento. Sua aclamação é: “Enviai,

<sup>141</sup> RBC, n°393.

<sup>142</sup> Cf. AUGÉ, L’iniziazione cristiana, p.218.

Senhor, o vosso Espírito que santifique a fonte da água<sup>143</sup>”. Interessante observar que na tradução brasileira, essa intervenção do povo mostra o protagonismo do Espírito Santo no rito batismal. Além disso, esse refrão também está memorizado em muitos fiéis que participam das celebrações litúrgicas, uma vez que é um canto muito difundido. Isso favorece uma maior e melhor participação da assembleia litúrgica no rito e valoriza os cantos religiosos populares. Sem dúvida nenhuma consiste numa forma de inculturação.

As ll.19-23 mostram a relação entre a santificação da água e o Filho. Logo após a aclamação do povo o ministro continua a oração pedindo a santificação da água (l.19). Agora a finalidade da santificação da água é: 1) Fazer com que o batizado participe da morte e ressurreição de Cristo (l.21); 2) Conformar os batizados à imagem do Filho (l.22). Esses efeitos mencionados nesta parte da secção epiclética estão em sintonia com a parte da secção anamnético-celebrativa em que se refere ao Filho como bendito. A Igreja nasce da morte e ressurreição de Jesus (ll.6-7) e todos os que passam pela água santificada são batizados na morte e ressurreição de Cristo (ll.20-21). Portanto, a eucologia revela que a Igreja é a comunidade dos batizados participantes do mistério pascal. O primeiro efeito do batismo expresso na prece evidencia a expressão significativa do sacramento. Herda da primeira opção de bênção sobre a água batismal. Recolhe o testemunho bíblico paulino de Rm 6,4. A graça da morte em Cristo no batismo precisa atingir o ser humano em todas as suas ações e atividades. O segundo efeito do batismo presente na prece é de inspiração paulina. Ele é mencionado na carta aos Romanos 8,29 e aos Filipenses 3,10. É pela força da morte e ressurreição do Senhor que o batizado se configura ao Cristo. Nesse sentido ele se reveste do Filho (cf. Gl 3,27; Rm 13,14; Cl 3,9). Desse modo, não se está “longe da expressão cunhada pelos Padres da Igreja: *christianus, alter Christus*. Trata-se de uma configuração real, ontológica e mística<sup>144</sup>”. A tradução brasileira, diferentemente do texto latino, afirma que o Pai ressuscitou Jesus dentre os mortos<sup>145</sup>. Ela procurou relacionar mais claramente cada pedido com a respectiva Pessoa da Trindade. Esse dado não está no original. O texto simplesmente restringe-se a dizer que os catecúmenos são batizados na morte e ressurreição de Jesus (l.21). Nesse sentido, a tradução aponta para a perspectiva cristológica de que é o Pai que ressuscita Jesus.

As ll. 24-28 revelam a relação entre a santificação da água e o Espírito Santo. A água é santificada para que aconteça: 1) regeneração dos batizados pelo Espírito Santo; 2) participação dos batizados no povo santo. A primeira imagem evoca a conversa de Jesus com

---

<sup>143</sup> RBC, nº393.

<sup>144</sup> OÑATIBIA, Batismo e confirmação, p.238.

<sup>145</sup> RBC, nº393.



Nicodemos (cf. Jo 3,6). A regeneração consiste no nascimento pelo Espírito. Nota-se o protagonismo da ação do Espírito Santo. É ele que faz com que o batizado entre em sintonia com o mistério pascal de Cristo<sup>146</sup>. Além disso, essa regeneração faz com que aquele que passou pelas águas receba a habitação do Espírito em seu interior, como num templo. É ele que irá animar a vida interior do neófito. Nesse sentido, após o banho batismal o cristão estará sob a lei do Espírito e será chamado a viver conforme ele (cf. Gl 5,25). A segunda se refere à Igreja. O batizado é incorporado a ela<sup>147</sup>. Paulo coloca em relevo a inserção na vida eclesial mediante o sacramento do batismo (cf. 1 Cor 12,13; Ef 4,4-5). O batismo é recebido no seio de uma comunidade. Na secção anamnético-celebrativa, quando se referia ao Espírito, a eucologia dizia que ele ungiu Cristo batizado no Jordão para que todos pudessem ser batizados nele (Il.10-11). A secção epiclética evidencia o efeito de ser batizado no Espírito. Esse efeito consiste em tornar o batizado, regenerado pelo Espírito, pertencente ao povo santo de Deus (l.27). O batizado se torna membro do Corpo de Cristo que é o corpo eclesial. Sendo parte desse povo santo, criado pelo Espírito, o batizado tem o direito e o dever de participar da missão de Cristo e da Igreja. Ele é chamado a estar em comunhão com a comunidade eclesial. Esta comunhão faz parte da identidade do batizado, uma vez que ele foi incorporado ao povo santo.

### 3. Oração III: Análise literário-teológica

#### 3.1. O texto da oração<sup>148</sup>

*	Pai clementíssimo, que da fonte do batismo fizeste jorrar em nós a vida nova de teus filhos.
5	<i>Bendito [seja] Deus</i> Que te dignas reunir, num só povo, da água e do Espírito Santo, todos os batizados
10	em teu Filho Jesus Cristo. <i>Bendito [seja] Deus.</i> Que, pelo Espírito de tua caridade, que infundes nos corações, nos libertas
15	para que gozemos de tua paz.

<sup>146</sup> VATICANO II, GS, n° 22.

<sup>147</sup> Id., LG, n° 11.

<sup>148</sup> RITUALE ROMANUM, n° 224.

20	<i>Bendito [seja] Deus</i> Que escolhes os batizados para que anunciem alegremente em todos os povos o Evangelho de teu Cristo
25	<i>Bendito [seja] Deus</i> Digna-te abençoar ✠ agora este água, com a qual devem ser batizados teus servos (N. e N.) e tuas servas (N. e N.), que chamaste ao banho da regeneração na fé da Igreja, para que tenham a vida eterna. Por Cristo nosso Senhor. <i>Amém.</i>

### 3.2. Secção anamnético-celebrativa (II.1-21)

A terceira opção de bênção sobre a água batismal possui também estrutura trinitária. É uma prece dirigida ao Pai. Sua dinâmica é semiembofística. A secção anamnético-celebrativa as três primeiras se referem a cada uma das Pessoas da Trindade.

As II.1-5 constituem a primeira estrofe. Deus faz dos catecúmenos filhos pelo batismo. Ele é adjetivado de clementíssimo (I.1). Em todos os formulários, essa é a primeira vez que o Pai recebe esse tratamento. A tradução brasileira optou por chamá-lo de Pai de misericórdia<sup>149</sup>. Ela foi feliz ao adotar essa qualificação para Deus, pois está em consonância com o texto paulino de 2 Cor 1,3.

As II. 2-4 parecem ser inspiradas no Greg/P5 (II. 51-55).

Greg/P5	Pl6-3
[tu] que, com a torrente impetuosa de tua graça, alegras tua cidade e abres a fonte do batismo para renovar os povos em todo o orbe das terras.	que da fonte do batismo fizeste jorrar em nós a vida nova de teus filhos.

A fonte que jorra vida tem a ver com Jo 7,38: “De seu seio jorrarão rio de água viva”. A Didaqué manda batizar em água corrente. A água corrente é água viva<sup>150</sup>. A água nesse formulário é vista como fonte de vida. A vida nova gerada pela água que a eucologia postula consiste na participação na morte e ressurreição de Cristo. O batismo sela e festeja a

<sup>149</sup> RBC, nº393.

<sup>150</sup> Cf. DIDAQUÉ, 7,1, p.30.

aceitação da fé, é, por isso, explicado nas Escrituras cristãs como fonte de vida nova, verdadeiro novo nascimento, origem da nova criação. Vem ao encontro dessa reflexão o texto da carta aos Romanos 6,4 quando o Apóstolo diz: “pelo batismo nós fomos sepultados com ele na morte para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também nós vivamos vida nova”. Além disso, esse elemento é contemplado na prece de bênção sobre a água batismal do Sacramentário Veronense, quando diz: “para que... o homem interior... renasça e revivesça para o homem novo, criado em Cristo Jesus<sup>151</sup>”. Ao se referir à vida nova (l.4), a prece evidencia que esse sacramento torna todos os que passam pela água da fonte batismal filhos de Deus. Portanto, o tema da filiação está presente na oração. O Espírito Santo é o agente para que a filiação possa acontecer. É ele que, derramado nos corações dos batizados, comunica a eles a experiência da filiação divina de modo que os batizados possam se dirigir a Deus clamando “Abbá, Pai!” (cf. Rm 8,15; Gl 4,6). A filiação “coloca o batizado diante de uma série de funções e responsabilidades na vida cotidiana<sup>152</sup>”. Nesse sentido, o batismo aponta para a dimensão ética do itinerário cristão. Tem consequências morais, como a prática da justiça (cf. 1 Jo 2,29) e o amor mútuo (cf. 1 Jo 4,7).

Para favorecer uma maior participação da assembleia litúrgica na oração, a terceira opção de bênção sobre a água batismal, de igual modo que a segunda, contém aclamações do povo. Elas são as mesmas da secção anamnético-celebrativa da segunda opção que consiste em dizer ou cantar: “Bendito [seja] Deus” (Il.5.11.16.21). Essa aclamação é a única prevista para ser repetida em toda prece, mas sugere que se escolha outra aclamação apta. Foi o que fez a tradução brasileira. Na secção anamnético-celebrativa a resposta é inspirada no Magnificat Lc 1,49: “O Senhor fez por nós maravilhas, Santo, Santo, Santo é o seu nome<sup>153</sup>”. É um refrão cantado e conhecido por muitos dos que costumam participar de encontros e celebrações litúrgicas. Nesse sentido, enriqueceu a oração. O sacramento do batismo é visto como uma das maravilhas que Deus fez por nós. Uma teologia bíblica dos sacramentos necessita contemplar as maravilhas realizadas por Deus no conjunto da obra salvífica<sup>154</sup>.

As ll.6-10 são a segunda estrofe da prece. Deus faz dos batizados povo em Cristo. Depois de considerar o batismo como fonte de vida nova, essa segunda estrofe o vê como origem da condição cristã de povo de Deus (ll.6-7). No Antigo Testamento Deus

---

<sup>151</sup> SacVer, nº 1331.

<sup>152</sup> GOEDERT, Teologia do batismo, p.61.

<sup>153</sup> RBC, nº394.

<sup>154</sup> Cf. ROCCHETA, Os sacramentos da fé, p.17.

escolheu os hebreus. Eram os filhos de Abraão os herdeiros da promessa que constituíram a porção escolhida pelo Senhor. Era o povo da primeira aliança (cf. Gn 12,1-2). A eles Deus deu uma pátria: Israel. Agora, a prece evoca outro povo. É o novo Israel. Sua constituição se dá mediante a água e o Espírito Santo (l.7). A esse, Deus deu uma comunidade. Ela não se limita à fronteira territorial. Ao invés, extrapola esse limite. Não é um povo étnico, como o da primeira aliança. O novo Israel é gerado a partir da adesão de fé em Jesus Cristo.

A prece evoca o diálogo de Jesus com Nicodemos (cf. Jo 3,5) no qual o Senhor convida seu interlocutor a nascer da água e do Espírito. Isso é retomado da primeira opção de bênção (ll.33-37).

A água para Evangelista João possui dois sentidos. São eles: 1) purificação; 2) fecundidade. O primeiro sentido diz respeito à purificação do pecado. Ela consiste em remover a cegueira em vista da revelação<sup>155</sup>. O segundo sentido se refere à geração da vida. O Espírito é o principal ator no sacramento batismal. O povo nascido da água e do Espírito (l.8) é aquele que aderiu à comunidade de Jesus. Aqui nota-se uma diferença entre a Pl6-1 com a Pl6-3. Enquanto a primeira se refere o nascimento da água e do Espírito como o ressurgimento de uma vida nova para aquele que passou pela água do batismo, a segunda acentua o caráter eclesiológico. A comunidade eclesial é o povo reunido da água e do Espírito (ll.6-8). A Igreja é a comunidade dos batizados. Os catecúmenos são batizados em Jesus Cristo (ll.9-10). O batismo é em Jesus, pelo fato de que o sacramento batismal recebe seu sentido da pregação, da vida, da paixão, da morte e ressurreição do Cristo. Tudo isso é proclamado no querigma pós-pascal e aceito na fé<sup>156</sup>. Nesse sentido, passar pela água da morte e da vida não consiste num gesto isolado. Essa passagem pressupõe a aceitação do querigma. Ser batizado em Jesus significa ser incorporado ao seu mistério pascal. Associar-se ao mistério pascal do Senhor implica em estar em conexão com todo o evento salvífico. Essa associação traduzida na prática consiste em viver e fazer tudo o que Jesus viveu e fez<sup>157</sup>. A Igreja, povo reunido por Deus mediante o sacramento batismal, é o Corpo do Crucificado-Ressuscitado

As ll. 12-15 constituem a terceira estrofe. Deus dá a liberdade pelo Espírito. De igual modo como o Espírito foi derramado sobre Jesus no seu batismo, agora ele é infundido no coração de todos os que são batizados. Com isso observa-se segundo a *lex orandi* que esse sacramento confere o Espírito Santo. Todo batizado passa a ser seu portador. Duas são as

---

<sup>155</sup> Cf. FABRIS; MAGGIONI, Os evangelhos II, p.310.

<sup>156</sup> Cf. TABORDA, Nas fontes da vida cristã, p.167.

<sup>157</sup> Ibid., p.176-177.

finalidades desse derramamento. A primeira consiste na liberdade (l.14). É a liberdade dos filhos de Deus. “Onde se acha o Espírito do Senhor, aí está a liberdade” (2 Cor 3,17). A liberdade em Cristo é fruto do Espírito Santo<sup>158</sup>. A segunda decorre da primeira que é o gozo da paz de Deus (l.15). Nesse sentido, a paz é dom. O Espírito Santo quando age não somente purifica do pecado. Ele realiza algo a mais. “Suscita uma fé estável e frutuosa, uma pureza interior e uma perfeita liberdade (Gl 5,22-25; Rm 6,18-22)<sup>159</sup>”. Essa paz não é algo intimista. Ela suscita o senso de justiça na vida do batizado. Nisso consiste o que a eucologia se refere como o gozo da paz. É o verdadeiro *shalom*.

As ll.17-20 constituem o final da secção anamnético-celebrativa. Os batizados são os escolhidos para a missão evangelizadora (ll.17-18). O anúncio é feito na alegria (l.19), uma vez que o Evangelho é a boa nova da salvação. Aqui a oração evidencia a missão do batizado. A alegria de anunciar o Evangelho de Cristo decorre do encontro feito com Jesus. Interessante observar a reflexão do Papa Francisco no que diz respeito à evangelização. Analisando a situação contemporânea, ele de forma profética alerta para que o cristão não se transforme em pessoa ressentida, sem vida. Nesse sentido convida à renovação do encontro pessoal com Jesus. É a partir daí que o cristão irá anunciar o Evangelho de Cristo<sup>160</sup>. O anúncio é feito a todos os povos (l.19), cumprimento do mandamento do Senhor de ir às nações para fazer discípulos (cf. Mt 28,19). Desse modo, ninguém pode ser excluído. Nota-se que a prece ao se referir a esse aspecto mostra a universalidade da boa nova do Reino. Como Felipe que explicou para o Eunuco etíope, alto funcionário de Candace e administrador geral do tesouro da rainha de seu país, o que estava lendo no livro do profeta Isaias, e ele acolheu e ali mesmo foi batizado por Felipe (cf. At 8,26-40), de igual modo deve ocorrer com todos aqueles que, acolhendo a transmissão da fé, optarem por fazer parte do Corpo do Crucificado-Ressuscitado, que é a Igreja. “O batizado é enviado para proclamar a todos o evangelho da graça (LG 33, AG 31,36). Desse ponto de vista, o batismo não é apenas meio de salvação para o próprio crente, mas ao mesmo tempo, responsabilidade em função da salvação de todos<sup>161</sup>”.

---

<sup>158</sup> Ibid., p.108.

<sup>159</sup> GOEDERT, Teologia do batismo, p.60.

<sup>160</sup> FRANCISCO, EG, nº 2-8.

<sup>161</sup> ROCCHETA, Os sacramentos da fé, p.251.

### 3.3. Secção epiclética (II.22-29)

É curta essa secção. Suplica-se para que Deus abençoe a água (I.22). Essa água terá como fim o batismo (I.23) daqueles que ali estão esperando para ser batizados depois de abençoada a água. São concretos, tem um nome (II.24). O batismo é vocação. Deus é que chama para o banho da regeneração (I.26) na fé da Igreja (II.26-27). Nesse sentido o batismo é sacramento da fé. Uma fé que nasce do testemunho da Palavra de Deus, uma fé eclesial em dois sentidos<sup>162</sup>: 1) diacrônico: quem é batizado entra numa cadeia de Tradição da fé desde os Apóstolos: a fé cristã é apostólica; 2) sincrônico: ela é transmitida pelo testemunho vivo de pessoas que continuam aceitando a salvação revelada por Jesus Cristo. Essa fé consiste também nos conteúdos explicitados pela comunidade eclesial (*fides quae*). Nota-se que a prece abre caminho para a reflexão de uma teologia vocacional que brota do batismo. É ele a porta de entrada para todas as outras vocações que emergem na comunidade cristã. O batismo evidencia o caráter de uma Igreja ministerial. A oração revela que a finalidade do passar pelo banho da regeneração consiste em proporcionar aos batizados a vida eterna (I.28). A oração conclui com o presidente da celebração dizendo “Por Cristo nosso Senhor”. Cristo como mediador apresenta os pedidos da comunidade ao Pai. A comunidade diz o amém (I.29) em concordância com a oração feita pelo ministro.

A tradução brasileira<sup>163</sup> modificou completamente essa secção, inspirando-se na secção epiclética da primeira oração do atual ritual.

Pl6-1- texto latino	Pl6-3- texto latino	Pl6-3- tradução brasileira
Olha para a face de tua Igreja, e digna-te abrir a fonte do batismo. Que esta água receba do Espírito Santo a graça de teu Unigênito, para que o homem, criado a tua imagem, lavado de todas as imundícies da velhice, pelo sacramento do batismo mereça ressurgir da água e do Espírito Santo	Digna-te abençoar ✠ agora este água, com a qual devem ser batizados teus servos (N. e N.) e tuas servas (N. e N.), que chamaste ao banho da regeneração na fé da Igreja, para que tenham a vida eterna. Por Cristo nosso Senhor.	Olhai agora, ó Pai, a vossa Igreja e fazei brotar para ela a água do batismo. Que o Espírito Santo dê por esta água a graça de Cristo, a fim de que homem e mulher, criados à vossa imagem, sejam lavados da antiga culpa pelo pecado. Ó Pai, por vosso Filho, desça sobre esta água a força renovadora do Espírito Santo. Todos aqueles que, nesta

<sup>162</sup> TABORDA, Nas fontes da vida cristã, p.218.

<sup>163</sup> RBC, nº394.

para uma nova infância. Desça, nós vos pedimos, Senhor, sobre esta inteira fonte por teu Filho a virtude do Espírito Santo, para que todos os sepultados com Cristo na morte pelo batismo ressurgam com ele para a vida. Por Cristo nosso Senhor.		água, forem batizados, sejam sepultados com Cristo na morte e ressuscitem com ele para a vida eterna. Por Cristo, nosso Senhor.
--	--	---

Substituí o texto latino. Agora é a secção epiclética de Pl6-1. Inicia suplicando para que Deus olhe para a Igreja pedindo para que faça brotar a água do batismo. Que o Espírito Santo dê pela água abençoada a graça do Cristo, para que o homem e a mulher, que foram criados a imagem e semelhança de Deus sejam lavados da antiga culpa e assim possam renascer, pela água e pelo Espírito Santo, para uma vida nova<sup>164</sup>. Esses elementos inseridos na tradução herdaram da primeira opção de bênção. Isso enriqueceu a eucologia, detalhando os efeitos da graça batismal, uma vez que não aparecem texto latino. Desse modo, os que participam da liturgia podem ouvir no que significa o sacramento.

No texto latino a secção epiclética não tem aclamação dita pelo povo. A tradução brasileira inseriu a seguinte por duas vezes: “Vem, Espírito Santo, vem, vem sobre esta água. Vem, Espírito Santo vem, vem, santificar<sup>165</sup>”. Um canto popularíssimo nas comunidades. Essa aclamação revela o caráter pneumatológico da oração e o protagonismo do Espírito. É ele que paira sobre as águas e que tem a força da santificação.

Após a aclamação do povo a oração prossegue suplicando ao Pai, que pelo Filho, desça a força renovadora do Espírito Santo. Aponta o caráter trinitário da prece. Que todos os que forem batizados sejam sepultados com Cristo na morte e ressuscitem com ele para a vida eterna. Também vem da primeira opção de bênção<sup>166</sup>. Com isso enriqueceu mais a eucologia, buscando fundamento paulino e evidenciando a expressão significativa do sacramento. Desse modo, a oração aqui analisada foi enriquecida com elementos próprios da teologia batismal.

<sup>164</sup> Ibid., nº394.

<sup>165</sup> Ibid., nº394.

<sup>166</sup> Ibid., nº394.

## **CAPÍTULO IV PERSPECTIVAS TEOLÓGICAS E PASTORAIS**

A celebração do sacramento do batismo possui elementos teológicos que se procurou explicitar pela análise das eucologias propostas para esse estudo. Ela também aponta para uma perspectiva pastoral, para uma *lex agendi*. Nesse sentido, o último capítulo da dissertação visa a elucidar algumas dessas perspectivas teológicas que surgiram das análises das orações de bênção sobre a água batismal. Além disso, buscar-se-á, a partir do que foi pesquisado até aqui apontar perspectivas pastorais. Por isso, esse capítulo abordará num primeiro momento as dimensões histórico-salvíficas. Essas dimensões serão articuladas em três pontos, a saber: 1) dimensão cristológica; 2) dimensão pneumatológica; 3) dimensão eclesiológica. Após percorrer esse itinerário, dar-se-á espaço para uma abordagem pastoral que se desdobrará em dois aspectos: 1) por uma catequese mistagógica; 2) *lex agendi*.

### **1. Dimensões histórico-salvíficas**

#### **1.1. Dimensão cristológica**

O batismo de Jesus está em sintonia com sua missão. É metáfora que prevê sua própria morte. Por meio dele, Jesus se revela como servo de Iahweh. O seu batismo manifesta o início de sua ação libertadora. Isso se revela a partir da cena do batismo de Jesus recolhida nos formulários (Greg/P5, l.109; Pl6-1, ll. 25-26; Pl6-2, ll.14-15). A cruz de Jesus tem sua importância salvífica e o sacramento batismal evidencia esse aspecto. Os elementos e secções anamnético-celebrativas fazem alusão a esse fato ao trazer a cena bíblica do sangue e da água que saem do lado de Cristo crucificado (Greg/P5, ll.110-111; Pl6-1, ll.27-29; Pl6-2, ll.6-8). No batismo, o fiel participa da morte e ressurreição do Senhor. É sepultado com ele e também com ele ressurge para uma nova vida (Pl6-1, ll.50-52; Pl6-2, ll.25-27).

As eucologias evidenciam um dado fundamental do sacramento do batismo que consiste na sua relação com a Páscoa do Senhor da vida (Pl6-1, ll.50-52; Pl6-2, ll.25-27). Já desde os primeiros séculos isso era perceptível pelo fato de ele ser celebrado na Vigília Pascal. Toda a quaresma era em função da preparação dos catecúmenos para a recepção deste sacramento, bem como dos outros dois que compõe a iniciação cristã: crisma e eucaristia. “De outra parte, tanto a catequese batismal como a tradição teológica, independentemente da data



da celebração do batismo (posteriormente realizado em outras festas, até se estender por todo ano), relacionam batismo e páscoa<sup>167</sup>”. Desse modo, fica explicitado que é à luz da Páscoa de Cristo que o mistério do batismo revela sua riqueza e profundidade teológica. Por meio do sacramento batismal o fiel entra em comunhão pela primeira vez com Cristo e o seu mistério salvador. A fé da Igreja sempre teve diante de seu horizonte que na celebração batismal acontece a atualização do mistério da morte e ressurreição do Senhor<sup>168</sup>. Todos os que passam pela água se associam a esse mistério.

O apóstolo Paulo ao escrever à comunidade de Roma, evidencia esse aspecto central do sacramento batismal. Diz ele:

Que diremos, então? Que devemos permanecer no pecado a fim de que a graça atinja a sua plenitude? De modo algum! Nós que morremos para o pecado, como haveríamos de viver ainda nele? Ou não sabeis que todos os que fomos batizados em Cristo Jesus, é na sua morte que fomos batizados? Portanto pelo batismo nós fomos sepultados com ele na morte para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também nós vivamos vida nova.

Porque se nos tornamos uma coisa só com ele por sua morte semelhante à sua, seremos uma coisa só com ele também por sua ressurreição semelhante à sua, sabendo que o nosso velho homem foi crucificado com ele para que fosse destruído este corpo de pecado, e assim não sirvamos mais ao pecado. Com efeito, quem morreu, ficou livre do pecado.

Mas se morremos com Cristo, temos fé que também viveremos com ele, sabendo que Cristo, uma vez ressuscitado dentre mortos, já não morre, a morte já não tem mais domínio sobre ele. Porque, morrendo, ele morreu para o pecado uma vez por todas; vivendo, ele vive para Deus. Assim também vós considerai-vos mortos para o pecado e vivos para Deus em Cristo Jesus (Rm 6,1-11).

Nesse texto paulino chama atenção a referência constante à morte. Jesus é para Paulo o novo Adão (cf. Rm 8,3). Todos aqueles que quiserem fazer parte da descendência do novo Adão, fazendo parte da nova humanidade inaugurada por Cristo, necessitam unir-se a ele e morrer como ele morreu. No entanto, trata-se de uma morte simbólica e não necessariamente física. Aqui se trata da morte do batismo. Nesse sentido diz Cirilo de Jerusalém em sua segunda catequese mistagógica:

Oh! Fato estranho e paradoxal! Não morremos em verdade, não fomos sepultados em verdade, não fomos crucificados e ressuscitados em verdade. A imitação é uma imagem; a salvação, uma verdade. Cristo foi crucificado, sepultado e verdadeiramente ressuscitou. Todas estas coisas nos foram agraciadas a fim de que, participando, por imitação, de seus sofrimentos, em verdade logremos a salvação. Oh! Amor sem medida! Cristo recebeu em

---

<sup>167</sup> GOEDERT, Teologia do batismo, p.58.

<sup>168</sup> Cf. OÑATIBIA, Batismo e confirmação, p.155.

suas mãos imaculadas os pregos e padeceu, e a mim, sem sofrimento e sem pena, concede graciosamente esta participação e salvação<sup>169</sup>.

Submergir-se na água batismal significa do ponto de vista ritual percorrer o itinerário de Jesus que o levou a morrer para o pecado e viver para Deus<sup>170</sup>. Assim, pela imersão na água do batismo o fiel morre e sepulta sua vida de pecado preparando-se para receber o dom da ressurreição. Da mesma forma que Jesus morreu para o pecado, o batizado na celebração evidencia essa mesma morte ao pecado, entregando-se a Deus que amou plenamente o mundo, cujo Filho foi morto e com sua morte se tornou possível a vida plena. “Renunciando a viver, Jesus mata a morte<sup>171</sup>”. Desse modo, manifesta-se o dom salvífico de Deus operado no sacramento. A morte de Jesus em cada celebração batismal é atualizada. Nisso consiste o gesto simbólico do sacramento batismal: o batizado passa pelas águas da morte associando-se à morte do Cristo. O Calvário revela algo de significativo. Nele acontece o encontro do Senhor com os batizados. É no Gólgota que Cristo vem ao encontro de cada batizado para arrancar-lhe da situação radical de desespero que é o pecado e a morte. Ele se torna solidário com a condição humana. Por isso, o Senhor desce a esse abismo para libertar o fiel dessa situação e introduzi-lo, com sua ressurreição, na nova condição de graça e salvação. Desse modo, Cristo, tornando o batizado livre, coloca-o a caminho em direção à terra prometida, a Nova Jerusalém.

No batismo o fiel é incorporado ao mistério pascal de Cristo. Na celebração batismal o batizado é enxertado na árvore da cruz com a promessa da ressurreição<sup>172</sup>. O rito da passagem pela água evidencia esse aspecto central da teologia batismal. A incorporação ao mistério pascal de Cristo provoca no batizado a configuração ao próprio Senhor (Pl6-2, l.27). Essa configuração acontece desde o seu interior. “Em virtude de sua configuração a Cristo, o Pai vê no batizado o rosto, os traços do seu próprio Filho, que, por amor, deu sua vida para a salvação dos homens, e agora vive como *Kyrios* na glória celeste<sup>173</sup>”. Configurado a Cristo, o próprio Senhor passa a habitar no batizado. O estar em Cristo é garantia da ressurreição (cf. 1 Cor 15,22 ss). O sacramento batismal introduz o fiel na dinâmica do evento pascal. Ele vive como experiência pessoal a morte e a ressurreição do Senhor. “Ele se transforma em coautor daquele acontecimento central da história da salvação. A *koinonia* resultante é uma comunhão

---

<sup>169</sup> CIRILO DE JERUSALÉM, Catequeses mistagógicas, nº5.

<sup>170</sup> Cf. GARCÍA PAREDES, Iniciación cristiana y eucaristia, p.146.

<sup>171</sup> Ibid., p.148.

<sup>172</sup> Cf. BOROPIO, A celebração na Igreja, p.104-105.

<sup>173</sup> MARTINS, Baptismo e crisma, p.85.

ontológico-místico-real, e indica a participação no mistério salvador<sup>174</sup>”. A Constituição *Lumen Gentium* do Concílio Vaticano II a respeito da Igreja recolheu de forma feliz esse aspecto.

Nesse corpo difunde-se a vida de Cristo nos crentes que, pelos sacramentos, de modo misterioso e real, são unidos a Cristo morto e glorificado. “com efeito em um só Espírito fomos batizados todos nós para sermos um só corpo” (1 Cor 12,13). *Esse rito sagrado representa e realiza a união com a morte e ressurreição de Cristo*<sup>175</sup>.

O batizado, associado à morte de Jesus, se torna um memorial vivente do Crucificado. Assim, o batismo constitui um passo decisivo para o discipulado de Jesus através da história. Em sua vida o batizado simboliza, no sentido forte dessa palavra, a paixão e a morte de Jesus. O sacramento batismal simboliza também a presença do dom da ressurreição nas condições das vicissitudes históricas. O batismo é desse modo um símbolo vivente do Senhor que venceu o império do mal, do pecado e da morte. Todo batizado é vocacionado a ser um sinal profético do Reino na luta contra os poderes da morte e do mal, na luta contra os ídolos. O ídolo pelo simples fato de ser ídolo traz consigo a morte. Ele é o relativo absolutizado<sup>176</sup>. Assim, o batizado é sinal de morte e ressurreição. Essa perspectiva soteriológica que se faz presente no sacramento necessita ser rememorada constantemente pela comunidade eclesial, para que cada batizado não se esqueça dessa sua vocação associada ao mistério pascal.

Com essa consciência a Igreja se coloca no movimento do testemunho e na profecia contra os ídolos geradores de morte que oprimem sobretudo os mais fragilizados, as minorias sociais. A comunidade dos batizados se compromete com a história. Busca lutar para que a justiça e a paz, o direito e a misericórdia possam se impor anunciando que o tempo messiânico já irrompeu na história com o advento do Verbo Encarnado. Nesse sentido, o batismo aponta para uma *lex agendi*.

## **1.2. Dimensão pneumatológica**

O Espírito que paira sobre as águas (cf. Gn 1,2) concebe a força de santificá-las (Greg/P5, ll.38-42; Pl6-1, ll.7-11). Graças a sua ação essa água fecundada por sua força é capaz de lavar o catecúmeno, recuperando sua imagem e semelhança ao Criador. Nesse

<sup>174</sup> OÑATIBIA, Batismo e confirmação, p.161.

<sup>175</sup> VATICANO II, LG, nº7. Grifo nosso.

<sup>176</sup> Cf. TABORDA, Nas fontes da vida cristã, p. 89.

sentido, o fiel renasce para nova infância (Greg/P5, ll.137-138; Pl6-1, ll.40-45). Acontece a nova criação. O Paráclito é derramado nos corações, da mesma forma que foi derramado sobre Jesus em seu batismo. O Espírito é o responsável por que os crentes sejam filiados ao Pai no Filho. Batizado no Espírito o fiel participa do povo santo que é a Igreja (Pl6-2, ll.30-32). Entra em comunhão com o mistério pascal de Cristo. Ele é, portanto, o protagonista do sacramento batismal. Essas ideias a respeito do Espírito emanam das eucologias. Assim, pode-se observar uma presença da Terceira Pessoa da Trindade no sacramento batismal. Tendo presente que as preces de bênção sobre a água invocam o Espírito Santo, isso significa que elas captaram a importância dessa personagem no que tange ao sacramento. Como por exemplo, nos elementos epicléticos do Greg/P5: “Desça sobre esta fonte inteira a virtude do Espírito Santo” (ll.125-126); na secção epiclética da primeira opção de Paulo VI: “Desça, nós vos pedimos, Senhor, sobre esta fonte inteira por teu Filho a virtude do Espírito Santo” (ll.46-49) e na segunda opção: “Santifica a criatura água, para que aqueles que escolheste sejam regenerados pelo Espírito Santo” (ll.29-32). De algum modo os formulários evidenciam que sem o Espírito o batismo se torna estéril.

Batismo e Espírito estão ligados. Percorrendo a literatura neotestamentária, esse dado se torna perceptível. Indício claro é a expressão batizar no Espírito que se encontra com alguma frequência (cf. Mt 3,11; Mc 1,8; Lc 3,16; Jo 1,33; At 1,5; 11,16). O batismo no Espírito é interpretado como ser submerso, encharcado, envolto, revestido do Espírito<sup>177</sup>. Além disso, água-Espírito, o clássico binômio, são dois aspectos que fazem parte da constituição do batismo. A relação entre batismo e Espírito representa uma nota característica do batismo cristão. A dimensão pneumatológica é elemento fundamental da teologia batismal. “Da mesma forma que na realização histórica da salvação, também em sua atualização sacramental (concretamente no batismo) o papel do Espírito Santo é duplo: é agente principal e, ao mesmo tempo, dom do acontecimento salvífico<sup>178</sup>”. Como protagonista, em sentido descendente ele atua como testemunha do amor e da misericórdia de Deus. Em sentido ascendente ele age como alma da resposta do ser humano ao agir de Deus. Em cada batismo, graças à súplica da Igreja, se dá uma vinda da Terceira Pessoa da Trindade. Pentecostes acontece.

O Espírito Santo está em íntima conexão com o mistério pascal de Cristo e com a Igreja. Isto posto, observa-se que o batizado para se associar ao mistério pascal do Senhor e à sua comunidade necessita da ação graciosa do Espírito. No evento pascal se torna evidente a

---

<sup>177</sup> Cf. OÑATIBIA, Batismo e confirmação, p.193.

<sup>178</sup> Ibid., p.187.

relação de Jesus com o Espírito, embora durante toda a vida de Jesus se possa perceber que o Espírito estava com ele. Basta recordar alguns textos que comprovam o afirmado: A concepção de Jesus é fruto da ação do Espírito Santo (cf. Lc 1,35). Nos sinóticos, na cena do batismo de Jesus, se mostra a comunhão entre ele e o Espírito (cf. Mc 1,9-11; Mt 3,16; Lc 3,21). É o Espírito que o unge para a missão de proclamar a boa nova do Reino (cf. At 10,37-38). No episódio da tentação no deserto Lucas afirma que Jesus era conduzido pelo Espírito através do deserto (cf. Lc 4,1). No discurso de despedida Jesus promete enviar o Paráclito (cf. Jo 15,26).

Ao morrer, descreve o evangelho de João, Jesus entregou o Espírito (cf. Jo 19,30) à comunidade aos pés da cruz, em particular a sua mãe, que simboliza a Igreja o novo povo de Deus, e ao discípulo amado, que simboliza o cristão<sup>179</sup>. Depois de entregá-lo, o seu lado foi ferido e dele manaram sangue e água, que na interpretação dos Padres da Igreja se referem à eucaristia e ao batismo. A Constituição Dogmática *Lumen Gentium* assume a mesma perspectiva da Patrística<sup>180</sup>. É pela força do Espírito que o Senhor é ressuscitado. “A influência salvífica universal de Jesus ressuscitado se exerce no Espírito Santo, que constrói o âmbito, o meio em que a salvação de Cristo se faz efetiva<sup>181</sup>”. Desse modo fica evidenciada a comunhão de Cristo com o Espírito que tem implicações na vida do batizado, uma vez que a associação do catecúmeno ao mistério pascal do Senhor é feita por ele.

O Espírito Santo faz a comunhão da comunidade eclesial. A Igreja é obra do Espírito<sup>182</sup>. Na confissão da Igreja antiga, a relação entre ela e o Espírito se expressa no símbolo de fé. Ela é a explicitação histórico-salvífica da ação do Espírito. Isso pode ser verificado no símbolo de fé Niceno-Constantinopolitano<sup>183</sup>. A comunidade é o lugar concreto da ação do Espírito Santo. Nela ele atualiza permanentemente e consuma definitivamente o evento da autocomunicação de Deus. O Espírito Santo é o responsável por reunir as pessoas numa comunidade de fé. Nesse sentido, o Decreto sobre o Ecumenismo do Concílio Vaticano II diz: “O Espírito Santo, que habita nos crentes, que enche e governa toda a Igreja, é quem realiza aquela maravilhosa comunhão dos fiéis e une todos intimamente em Cristo, de modo a ser o Princípio da unidade da Igreja<sup>184</sup>”.

---

<sup>179</sup> Cf. BROWN, El evangelio segun Juan, p. 1229.

<sup>180</sup> Cf. LG, n° 3.

<sup>181</sup> LADARIA, O Deus vivo e verdadeiro, p.114.

<sup>182</sup> Cf. KEHL, A Igreja, p.63-64.

<sup>183</sup> Cf. DH, n° 150.

<sup>184</sup> UR, n° 2.

Se o Espírito constitui a intersecção entre o mistério pascal e a Igreja e as eucologias fazem referência a esse dado, cabe verificar como isso acontece no batismo. Ao passar pelo banho batismal, símbolo ritual da morte e ressurreição de Jesus, o catecúmeno proclama sua adesão a Jesus. “O momento batismal, como momento cristológico da páscoa acentuará a perspectiva salvífica, a passagem do pecado à graça, da morte à vida<sup>185</sup>”. O passar pela água, associando-se à sua morte e ressurreição traz como implicação pertencer ao próprio Senhor por meio de sua comunhão com o mistério pascal. Essa pertença ao Senhor acontece por meio do Espírito que é o protagonista para que esse fato aconteça. Nesse sentido, o apóstolo Paulo diz ao escrever à comunidade de Corinto: “mas vós vos lavastes, mas fostes santificados, mas fostes justificados em nome do Senhor Jesus Cristo e pelo Espírito de nosso Deus” (1 Cor 6,11). Na carta a Tito ele, apresentando o batismo como poder regenerador e renovador do Espírito Santo, afirma: “Por sua misericórdia, fomos lavados pelo poder regenerador e renovador do Espírito Santo, que ele ricamente derramou sobre nós, por meio de Jesus Cristo, nosso Salvador” (Tt 3,5-6). A morte e a ressurreição de Jesus fizeram com que irrompesse na história a plenitude dos tempos. É a partir desse evento que o Espírito foi derramado nos corações para que os pecados fossem lavados e para que todas as coisas se fizessem novas. Desse modo, a comunhão que se estabelece entre o Senhor e o Espírito possibilita compreender que o batismo consiste, de fato, no começo de uma vida nova. Através do Espírito o batizado pode nascer do alto (cf. Jo 3,7) como filho de Deus para viver na liberdade. Participando do mistério pascal de Cristo, o Espírito filia o batizado ao Pai. No Filho, cada fiel passa a ser também filho. Por isso Paulo afirma que, “porque sois filhos, enviou Deus aos nossos corações o Espírito do seu Filho, que clama: *Abba, Pai!*” (Gl 4,6). O Espírito faz com que o crente possa participar da vida do Ressuscitado como filho de Deus. O batismo celebra a mudança da condição de escravo para a de filiação<sup>186</sup>.

O Espírito congrega a Igreja (Pl6-2, Il.30-32). A Igreja consiste na comunidade dos batizados. O batizado é seu templo vivo. Uma vez que o fiel está associado como membro ao Corpo de Cristo pelo batismo, ele é chamado a desenvolver os seus carismas, suscitados pelo mesmo Espírito, na comunidade de fé. Seguindo o testemunho do Senhor que se fez obediente até a morte de cruz e por esse motivo Deus o exaltou (cf. Fl 2,8-9), colocar-se a serviço se torna um imperativo. Viver segundo o Espírito na comunidade eclesial implica em assumir a história como lugar da demonstração dos frutos operados pelo mesmo Espírito<sup>187</sup>. O

---

<sup>185</sup> TENA; BOROBIO, A celebração na Igreja, p.124.

<sup>186</sup> Cf. GARCÍA PAREDES, Iniciación cristiana y eucaristia, p.153.

<sup>187</sup> Cf. TABORDA, Nas fontes da vida cristã, p. 116.

batizado, movido pela força do Espírito, colabora para que a Igreja se manifeste como um sinal profético visível do Deus que caminha na história e se compromete com o seu povo. Nesse sentido, implica em que cada batizado se coloque no itinerário da luta histórica contra os ídolos de morte e aliado ao Deus da vida, percorrendo o seguimento do Crucificado-Ressuscitado<sup>188</sup>. Desse modo, poder-se-á afirmar que o batizado é um verdadeiro *pneumatikós*.

### 1.3. Dimensão eclesiológica

A fonte batismal é o seio materno da Igreja capaz de gerar os filhos de Deus (Greg/P5, ll. 64-66). O batismo revela que a Igreja é povo de Deus renascido das águas, libertos da escravidão do pecado e da morte, assim como o povo de Israel “renasceu” após a travessia do Mar Vermelho (Pl6-1, ll.29-32). Ele manifesta que a Igreja nasce da morte e ressurreição do Senhor. O batismo é um acontecimento eclesial, recebido na Igreja e desse modo aponta que o batizado se torna agregado ao povo de Deus, uma vez que pelo batismo Deus cria um povo. É o povo nascido da água e do Espírito (Pl6-1, ll.42-45; Pl6-3, ll.6-9). Esse povo constitui o corpo eclesial, que é o Corpo do Crucificado-Ressuscitado, que se coloca a caminho no seguimento de Jesus cumprindo o seu mandato de ir fazer discípulos e batizar em nome da Trindade (cf. Mt 28,19). Esse elemento do mandato do Senhor foi recolhido de forma embolística pelo Greg/P5 (ll.114-116) e na primeira opção de bênção sobre a água batismal de Paulo VI (ll.32-35). Todas essas referências eclesiológicas têm diante de si o horizonte eclesial do sacramento batismal. Nesse sentido pode-se parafrasear um conhecido aforismo teológico *Ecclesia facit baptismum. Baptismus autem facit Ecclesiam*. Não existe Igreja sem batismo e nem batismo sem Igreja. Assim, entre batismo e Igreja há uma relação de interdependência.

O batismo agrega o fiel à Igreja, tal como a circuncisão constituía o sinal de agregação do judeu ao povo de Israel<sup>189</sup>. No sacramento batismal a incorporação a Cristo e a incorporação à Igreja se mostram como elementos inseparáveis. O batizado, no ato de seu batismo, se torna membro de Cristo associando-se ao seu mistério pascal bem como ao seu Corpo que é a comunidade eclesial. Essa ideia da agregação à Igreja é testemunhada já no Novo Testamento, no livro dos Atos dos Apóstolos, na narração das primeiras conversões, logo após o discurso querigmático de Pedro à multidão. O texto bíblico diz que aqueles que

---

<sup>188</sup> Ibid., 89-93.

<sup>189</sup> Cf. GOEDERT, Teologia do batismo, p.86.

acolheram a pregação do apóstolo fizeram-se batizar e juntaram-se a eles cerca de três mil homens (cf. At 2,41). Nos escritos paulinos também essa ideia aparece com maior profundidade teológica. Ao tratar sobre o Corpo de Cristo à comunidade de Corinto, Paulo afirma que todos são batizados num só Espírito para serem um só corpo (cf. 1 Cor 12,13). Na carta aos Efésios o Apóstolo mostra que o projeto de Deus de reunir os homens dispersos num só corpo (cf. Ef 2,13-22) só se concretiza graças ao único Espírito, à única fé e ao único batismo (cf. Ef 4,3-6).

O Concílio Vaticano II teve em seu horizonte essa perspectiva eclesiológica do sacramento batismal. É no Decreto *Ad Gentes* sobre a atividade missionária da Igreja que esse aspecto foi evidenciado. “No seio da fonte batismal [a Igreja] gera para uma nova vida os que acreditam em Cristo, reunindo-os num só Povo de Deus: ‘raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de aquisição’ (1 Pd 2,9)<sup>190</sup>”.

O batismo deve e pode ser visto como o sacramento de uma Igreja que proclama a morte do Senhor<sup>191</sup>. A Igreja nascida do sacramento batismal é convocada a proclamar a morte e sepultura do seu Senhor que morreu para o pecado e a morte. Essa proclamação se dá existencialmente. A comunidade dos batizados, que é o Corpo de Cristo, proclamadora dessa morte, em seu caminho é chamada a não permitir que os ídolos da morte reinem em sua vida. Ao pecado se rechaça e a ele não se obedece. Mediante o batismo a Igreja passa a ser povo que pertence exclusivamente ao seu Senhor. Um povo em que não há discriminação. Não existe quem nele seja melhor que os outros, uma vez que o sacramento batismal a todos irmana<sup>192</sup>. A propósito disso Paulo reflete na carta à comunidade dos Gálatas, sendo esta a única referência ao batismo na carta. Diz ele: “pois todos vós, que fostes batizados em Cristo, vos vestistes de Cristo. Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher; pois todos vós sois um só em Cristo” (3,27-28). Onde não há o pecado, há a possibilidade de se viver a alteridade, o amor fraterno, a renúncia ao poder do domínio e da opressão. Nesse sentido a comunidade dos batizados é convidada a ser em meio à sociedade uma comunidade alternativa, que seja luz para os povos.

A Igreja que vem das águas do batismo é chamada a não pactuar com as forças da injustiça e da divisão. Ela é a comunidade dos que em Cristo morreram para o pecado e desse modo os ídolos da morte não têm espaço para poderem imperar. A Igreja se torna desse modo sinal da nova criação. Nessa perspectiva, o sacramento batismal deixa de ser visto como

---

<sup>190</sup> VATICANO II, AG, n°15.

<sup>191</sup> Cf. GARCÍA PAREDES, *Iniciación cristiana y eucaristia*, p.163.

<sup>192</sup> Cf. PITTA, *Lettera ai Galati*, p.224-230.



apenas uma introdução à vida sacramental na comunidade e passa a ser tido como a sacramentalização da protologia cristã<sup>193</sup>. Ele é o primeiro sacramento não apenas porque cronologicamente vem em primeiro lugar, mas porque teologicamente ele representa o início da “cristificação” que a Igreja é chamada a realizar no mundo.

A protologia cristã simbolizada no batismo como realidade germinal está carregada de futuro. A nova vida postulada pelo sacramento batismal não se pode viver em plenitude nas condições da presente história. Nesse sentido, vive-se a tensão escatológica do já e o ainda-não. “O batismo era para os primeiros cristãos um sacramento escatológico, uma marca para o dia da parusia, que se esperava com impaciência<sup>194</sup>”. A comunidade dos batizados experimenta já nas vicissitudes dessa história de forma sacramental a antecipação da plenificação escatológica da salvação. Assim, a Igreja vive em estado de permanente espera dessa plenificação e por isso clama repetidas vezes *maranatha*. Santo Tomás de Aquino corrobora essa tensão escatológica experimentada no batismo, ao afirmar que a glória celeste é a finalidade de todos os sacramentos e nessa lógica o batismo abre o caminho para o repouso celestial<sup>195</sup>.

O batismo consiste para o fiel em sua primeira experiência da Igreja como acontecimento salvífico. Ele encontra Cristo Salvador por meio da comunidade<sup>196</sup>. Tendo presente o ritual do batismo, seja o rito da iniciação cristã de adultos, seja o ritual de batismo de crianças, observa-se que ambos colocam em evidência a significação eclesial da celebração. Em ambos está presente a preocupação para que a comunidade local participe ativamente<sup>197</sup>. Essa preocupação é oriunda desde o início do catecumenato antigo. A comunidade cristã já na antiguidade se sentia fortemente interessada e responsável pela preparação dos novos membros. Essa participação era viva e ativa desde o catecumenato até sua culminação na eucaristia batismal. A Igreja era vista como iniciadora, como mãe. O Concílio Vaticano II não deixou escapar essa perspectiva da maternidade da Igreja. Diz a *Lumen gentium*:

Por certo a Igreja, contemplando-lhe a arcana santidade, imitando-lhe a caridade e cumprindo fielmente a vontade do Pai, mediante a palavra de Deus recebida na fé, torna-se também ela mãe. Pois pela pregação e o batismo ela gera para a vida nova e imortal os filhos concebidos do Espírito Santo e nascidos de Deus<sup>198</sup>.

<sup>193</sup>Cf. GARCÍA PAREDES, *Iniciación cristiana y eucaristia*, p.165.

<sup>194</sup> *Ibid.*, p.163.

<sup>195</sup> STh. III, q.66, a. 1, ad. 1.

<sup>196</sup> Cf. OÑATIBIA, *Batismo e confirmação*, p.168.

<sup>197</sup> RBC, n° 10-33; RICA, n°4-7.

<sup>198</sup> VATICANO II, LG, n°64.

A celebração do batismo é também um progressivo ingresso no mistério da Igreja<sup>199</sup>. Para isso se tem toda uma mistagogia que se inicia com a apresentação dos candidatos à comunidade celebrante, passando pelos vários momentos que compõem a celebração atingindo o seu ápice na passagem pelo seio materno que é a fonte batismal, uma vez que ela é que gera os novos filhos para a comunidade cristã. Durante o decorrer de toda a celebração batismal a Igreja se autorrevela aos catecúmenos como comunidade de salvação. Ela se mostra como lugar do encontro com a salvação histórica em Cristo e sacramento da Páscoa. No batismo a Igreja se apresenta como o Povo de Deus da nova Aliança.

## **2. Perspectiva pastoral**

### **2.1. Por uma catequese mistagógica**

As catequese mistagógicas eram para os Padres da Igreja o modo pelos quais eles explicavam os sacramentos da iniciação cristã. Utilizavam um método, que no primeiro capítulo dessa dissertação foi apresentado, o método mistagógico. Pelo caminho da mistagogia os Padres conduziam os fiéis para a compreensão dos sacramentos. No entanto, esse entendimento não era puramente teórico. Era necessário que fosse assimilado existencialmente. Nesse sentido, o método mistagógico estava intimamente ligado à experiência pessoal e comunitária que cada pessoa fazia. O sacramento do batismo possuía também essa característica. Os catecúmenos na Igreja Antiga eram preparados por meio dessas catequese proferidas pelos Padres. Viviam intensamente o percurso catequético até chegar a Noite Santa que é a Vigília Pascal, quando a comunidade celebrava a vitória de Cristo sobre o pecado e a morte, na qual os catecúmenos passavam pelas águas da morte para que pudessem se associar ao mistério pascal do Senhor. Com a mudança metodológica na teologia operada no segundo milênio, a catequese também sofreu uma mudança paradigmática. Ela passou a não ser mais mistagógica, mas sim teórica. Sua preocupação era somente com o conteúdo ensinado. O Concílio Vaticano II, ao recuperar a Patrística, favoreceu uma abertura para que se pudesse repensar o caminho catequético. Indubitavelmente, o caráter mistagógico da catequese ressoa como uma possibilidade, para não dizer a melhor entre todas as possibilidades para que se possa fazer catequese. No entanto, nota-se que se faz necessário ainda, na prática pastoral da Igreja a redescoberta de

---

<sup>199</sup> Cf. OÑATIBIA, Batismo e confirmação, p.163.

uma catequese mistagógica. Para isso valer-se do RICA seria uma forma interessante para que essa redescoberta pudesse acontecer e aflorar. O RICA aponta para um itinerário em etapas<sup>200</sup>: 1) pré-catecumenato; 2) catecumenato; 3) tempo da purificação e iluminação; 4) iniciação aos sacramentos; 5) tempo da mistagogia.

Para uma catequese mistagógica no que tange à preparação para a recepção do sacramento do batismo, ancorando-se no testemunho da Igreja Antiga, desde as catequese mistagógicas proferidas pelos Padres, faz-se necessário redescobrir a categoria de experiência. O batismo é a fonte sacramental de toda mistagogia<sup>201</sup>. Uma vez recuperada a catequese mistagógica do batismo, os demais sacramentos da iniciação cristã, por tabela, entram no mesmo itinerário. Isso se torna elemento positivo uma vez que, se se pensa na recepção dos três sacramentos numa única celebração, a catequese mistagógica do batismo implica como consequência imediata uma catequese mistagógica para a crisma e a eucaristia. No entanto, no que diz respeito à iniciação cristã, há a prática hodierna da Igreja Latina, de separar a recepção dos sacramentos bem como fragmentar sua preparação. Com uma catequese mistagógica batismal recuperada, haveria uma maior possibilidade nesses casos de verificar maior unidade entre os três sacramentos no percurso catequético.

A experiência é um elemento fundamental no que diz respeito a uma redescoberta da catequese mistagógica batismal. “A catequese consiste em pôr em relação a revelação e a experiência dos catequizandos. Em Jesus Cristo, Verbo encarnado, Deus fala ao ser humano, e essa palavra ilumina a experiência humana em seus diversos aspectos<sup>202</sup>”. Deus que se autocomunicou plenamente em Jesus, seu Filho, vem ao encontro dos seres humanos. O percurso catequético a partir da mistagogia visa colaborar para que os catecúmenos possam entrar em contato com essa revelação. A partir daí eles podem reler suas vidas e histórias pessoais e perceber que isso se insere num contexto mais amplo que é o da realidade criada e redimida pelo amor misericordioso de Deus que não hesitou em entregar seu próprio Filho para que pudesse o ser humano recuperar sua imagem e semelhança que outrora perdera com o pecado de Adão (Pl6-2, l.22). Que a história da salvação é, para os homens e mulheres de hoje graça para que possam ter acesso a Deus em Jesus pelo Espírito. Nesse sentido, a catequese mistagógica batismal possui uma tarefa urgente que consiste em ser via de acesso para que os catecúmenos possam de fato adentrar no mistério de Deus e perceber sua profundidade que toca toda a realidade criada. “A catequese tem por missão levar a descobrir

---

<sup>200</sup> Cf. RICA, nº 9-40.

<sup>201</sup> Cf. BOROBIO, Pastoral dos sacramentos, p.47.

<sup>202</sup> VILLEPELET, O futuro da catequese, p.55.

esse mistério do amor de Deus revelado em Jesus Cristo e de fazer que ressoe como um convite na experiência humana<sup>203</sup>”. Nesse sentido, a catequese mistagógica batismal cumpre um papel fundamental que é de referir-se ao centro da fé cristã, o mistério pascal de Cristo, fazendo com que os catecúmenos acolham essa fé como verdadeira Boa-Nova.

Uma catequese mistagógica batismal hoje para que seja fecunda precisa fazer memória. Essa memória não é somente uma narrativa dos fatos dos passados. Não é apenas passar de forma mecânica a história da salvação. Não se trata de decorar os dez mandamentos ou o credo. “Trata-se de uma experiência que conta com a Memória e Tradição como sinal de companhia solidária na fé, estabelecendo um diálogo entre passado e o presente, considerando as próprias experiências e questões<sup>204</sup>”. Nesse sentido, as eucologias analisadas podem trazer uma contribuição extremamente significativa. Nelas encontram-se elementos de memória. Pensar uma catequese mistagógica batismal a partir das preces de bênção sobre a água batismal consiste numa fonte rica para que os catecúmenos possam apreender e estabelecer uma relação entre a revelação e suas histórias pessoais. Infelizmente, o que se observa hoje na prática pastoral no que diz respeito à preparação para o sacramento do batismo é que essas orações são simplesmente ignoradas. Percebe-se sempre uma maior preocupação com as rubricas do rito, ensinado num dia de curso em preparação para o batismo, quando são crianças que serão batizadas, ou no caso dos adultos que receberão o sacramento batismal, a catequese esquece que das eucologias pode ser retirado o conteúdo e colaborar para que ele seja assimilado existencialmente. Toda riqueza tipológica é relegada ao esquecimento. Essa prática não colabora para que o catecúmeno possa vislumbrar a estupenda obra salvadora de Deus que tem seu início já desde o Antigo Testamento culminando em Jesus Cristo, uma vez que a tipologia ajuda a catequese a cumprir um papel importante que é ser mediação para que o fiel possa ser iniciado no mistério de Deus. Se se pensa uma catequese mistagógica batismal a partir das preces de bênção sobre a água batismal a consequência disso será que toda a história da salvação e a Tradição serão transmitidas aos catecúmenos não como doutrinas estagnadas, mas como experiência de vida<sup>205</sup>.

A catequese mistagógica batismal aponta para o rito. Mostra que a oração da Igreja revela aquilo que ela crê. A celebração do batismo desde uma preparação mistagógica será vivida de forma intensa e consciente pelo fiel. O catecúmeno, graças a uma preparação que lhe possibilitou saborear o amor de Deus derramado na humanidade, poderá experimentar

---

<sup>203</sup> Ibid., p.56.

<sup>204</sup> COSTA, Mistagogia hoje, p. 205.

<sup>205</sup> Ibid., p.204.

a morte e a ressurreição dada pelo batismo, de modo que se comprometerá concretamente com a construção da comunidade eclesial na luta pela justiça. Deste modo, parte-se de uma experiência e não de um “conteúdo programático” de catequese apreendido somente intelectualmente. É essa experiência que se torna condição de possibilidade para que se receba o sacramento do batismo. Não que os conteúdos não sejam importantes, mas eles não ocupam o primeiro lugar no itinerário percorrido. Eles são expressões objetivas do que se experimenta. Eles são necessários, pois ajudam a evitar o risco de se cair num subjetivismo. Portanto, não se trata de abandoná-los, mas sim de colocá-los no seu devido lugar que é depois da experiência de Deus. Um caminho espiritual será aberto. Partindo da experiência vivida na celebração batismal como acontecimento salvífico de Deus, o neófito poderá contemplar aquilo que o Senhor realiza por sua bondade. Assim se vislumbrará que todos são participantes, a partir da mediação simbólica do sacramento do batismo, da história de todo um povo e que o próprio Deus está inserido nesta história comprometendo-se plenamente com o povo, principalmente pela vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo, que revelou a opção preferencial de Deus pelos mais pobres.

A celebração *expressa* aquilo que somos chamados a viver em todos os momentos: nossa ligação vital com o Pai, por Jesus Cristo, no Espírito Santo; nosso caminho comunitário e pascal, nossa missão na sociedade. A catequese mistagógica aprofunda e explicita a experiência vivida na liturgia<sup>206</sup>.

## **2.2.Lex agendi**

O batismo a todos irmana. Ele coloca todos os seres humanos numa mesma condição. Essa ideia está presente na eucologia do Sacramentário Gregoriano/Missal de Pio V: “E aqueles que o sexo faz diferentes no corpo, e a idade diferentes quanto ao tempo, a todos a graça-mãe engendre para uma mesma infância” (Il. 67-70). Essa fraternidade criada pelo batismo coloca os batizados no compromisso de, a partir dele, serem agentes mediadores de fraternidade entre os povos. O batizado é chamado a ser testemunha da alteridade. Ele, por força do sacramento recebido, manifesta a todos que as diferenças não podem ser barreiras para que se possa viver de forma fraterna. A fraternidade se torna uma exigência oriunda do sacramento batismal. Essa fraternidade criada pelo batismo faz com que os batizados lutem pela igualdade e pela justiça no meio onde vivem. É impensável para alguém que passou pelas águas da morte e da vida ser agente fortalecedor de estruturas em que se colocam pessoas

---

<sup>206</sup>BUYST, O segredo dos ritos, p.138.

acima de outras, favorecendo assim a injustiça. Se assim for, ao invés de anunciar a ressurreição estará evidenciando somente a morte. Não será sinal de esperança para os desesperançados. No contexto latino-americano em que as estruturas sociais de não fraternidade são impostas por vários motivos, entre os quais se encontra o sistema político-econômico que exclui milhares de pessoas, colocando-as em situação de pobreza, compete ao batizado ser uma voz profética na luta pelos direitos humanos fundamentais. Se na fonte batismal todos são filiados no Espírito ao Pai, cabe à pessoa batizada ser sinal visível dessa igualdade. Todos são filhos do mesmo Pai. E se todos a ele se dirigem como Pai nosso, é justo que também o pão seja de todos e não apenas de alguns. Nesse sentido, pode-se entender o testemunho de tantas pessoas ao longo da história que por força dessa compreensão fraterna do sacramento do batismo foram capazes até mesmo de derramar seu sangue, fecundando com ele também o chão da América Latina, na luta pelos direitos fundamentais propulsores de vida para tantas pessoas que viviam em situação de exclusão. Desse modo elas anunciaram alegremente o Evangelho de Cristo (Pl6-3, Il.18-20).

A imagem da libertação do povo hebreu, presente na primeira prece de bênção sobre a água batismal de Paulo VI, é significativa e cara para a teologia da libertação: “Deus, que fizestes os filhos de Abraão atravessar o mar Vermelho a pé enxuto, para que a plebe, liberta da escravidão do Faraó prefigurasse o povo dos batizados” (Il.18-23). Essa formulação oferece elementos para que se possa pensar o sacramento do batismo a partir da realidade da América Latina. Esse contexto clama por uma práxis libertadora. A libertação do povo da opressão de Faraó aparece num lugar central da teologia da libertação seja da africana, da asiática ou da latino-americana<sup>207</sup>. A América Latina é um continente marcado pela exclusão e pela injustiça social. Partindo dessa realidade do povo sofrido, surgiu um modo de se fazer teologia: a teologia da libertação. Ela é um fato social e eclesial. Três são os contextos de seu nascimento<sup>208</sup>: 1) sócio-político-econômico; 2) eclesial; 3) teológico. Da mesma forma que o povo no Egito sofria a opressão de Faraó, igualmente o povo latino-americano sofre a opressão oriunda de um sistema injusto.

O batizado revela que faz parte da herança libertada por Deus. Como os judeus, também o povo latino-americano passou pelas águas para livrar-se da morte do pecado. Aqui se pode pensar também no pecado social que é estrutural. Nesse sentido, aponta-se para uma dimensão também inerente ao fato batismal. Esse consiste na solidariedade. A pessoa batizada compromete-se com a história no processo de libertação. Faz a experiência do Deus libertador

---

<sup>207</sup>Cf. DUSSEL, O paradigma do êxodo na teologia da libertação, p.86-99.

<sup>208</sup> Cf. LIBÂNIO, Teologia da libertação, p.49-102.

no rosto dos empobrecidos desse mundo que procura, assim como o povo de Israel, sair da escravidão em busca da terra prometida, onde a justiça e a paz imperam. Para ele, o pobre não é somente uma realidade estatística. Esses pobres têm rostos bem definidos. São as crianças, os jovens, os índios, os camponeses, os subempregados, os desempregados, os marginalizados e anciãos, os negros, as mulheres, a comunidade LGBTTT entre tantos outros rostos que se poderiam nomear contemplando a realidade<sup>209</sup>. No pobre faz-se a experiência da proximidade do Reino de Deus. E este Reino impõe exigências de esperança, de práticas de caridade libertadoras. O batizado, sendo sinal visível da libertação do Deus libertador, comprometendo-se com a busca de uma estrutura que inclua os pobres deste mundo, se torna sinal de esperança para eles. É fermento na massa. Comprometendo-se com os pobres revela que a Igreja é dos pobres. Que a Igreja preocupa-se com eles. Por eles faz uma opção clara e inegociável, uma vez que o próprio Mestre Jesus fez essa opção.

Passar pelas águas da morte, saindo da escravidão, em busca da libertação, coloca o batizado no movimento de luta pela liberdade. Do ponto de vista sociológico nota-se que na realidade latino-americana existe uma não-liberdade. Um fator que favorece esse fenômeno está no campo legislativo. Percebe-se que os grandes fazem as leis e que estas são impostas aos pequenos. Essas leis visam favorecer os seus legisladores<sup>210</sup>. Muitas vezes legislam em causa própria. Um elemento para que a libertação possa acontecer se dá quando os oprimidos começam a conhecer as leis e passam a questioná-las e a exigir que sejam leis de solidariedade e não de opressão aos indefesos. Desse modo, um meio interessante para as comunidades de fé são os núcleos de fé e política. Esses núcleos são espaços de debates e reflexões que visam articular o fato revelado com a inserção no meio político. Articula fé e práxis em vista do bem comum.

No seio da Igreja o batizado é chamado a lutar pela libertação. A Igreja como instituição humana corre o risco de deixar-se seduzir pelos poderes deste mundo de injustiça. Isso acontece quando a Igreja começa a legislar ou impor regras que na verdade mais oprimem do que possibilitam uma maior experiência de liberdade como filhos de Deus; quando o caráter hierárquico é evidenciado negativamente elevando o clero acima dos fiéis leigos, validando a estrutura de poder-dominância de uns sobre os outros e assim por diante, faz-se necessário que o batizado se levante como voz profética no interior da instituição, apontando que a experiência exodal é a marca fundamental da comunidade de fé. Essa marca mostra que todos caminham pelas veredas da liberdade que vem do Espírito. Que a proposta

---

<sup>209</sup> Cf. PB, n° 31-39.

<sup>210</sup> COMBLIN, O Espírito Santo e a libertação, p.43.

de Jesus para os seus discípulos no que diz respeito ao poder seja vivenciada na comunidade. “Sabeis que aqueles que vemos governar as nações as dominam, e os seus grandes as tiranizam. Entre vós não será assim: ao contrário, aquele que dentre vós quiser ser grande, seja o vosso servidor” (Mc 10,43). Todos na comunidade fazem parte do mesmo corpo que é o de Cristo, cujo batismo congrega, e nesse sentido todos possuem a responsabilidade de zelar para que a justiça se instaure também no interior desse corpo.

O Espírito possui um papel fundamental no itinerário percorrido pelo batizado em vista da libertação. Ele é o Espírito da caridade de Deus. A terceira opção do formulário de Paulo VI diz: “Que, pelo Espírito de tua caridade, que infundes nos corações, nos libertas para que gozemos de tua paz” (Il.12-15). A paz é dom de Deus. É o *shalom*. A oração evidencia que o batismo coloca os que passaram pela água no *shalom* de Deus. No entanto, essa paz não é algo sentimental, subjetivista. Nem é a paz dos vencedores, como se percebe na civilização romana<sup>211</sup>. O *shalom* de Deus é polifônico. Consiste na amizade, na abundância, na concórdia, no mútuo relacionamento, no encontro, na esperança<sup>212</sup>. Ele começa a ser vivido já nas circunstâncias históricas do tempo presente, aguardando a sua vivência plena no Reino. Tendo presente essa característica da paz que é infundida nos corações, nota-se que ela retira o batizado de sua zona de conforto. Essa paz impulsiona para que o batizado se inquiete, contemplando a realidade onde a paz não se faz presente. O batizado diante das estruturas de não paz sente-se incomodado. Ele é sinal visível da paz de Deus no mundo. A paz está aliada com a justiça. As duas são chamadas a caminharem juntas. Nesse sentido, afirma o Sl 85,11 “justiça e paz se abraçam”. Paulo ao escrever à comunidade de Roma exorta a procurar o que favorece a paz e a mútua edificação (cf. Rm 14,19). O fruto da justiça é a paz. Portanto, para que se possa gozar da paz de Deus, é necessário que a justiça se estabeleça.

A violência é algo terrível, pois desumaniza o humano. O contexto social da América Latina é marcado por violências em todos os sentidos físicos e simbólicos. Se a violência desumaniza, então o rosto do Senhor está desfigurado em tantos rostos violentados. Uma vez que o batizado é sinal visível da paz de Deus, ele, por força do sacramento recebido, se coloca no caminho de promover a paz e rechaça todo e qualquer tipo de violência que vir a se impor. É *goel* dos injustiçados. Discursos de ódio contra minorias sociais em vista de princípios antievangélicos disfarçados de cristãos necessitam ser abominados. Tais discursos são promotores e incentivadores de violência contra os pobres e pequenos que não têm por vezes onde se ancorar para se defender, uma vez que a chamada maioria está contra eles,

---

<sup>211</sup> Cf. BENEVENUTO, Paz y teología, p.272.

<sup>212</sup> Ibid., p.272-273.



impondo seu modo de pensar, violentando-os na maioria das vezes simbolicamente. Por conta disso, direitos são negados. Nesse sentido, o batizado, consciente de seu papel de ser promotor da paz, buscar por todos os meios possíveis, seja na esfera pública ou privada, ser mediador para que a justiça se estabeleça e assim a paz possa reinar. A motivação primeira nesse sentido não deriva de uma opção ideológica partidária política ou coisas semelhantes, mas sim de uma experiência feita do amor de Deus que o libertou e para isso derramou o seu Espírito sobre o seu coração fazendo-lhe experimentar o *shalom* e ao mesmo tempo o inquietando para que diante de realidades de violência ele seja um promotor da paz. Assim, tal motivação é antes de tudo espiritual. É oriunda de uma espiritualidade de paz.

Além disso, pode-se pensar que, do ponto de vista das igrejas e comunidades cristãs, não faz sentido batizados brigarem por orientação religiosa, reclamando para si o direito de ser a sua a única confissão religiosa legítima. A consequência disso é a intolerância religiosa. Tal intolerância tem tido resultados desastrosos. Além de gerar violência e não a paz, torna-se um contratestemunho. Ao invés disso, urge a necessidade de se aprofundar e intensificar o diálogo ecumênico. Nessa linha, o Concílio Vaticano II deu um passo significativo ao abordar a questão do diálogo ecumênico no decreto *Unitatis redintegratio*.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

### Dicionários

BORRIELO, L. et al (orgs.). *Dicionário de mística*. São Paulo: Paulus, 2003.

DI BERARDINO, Angelo (org.). *Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs*. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulus, 2002.

PEDROSA, Maria et al (orgs.). *Dicionário de catequética*. São Paulo: Paulus, 2004.

SARTORE, Domenico; TRIACCA, Anchille M. *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992.

### Fontes

AMBRÓSIO, Santo. *Os sacramentos e os mistérios*. Petrópolis: Vozes, 1972.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2004.

BRADSHAW, Paul F. *Ordination Rites of the Ancient Churches of East and West*. New York: Pueblo, 1990.

CIRILO DE JERUSALÉM. *Catequeses mistagógicas*. Petrópolis: Vozes, 2004.

\_\_\_\_\_. *Catequeses pré-batismais*. Petrópolis: Vozes, 1978.

COMPÊNDIO DO VATICANO II. Constituições, decretos, declarações. 22ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

DENZINGER, Heinrich. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. Traduzido, com base na 40ª edição alemã (2005), aos cuidados de Peter Hunermann, por José Mariano Luz e Johan Konings. São Paulo: Loyola; São Paulo: Paulinas, 2007.

DIDAQUÉ. Doutrina dos apóstolos. 3ed. Petrópolis: Vozes, 1978.

FRANCISCO, Papa. *Evangelii gaudium: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Loyola; São Paulo: Paulus, 2013.

HIPÓLITO DE ROMA. *Tradição Apostólica: liturgia e catequese em Roma no século III*. Petrópolis: Vozes, 1971.

JEAN CHRYSOSTOME. *Trois homélies baptismales*. Introduction, texte critique, traduction et notes par Auguste PIEDAGNEL avec la collaboration de Louis DOUTRELEAU. (*Sources Chrétiennes* 366). Paris: Cerf, 1990.

\_\_\_\_\_. *Huit catéchèses baptismales inédites*. Introduction, texte critique, traduction et notes par Antoine WENGER. (*Sources Chrétiennes* 50). Paris : Cerf, 1957

LES CONSTITUTIONS APOSTOLIQUES. Introduction, texte critique, traduction et notes par Marcel METZGER. (*Sources Chrétiennes* 336). Paris : Cerf, 1987

- LODI, Enzo (org.). *Enchiridion euchologicum fontium liturgicorum*. Roma: Ed. Liturgiche, 1979.
- MESSALE AMBROSIANO FESTIVO. Milano: Jaca Book; Torino: Marietti, 1976.
- MISSAL ROMANO. 7ed. São Paulo : Paulus, 1991.
- MISSALE ROMANUM. Editio princeps (1570). Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1998.
- MISSALE ROMANUM* ex Decreto Concilii Tridentini restitutum S. Pii V, Pontificis Maximi jussu editum aliorum pontificum cura recognitum, a Pio X reformatum et Benedicti XV auctoritate vulgatum. Reimpressio editionis vigésima septima juxta typicam Vaticanam. Turonibus: Sumptibus ex typis Mame, 1939.
- MOHLBERG, Leo Cunibert; EIZENHOFER, Leo; SIFFRIN, Petrus (orgs.): *Liber sacramentorum romanae aeclesiae ordinis anni circuli* : (Cod. Vat. Reg. lat. 316/Paris Bibl. Nat. 7193, 41/56) (Sacramentarium Gelasianum). (Rerum ecclesiasticarum documenta. Series maior: fontes, IV) Roma: Herder, 1960.
- MOHLBERG, Leo Cunibert; EIZENHOFER, Leo; SIFFRIN, Petrus (orgs.): *Sacramentarium Veronense* : (Cod. Bibl. Capit. Veron. LXXXV[80]). (Rerum ecclesiasticarum documenta. Series maior: fontes, 1), Roma: Herder, 1956.
- PIO X. *Tra le sollecitudini*. Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/pius-x/pt/motu proprio/documents/hf\\_p-x\\_motu-proprio\\_19031122\\_sollecitudini.html](http://w2.vatican.va/content/pius-x/pt/motu proprio/documents/hf_p-x_motu-proprio_19031122_sollecitudini.html). Acesso em: 2 de maio de 2015.
- PIO XII. *Mediator Dei*. Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-xii\\_enc\\_20111947\\_mediator-dei.html](http://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_20111947_mediator-dei.html). Acesso em: 2 de maio de 2015.
- PUEBLA. *Evangelização no presente e no futuro da América Latina: conclusões da III conferência geral do episcopado latino-americano*. São Paulo: Paulinas, 1979.
- RITUAL DA INICIAÇÃO CRISTÃ DE ADULTOS. 3ed. São Paulo: Paulus, 2004.
- RITUAL DO BATISMO DE CRIANÇAS. São Paulo: Paulus, 1999.
- RITUALE ROMANUM* ex Decreto Sacrosancti Œcumenici Concilii Vaticani II instauratum auctoritate Pauli PP. VI promulgatum. Ordo Baptismi Parvulorum. Editio typica altera. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1986.
- SANTO AGOSTINHO. *A instrução dos catecúmenos: teoria e prática da catequese*. Petrópolis: Vozes, 1978
- \_\_\_\_\_. *A graça: a graça e a liberdade, a correção e a graça, predestinação dos santos, o dom da perseverança*. São Paulo: Paulus, 1999. V. II.
- SÍNODO DOS BISPOS. XI Assembleia Geral Ordinária. A Eucaristia: fonte e ápice da vida e da missão da Igreja. Lineamenta, 2004.

[http://www.vatican.va/roman\\_curia/synod/documents/rc\\_synod\\_doc\\_20040528\\_lineamenta-xi-assembly\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20040528_lineamenta-xi-assembly_po.html). Acesso em: 16 de maio de 2015.

TABORDA, Francisco: *Preces de ordenação* (apostila). Nova edição revista e aumentada. Belo Horizonte: FAJE, 2003

TEODORO DE MOPSUÉSTIA. *Le omilie catechetiche*. Torino: Pro manuscripto, 2008.

TERTULIANO. *O sacramento do batismo*: teologia pastoral do batismo segundo Tertuliano. Petrópolis: Vozes, 1981.

TOMÁS DE AQUINO. *Suma teológica*: primeira parte – questões 1-49. 2ed. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Porto Alegre: Sulina; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1980. V. I.

\_\_\_\_\_. *Suma teológica*: terceira parte – questões 60-90. 2ed. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Porto Alegre: Sulina; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1980. V. IX.

### **Outras obras**

AUGÉ, Matias. *Liturgia*: storia, celebrazione, teologia, spiritualità. Milano: Paoline, 1992.

\_\_\_\_\_. *L'iniziazione cristiana*: battesimo e confermazione. Roma: LAS, 2004.

BARBAGLIO, Giuseppe. *As cartas de Paulo*. São Paulo: Loyola, 1989. V.I.

\_\_\_\_\_. *As cartas de Paulo*. São Paulo: Loyola, 1991. V.II.

\_\_\_\_\_. *Os evangelhos*. São Paulo: Loyola, 1990. V. I.

BARREIRO, Álvaro. *Igreja, povo santo e pecador*: estudo sobre a dimensão eclesial da fé cristã, a santidade e o pecado na Igreja, a crítica e a fidelidade à Igreja. São Paulo: Loyola, 2011.

BARTH, Karl. *Carta aos Romanos*. São Paulo: Novo século, 2003. V.I.

BECKHAUSER, Alberto. *Novas mudanças na missa*. 5ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. *Os fundamentos da sagrada liturgia*. Petrópolis: Vozes, 2004.

BELLOSO, Josep M. Rovira. *Os sacramentos*: símbolo do espírito. São Paulo: Loyola, 2008.

BIHLMAYER, Karl; TUECHLE, Herman. *Storia della Chiesa*: l'antichità cristiana. Brescia: Morcelliana, 1960. V.I.

\_\_\_\_\_. *Storia della Chiesa*: l'epoca delle riforme. Brescia: Morcelliana, 1958. V.III.

BOFF, Clodovis. *Teoria do método teológico*. 4ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

- BOROBIO, Dionisio (org.). *A celebração na Igreja: sacramentos*. 2ed. São Paulo: Loyola, 2008. V.2
- \_\_\_\_\_. *Catecumenato e iniciación cristiana: un desafío para la Iglesia hoy*. Barcelona: Centre de Pastoral Litúrgica, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Celebrar para viver: liturgia e sacramentos da Igreja*. São Paulo: Loyola, 2009.
- \_\_\_\_\_. *La iniciación cristiana: bautismo, educación familiar, primera eucaristía, catecumenado, confirmación, comunidad Cristiana*. Salamanca: Sígueme, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Pastoral dos sacramentos*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Sacramentos en general: bautismo y confirmación en la Escuela de Salamanca – Francisco Vitoria, Melchor Cano, Domingo de Soto*. Salamanca: Publicaciones Universidad Pontificia, 2007.
- BOSELLI, Goffredo. *O sentido espiritual da liturgia*. Brasília: CNBB, 2014.
- BOTTE, Bernard. *O movimento litúrgico*. São Paulo: Paulinas, 1978.
- BROWN, Raymond E. *El evangelio segun Juan: XIII-XXI*. Madrid: Cristandad, 1978.
- BUGNINI, Annibale. *La riforma liturgica: 1948-1975*. Roma: C.L.V Liturgiche, 1997.
- BULTMANN, Rudolf. *The gospel of John: a commentary*. Oxford: Basil blackwell, 1971.
- BUYST, Ione. *Liturgia, de coração: espiritualidade da celebração*. 2ed. São Paulo: Paulus, 2007
- \_\_\_\_\_. *O segredo dos ritos: ritualidade e sacramentalidade da liturgia cristã*. São Paulo: Paulinas, 2011.
- BUYST, Ione; SILVA, José Ariovaldo. *O mistério celebrado: memória e compromisso I*. São Paulo: Paulinas; Valência: Siquem, 2003.
- CASEL, Odo. *O mistério do culto no cristianismo*. São Paulo: Loyola, 2002.
- CASPANI, Pierpaolo. *Renascer da água e do espírito: batismo e crisma, sacramentos da iniciação cristã*. São Paulo: Paulinas, 2013.
- CASTILLO, José Maria. *Símbolos de libertad: teología de los sacramentos*. Salamanca: Sígueme, 1981.
- CELAM. *Manual de liturgia: a celebração do mistério pascal*. 2ed. São Paulo: Paulus, 2011.
- CHAUVET, Louis-Marie. *Símbolo y sacramento: dimensión constitutiva de la existencia cristiana*. Barcelona: Herder, 1991.
- CODINA, Victor. Dimensión social del bautismo. *Estudios Eclesiásticos*, Madrid, v.52, n. 203, p.521-554, 1977.

- CODINA, Victor; IRARRAZAVAL, Diego. *Sacramentos de iniciação: água e Espírito de liberdade*. Petrópolis: Vozes, 1988. Col. Teologia e Libertação. V. VI
- COMBLIN, José. *O Espírito Santo e a libertação*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- COSTA, Paulo Cezar (org.). *Sacramentos e evangelização*. São Paulo: Loyola, 2004.
- COSTA, Rosemary Fernandes. *A mistagogia em Cirilo de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2015.
- \_\_\_\_\_. *Mistagogia hoje: o resgate da experiência mistagógica dos primeiros séculos da Igreja para a evangelização e catequese atuais*. São Paulo: Paulus, 2014.
- CUTTAZ, F. *Filiação divina: preciosos efeitos do batismo*. São Paulo: Paulinas, 1962.
- DANIÉLOU, Jean. *Bíblia e Liturgia: a teologia bíblica dos sacramentos e das festas nos Padres da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2013.
- DANIÉLOU, Jean; MARROU, Henri. *Nova história da Igreja: dos primórdios a São Gregório Magno*. Petrópolis: Vozes, 1966. V.I.
- DUSSEL, Enrique. O paradigma do êxodo na teologia da libertação. *Concilium*, Petrópolis, n.209, p.86-99, jan.mar. 1987.
- ESTRADA, Juan Antonio. *Del mistero de la Iglesia al Pueblo de Dios*. Salamanca: Sígueme, 1988.
- FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Os evangelhos*. São Paulo: Loyola, 1992. V. II.
- FERNÁNDEZ, Luis Martínez. *Los caminos de la teología: historia del método teológico*. Madrid: BAC, 1998.
- FLORISTÁN, Casiano. *Catecumenato: história e pastoral da iniciação*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- GARCÍA PAREDES, José Cristo Rey. *Iniciación cristiana y eucaristía: teología particular de los sacramentos*. Madrid: Paulinas, 1992.
- GIGLIONE, Paolo (org.). *Concilio e riforma liturgica: bilanci e prospettive*. Milano: edizione O.R, 1984.
- GIRAUDO, Cesare (org.). *Il messale romano: tradizione, traduzione, adattamento*. Roma: C.L.V Liturgiche, 2003.
- \_\_\_\_\_. *In unum corpus: trattato mistagogico sull'eucaristia*. 2ed. Milano: San Paolo, 2007.
- \_\_\_\_\_. La irrepitibilidad del acontecimiento fundador e la repetición del rito. La mediación del signo profético. *Selecciones de teología*, n.24, p.20-23, 1995.
- \_\_\_\_\_. Questa è la notte di cui fu scritto: "E la notte sarà la mia luce!" – Le ascendenze biblico-giudaiche dell' "Exultet". *Rassegna di Teologia*, n.3, p. 227-243, mar./apr. 1984.

- GOEDERT, Valter Maurício. *Teologia do batismo: considerações teológico-pastorais sobre o batismo*. São Paulo: Paulinas, 1988.
- GONZÁLEZ, Antonio Dorado. *Los sacramentos del evangelio: sacramentología fundamental e orgânica*. Bogotá: CELAM, 1988. V. 9.
- GUTIERREZ, Gustavo. *Teologia da libertação: perspectivas*. Petrópolis: Vozes, 1975.
- JOUNEL, Pierre et al (org.). *Liturgia opera divina e umana: studi sulla riforma liturgica offerti a S.E. Mons. Annibale Bugnini in occasione del suo 70° compleanno*. Roma: CLV Liturgiche, s/d.
- JUNGEL, Eberhard. *El ser sacramental: en perspectiva evangélica*. Salamanca: Sígueme, 2007.
- JUNGMANN, Josef Andreas. *Missarum sollemnia: origens, liturgia, história e teologia da missa romana*. São Paulo: Paulus, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Las leyes de la liturgia*. San Sebastian: Dinor, 1960.
- KASPER, Walter. *Per un rinnovamento del metodo teologico*. Brescia: Queriniana, 1969.
- KAVANAGH, Aidan. *Batismo: rito da iniciação cristã, tradição, reformas, perspectivas*. São Paulo: Paulinas, 1987.
- KEHL, Medard. *A Igreja: uma eclesiologia católica*. São Paulo: Loyola, 1997.
- KONINGS, Johan. *Evangelho segundo João: amor e fidelidade*. São Paulo: Loyola, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Ser cristão: fé e prática*. 3ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- LADARIA, Luis F. *O Deus vivo e verdadeiro: o mistério da Trindade*. São Paulo: Loyola, 2005.
- LIBANIO, João Batista. *Concílio Vaticano II: em busca de uma primeira compreensão*. São Paulo: Loyola, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Teologia da libertação: roteiro didático para um estudo*. São Paulo: Loyola, 1987.
- LONERGAN, Bernard J.F. *Il metodo in teologia*. Roma: Città Nuova, 2001.
- MAGRASSI, Mariano. *La liturgia: evento, celebrazione, storia*. Genova: Marietti, 1979.
- MANZANARES MARIJUAN, Julio. *Liturgia y descentralización em el Concilio Vaticano II: las conferencias episcopales eje de la reforma litúrgica conciliar*. Roma: Università Gregoriana, 1970.
- MARSILI, S. et al. *Panorama histórico geral da liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1986. Col. Anamnésis V.2.
- MARTÍNEZ MORALES, Darío Ernesto et al. *Los métodos en teología*. Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana, 2007.

- MARTINS, José Saraiva. *Batismo e crisma*. Lisboa: Universidade católica, 2002.
- MAZZA, Enrico. *La mistagogia: le catechesi liturgiche della fine del quarto secolo e il loro metodo*. Roma: CLV, 1996.
- MOLTMANN, Jurgen. *Trindade e o Reino de Deus: uma contribuição para a teologia*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- OÑATIBIA, Ignacio. *Batismo e confirmação: sacramentos de iniciação*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- PELLITERO, Ramiro; SESÉ, Javier (Org.). *La transmisión de la fe en la sociedad contemporánea*. Pamplona: Eunsa, 2008.
- PEREIRA, Ernesto do Nascimento. *A formação cristã de adultos: o grande desafio para a Igreja do III milênio*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- PISTOIA, Antonio. *Mystagogie: pensée liturgique d'aujourd'hui et liturgie ancienne*. Conférences Saint-Serge XXXIX Semaine d'études liturgiques. Roma: C.L.V, 1993.
- PITTA, Antônio. *Lettera ai Galati*. Bologna: EDB, 1996.
- QUEZINI, Renato. *A pedagogia da iniciação cristã*. São Paulo: Paulinas, 2013.
- RAHNER, Karl. *Escritos de teología*. Madrid: Taurus, 1961. V. III.
- \_\_\_\_\_. *Curso fundamental da fé: introdução ao conceito de cristianismo*. São Paulo: Paulinas, 1989.
- RATZINGER, Joseph. *Introdução ao cristianismo: preleções sobre o Símbolo Apostólico com um novo ensaio introdutório*. 6ed. São Paulo: Loyola, 2012.
- RIGHETTI, Mario. *Storia liturgica: sacramenti, sacramentali*. 2ed. Milano: Ancora, 1998. V. IV.
- ROCCHETTA, Carlo. *Os sacramentos da fé: ensaio de teologia bíblica sobre os sacramentos como "maravilhas da salvação" no tempo da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1991.
- ROSATO, Philip J. *Introducción a la teología de los sacramentos*. Navarra: EVD, 1994.
- RUIZ de GOPEGUI, Juan A. *Eukharistia: verdade e caminho da Igreja*. São Paulo: Loyola, 2008.
- SCHILLEBEECKX, Edward. *Cristo, sacramento do encontro com Deus*. Petrópolis: Vozes, 1967.
- \_\_\_\_\_. *Revelação e teologia*. São Paulo: Paulinas, 1968.
- SCHNEIDER, Theodor. *Signos de la cercanía de Dios*. Salamanca: Sígueme, 1982.



- SCHNITZLER, Theodor. *Il significato dei sacramenti: contributo per una nuova esperienza*. Roma: Città Nuova, 1990.
- SEGUNDO, Juan Luís. *Teologia aberta para o leigo adulto: os sacramentos hoje*. São Paulo: Loyola, 1977. V.4.
- SESBO  , Bernard (org.). *O Deus da salva o: a tradi o, a regra de f  e os símbolos, a economia da salva o, o desenvolvimento dos dogmas trinitário e cristológico*. São Paulo: Loyola, 2002. V. I.
- SIMONETTI, Manlio. *La letteratura cristiana antica greca e latina*. Firenze: Sansoni; Milano: Accademia, 1969.
- TABORDA, Francisco. *A Igreja e seus ministros: uma teologia do ministério ordenado*. São Paulo: Paulus, 2011.
- \_\_\_\_\_. Métodos teológicos na América Latina. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v.19, n. 49, p.293-319, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Nas fontes da vida cristã: uma teologia do batismo-crisma*. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2009.
- \_\_\_\_\_. *O memorial da páscoa do Senhor: ensaios litúrgico-teológicos sobre a eucaristia*. São Paulo: Loyola, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Sacramento, práxis e festa: para uma teologia latino-americana dos sacramentos*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- TAMOYO-ACOSTA, Juan José. *Os sacramentos: liturgia do próximo*. São Paulo: Paulus, 1998.
- VAGAGGINI, Cipriano. *O sentido teológico da liturgia*. São Paulo: Loyola, 2009.
- VERG S, Salvador. *El bautismo y la confirmación*. Madrid: Sal Terrae, 1972.
- VILLEPELET, Denis. *O futuro da catequese*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- ZILLES, Urbano. *A significa o dos símbolos cristãos*. Porto Alegre: Edipucrs, 1994.

### **Artigos**

- CODINA, Victor. Dimensión social del bautismo. *Estudios Eclesiásticos*, Madrid, v.52, n. 203, p.521-554, 1977.
- DUSSEL, Enrique. O paradigma do  xodo na teologia da liberta o. *Concilium*, Petrop lis, n.209, p.86-99, jan.mar. 1987.
- GIRAUDO, Cesare. La irrepetibilidad del acontecimiento fundador e la repetic n del rito. La mediación del signo profético. *Selecciones de teología*, n.24, p.20-23, 1995.

\_\_\_\_\_. Questa è la notte di cui fu scritto: “E la notte sarà la mia luce!” – Le ascendenze biblico-giudaiche dell’ “Exultet”. *Rassegna di Teologia*, n.3, p. 227-243, mar./apr. 1984.

TABORDA, Francisco. Métodos teológicos na América Latina. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v.19, n. 49, p.293-319, 1987.

## Bênção da água batismal – Sinopse Pio V-Gregoriano

### *Benedictio Fontis (Missa de Pio V)*

V/. Dominus vobiscum.

R/. Et cum spiritu tuo.

**Oremus.**

Omnipotens sempiterne Deus,  
adesto magnæ pietatis tuæ mysteriis,  
adesto sacramentis:

et ad recreandos novos populos,  
quos tibi fons baptismatis parturit,  
spiritum adoptionis emitte;  
ut quod nostræ humilitatis  
gerendum est ministério,  
virtutis tuæ impleatur effectu.

Per Dominum nostrum Jesum Christum,  
Filium tuum:

Qui tecum vivit et regnat  
in unitate Spiritus Sancti Deus,

Per omnia sæcula sæculorum. R/. Amen.

- Dominus vobiscum.
- Et cum spiritu tuo.
- Sursum corda.
- Habemus ad Dominum
- Gratias agamus Domino Deo nostro.
- Dignum et iustum est.

Vere dignum et iustum est,  
æquum et salutare,  
nos tibi semper et ubique  
gratias agere:

Domine, sancte Pater,  
omnipotens æterne Deus.

Qui invisibili potentia  
sacramentorum tuorum  
mirabiliter operaris efectum:

Et licet nos tantis mysteriis exequendis  
simus indigni:

Tu tamen gratiæ tuæ dona non deserens,  
et iam ad nostras preces  
aures tuæ pietatis inclinas.

Deus, cujus Spiritus super aquas  
inter ipsa mundi primordia ferebatur:  
ut jam tunc virtutem sanctificationis

### *Benedictio Fontis(Sac. Gregoriano)*

V/. Dominus vobiscum.

R/. Et cum spiritu tuo.

Omnipotens sempiterne Deus,  
adesto magnæ pietatis tuæ mysteriis,  
adesto sacramentis:

et ad recreandos novos populos,  
quos tibi fons baptismatis parturit,  
spiritum adoptionis emitte;  
ut quod nostræ humilitatis  
gerendum est ministério,  
virtutis tuæ impleatur effectu.

Per Dominum nostrum Jesum Christum,  
Filium tuum:

Qui tecum vivit et regnat  
in unitate Spiritus Sancti Deus,

Per omnia sæcula sæculorum. R/. Amen.

- Dominus vobiscum.
- Et cum spiritu tuo.
- Sursum corda.
- Habemus ad Dominum
- Gratias agamus Domino Deo nostro.
- Dignum et iustum est.

Vere dignum et iustum est,  
æquum et salutare,  
nos tibi semper et ubique  
gratias agere:

Domine, sancte Pater,  
omnipotens æterne Deus.

Qui invisibili potentia  
sacramentorum tuorum  
mirabiliter operaris efectum:

Et licet nos tantis mysteriis exequendis  
simus indigni:

Tu tamen gratiæ tuæ dona non deserens,  
et iam ad nostras preces  
aures tuæ pietatis inclinas.

Deus, cujus Spiritus super aquas  
inter ipsa mundi primordia ferebatur:  
ut jam tunc virtutem sanctificationis

aquarum natura concíperet.  
Deus, qui, nocentis mundi crimina  
per aquas abluens,  
regenerationis speciem  
in ipsa diluvii effusione signasti:  
ut unius ejusdemque elementi mysterio,  
et finis esset vitiis et origo virtutibus.  
Respice, Domine, in faciem Ecclesiæ tuæ,  
et multiplica in ea regenerationes tuas,  
qui gratiæ tuæ affluentis impetu  
lætificas civitatem tuam:  
fontemque baptismatis aperis  
toto orbe terrarum gentibus innovandis:  
ut, tuæ majestatis império,  
sumat Unigeniti tui gratiam  
de Spiritu Sancto.  
Qui hanc aquam,  
regenerandis hominibus præparatam,  
arcana sui numinis admixtione fecundet:  
ut, sanctificatione concepta,  
ab immaculato divini fontis útero,  
in novam renata creaturam,  
progeniem cœlestis emergat:  
Et quos sexus in corpore  
aut ætas discernit in tempore,  
omnes in unam pariat  
gratia mater infantiam.  
Procul ergo hinc, jubente te, Domine,  
omnes spiritus immundus abscedat:  
procul tota nequitia diabolicæ fraudis  
absistat.  
Nihil hic loci habeat contrariæ virtutis  
admixtio:  
non insidiando circumvolet:  
non latendo subrepat:  
non inficiendo corrumpat.  
Sit hæc sancta et innocens creatura  
libera ab omni impuglatoris incursu,  
et totius nequitiae purgata discesu.

Sit fons vivus, aqua regenerans,  
unda purificans:  
ut omnes hoc lavacro salutifero diluendi,

operante in eis Spiritu Sancto,  
perfectæ purgationis  
indulgentiam consequantur.

Unde benedico te, creatura aquæ,  
per Deum ✠ vivum,

aquarum natura concíperet.  
Deus, qui, nocentis mundi crimina  
per aquas abluens,  
regenerationis speciem  
in ipsa diluvii effusione signasti:  
ut unius ejusdemque elementi mysterio,  
et finis esset vitiis et origo virtutibus.  
Respice, Domine, in faciem Ecclesiæ tuæ,  
et multiplica in ea regenerationes tuas,  
qui gratiæ tuæ affluentis impetu  
lætificas civitatem tuam:  
fontemque baptismatis aperis  
toto orbe terrarum gentibus innovandis:  
ut, tuæ majestatis império,  
sumat Unigeniti tui gratiam  
de Spiritu Sancto.  
Qui hanc aquam,  
regenerandis hominibus præparatam,  
arcana sui numinis admixtione fecundet:  
ut, sanctificatione concepta,  
ab immaculato divini fontis útero,  
in novam renata creaturam,  
progeniem cœlestis emergat:  
Et quos sexus in corpore  
aut ætas discernit in tempore,  
omnes in unam pariat  
gratia mater infantiam.  
Procul ergo hinc, jubente te, Domine,  
omnes spiritus immundus abscedat:  
procul tota nequitia diabolicæ fraudis  
absistat.  
Nihil hic loci habeat contrariæ virtutis  
admixtio:  
non insidiando circumvolet:  
non latendo subrepat:  
non inficiendo corrumpat.  
Sit hæc sancta et innocens creatura  
libera ab omni impuglatoris incursu,  
et totius nequitiae purgata discesu.

Sit fons vivus, aqua regenerans,  
unda purificans:  
ut omnes hoc lavacro salutifero diluendi,

operante in eis Spiritu Sancto,  
perfectæ purgationis  
indulgentiam consequantur.

✠Unde benedico te, creatura aquæ,  
✠per Deum vivum,

per Deum ✕ verum,  
per Deum ✕ sanctum,  
per Deum, qui te in principio  
verbo separavit ab arida:

cujus Spiritus super te ferebatur.  
Qui te de paradisi fonte manare fecit,

et in quatuor fluminibus  
totam terram rigare præcepit.  
Qui te in deserto amaram, suavitate indita,  
fecit esse potabilem,  
et sitienti populo  
de petra produxit.  
Be✕nedico te  
et per Jesum Christum,  
Filiū ejus unicum, Dominum nostrum:  
qui te in Cana Galilææ  
signo admirabili sua potentia  
convertit in vinum.  
Qui pedibus super te ambulavit:  
et a Joanne in Jordane in te baptizatus est.  
Qui te una cum sanguine  
de latere suo produxit:  
et discipulis suis jussit,  
ut credentes baptizarentur in te, dicens:  
Ite, docete omnes gentes baptizantes eos  
in nomine Patris, et Filii,  
et Spiritus Sancti.  
Hæc nobis præcepta servandis,  
tu, Deus omnipotens, clemens adesto:  
tu benignus aspira.

Tu has simplices aquas  
tuo ore benedicito:  
ut præter naturalem emundationem,  
quam lavandis possunt adhibere corporibus,  
sint etiam purificandis mentibus efficaces.  
Descendat in hanc plenitudinem fontis  
virtus Spiritus Sancti.

Totamque hujus aquæ substantiam  
regenerandi fecundet effectū.

Hic omnium peccatorum  
maculæ deleantur:  
hic natura ad imaginem tuam condita,  
et ad honorem sui reformata principii,  
cunctis vetustatis squaloribus emundetur:

✕per Deum sanctum,  
qui te in principio  
verbo separavit ab arida:

et in quatuor fluminibus  
totam terram rigare præcepit.  
Qui te in deserto amaram, suavitate indita,  
fecit esse potabilem,  
et sitienti populo  
de petra produxit.  
Be✕nedico te  
et per Jesum Christum,  
Filiū ejus unicum, Dominum nostrum:  
qui te in Cana Galilææ  
signo admirabili sua potentia  
convertit in vinum.  
Qui pedibus super te ambulavit:  
et a Joanne in Jordane in te baptizatus est.  
Qui te una cum sanguine  
de latere suo produxit:  
et discipulis suis jussit,  
ut credentes baptizarentur in te, dicens:  
Ite, docete omnes gentes baptizantes eos  
in nomine Patris, et Filii,  
et Spiritus Sancti.  
Hæc nobis præcepta servandis,  
tu, Deus omnipotens, clemens adesto:  
tu benignus aspira.

Tu has simplices aquas  
tuo ore benedicito:  
ut præter naturalem emundationem,  
quam lavandis possunt adhibere corporibus,  
sint etiam purificandis mentibus efficaces.  
Descendat in hanc plenitudinem fontis  
virtus Spiritus Sancti.

Totamque hujus aquæ substantiam  
regenerandi fecundet effectū.

Hic omnium peccatorum

ut omnis homo,  
sacramentum hoc regenerationis  
ingressus,  
in veræ innocentiae  
novam infantiam renascatur.

Per Dominum nostrum Jesum Christum,  
Filius tuum:  
Qui venturus est iudicare  
vivos et mortuos,  
et sæculum per ignem. R.: Amen.

Sanctificetur et fecundetur fons iste  
Oleo salutis nascentibus ex eo,  
in vitam æternam. R/. Amen.

Infusio Chrismatis  
Domini nostri Jesu Christi,  
et Spiritus Sancti Paracliti,  
fiat in nomine sanctæ Trinitatis.  
R./ Amen.

Commixtio Chrismatis sanctificationis,  
et Olei unctionis, et Aquæ baptismatis,  
pariter fiat in nomine Patris,  
et Filii, et Spiritus Sancti. R/. Amen.

maculæ deleantur:  
hic natura ad imaginem tuam condita,  
et ad honorem sui reformata principii,  
cunctis vetustatis squaloribus emundetur:  
ut omnis homo,  
sacramentum hoc regenerationis  
ingressus,  
in veræ innocentiae  
novam infantiam renascatur.

Per Dominum nostrum Jesum Christum,  
Filius tuum:  
Qui venturus est iudicare  
vivos et mortuos,  
et sæculum per ignem.

## Bênção da água batismal – Sinopse Gregoriano-Gelasiano

### *Benedictio Fontis*(*Sac. Gregoriano*)

V/. Dominus vobiscum.

R/. Et cum spiritu tuo.

Omnipotens sempiterne Deus,  
adesto magnæ pietatis tuæ mysteriis,  
adesto sacramentis:  
et ad recreandos novos populos,  
quos tibi fons baptismatis parturit,  
spiritum adoptionis emitte;  
ut quod nostræ humilitatis  
gerendum est ministério,  
virtutis tuæ impleatur effectum.  
Per Dominum nostrum Jesum Christum,  
Filium tuum:  
Qui tecum vivit et regnat  
in unitate Spiritus Sancti Deus,

Per omnia sæcula sæculorum. R/. Amen.

- Dominus vobiscum.
- Et cum spiritu tuo.
- Sursum corda.
- Habemus ad Dominum
- Gratias agamus Domino Deo nostro.
- Dignum et iustum est.

Vere dignum et iustum est,  
æquum et salutare,  
nos tibi semper et ubique  
gratias agere:  
Domine, sancte Pater,  
omnipotens æterne Deus.  
Qui invisibili potentia  
sacramentorum tuorum  
mirabiliter operaris effectum:  
Et licet nos tantis mysteriis exequendis  
simus indigni:  
Tu tamen gratiæ tuæ dona non deserens,  
et iam ad nostras preces  
aures tuæ pietatis inclinas.  
Deus, cujus Spiritus super aquas  
inter ipsa mundi primordia ferebatur:  
ut jam tunc virtutem sanctificationis

Cum autem expoliatur infirmus, benedicit  
fontem - Item benedictio aquae ad  
succurrendum (Gelasiano)

aquarum natura concíperet.

Deus, qui, nocentis mundi crimina  
per aquas abluens,  
regenerationis speciem  
in ipsa diluvii effusione signasti:  
ut unius ejusdemque elementi mysterio,

et finis esset vitiis et origo virtutibus.

Respice, Domine, in faciem Ecclesiæ tuæ,  
et multiplica in ea regenerationes tuas,  
qui gratiæ tuæ affluentis impetu

lætificas civitatem tuam:  
fontemque baptismatis aperis  
toto orbe terrarum gentibus innovandis:

ut, tuæ majestatis império,  
sumat Unigeniti tui gratiam  
de Spiritu Sancto.

Qui hanc aquam,  
regenerandis hominibus præparatam,  
arcana sui numinis admixtione fecundet:

ut, sanctificatione concepta,  
ab immaculato divini fontis útero,  
in novam renata creaturam,  
progeniem cœlestis emergat:

Et quos sexus in corpore  
aut ætas discernit in tempore,  
omnes in unam pariat  
gratia mater infantiam.

Procul ergo hinc, jubente te, Domine,  
omnes spiritus immundus abscedat:  
procul tota nequitia diabolicæ fraudis  
absistat.  
Nihil hic loci habeat contrariæ virtutis  
admixtio:  
non insidiando circumvolet:  
non latendo subrepat:  
non inficiendo corrumpat.

Sit hæc sancta et innocens creatura  
libera ab omni impugnatoris incursu,  
et totius nequitiae purgata discesu.



Sit fons vivus, aqua regenerans,  
unda purificans:  
ut omnes hoc lavacro salutifero diluendi,

operante in eis Spiritu Sancto,  
perfectæ purgationis  
indulgentiam consequantur.

✠Unde benedico te, creatura aquæ,  
✠per Deum vivum,  
✠per Deum sanctum,

qui te in principio  
verbo separavit ab arida:

et in quatuor fluminibus  
totam terram rigare præcepit.  
Qui te in deserto amaram, suavitate indita,  
fecit esse potabilem,  
et sitienti populo  
de petra produxit.

Benedico te  
et per Iesum Christum,  
Filium ejus unicum, Dominum nostrum:  
qui te in Cana Galilææ  
signo admirabili sua potentia  
convertit in vinum.

Qui pedibus super te ambulavit:  
et a Joanne in Jordane in te baptizatus est.

Qui te una cum sanguine  
de latere suo produxit:  
et discipulis suis jussit,  
ut credentes baptizarentur in te, dicens:  
Ite, docete omnes gentes baptizantes eos  
in nomine Patris, et Filii,  
et Spiritus Sancti.

*Hic muta uocem quæ lectionem legens:*

Hæc nobis præcepta servandis,  
tu, Deus omnipotens, clemens adesto:  
tu benignus aspira.

Tu has simplices aquas  
tuo ore benedicito:  
ut præter naturalem emundationem,  
quam lavandis possunt adhibere corporibus,  
sint etiam purificandis mentibus efficaces.

Descendat in hanc plenitudinem fontis  
virtus Spiritus Sancti.

Exorcizo, te, creatura aquae,  
per Deum vivum,  
per Deum sanctum,  
per Deum totius dulcedinis creatorem,  
qui te in principio verbo  
separavit a terra  
et in quattuor fluminibus diuidens  
totam terram rigare præcepit.

Adiuro te  
per Iesum Christum  
filium eius unicum dominum nostrum,

Totamque hujus aquæ substantiam  
regenerandi fecundet effectū.

Hic omnium peccatorum  
maculæ deleantur:  
hic natura ad imaginem tuam condita,  
et ad honorem sui reformata principii,  
cunctis vetustatis squaloribus emundetur:  
ut omnis homo,  
sacramentum hoc regenerationis  
ingressus,  
in veræ innocentiae  
novam infantiam renascatur.

Per Dominum nostrum Jesum Christum,  
Filium tuum:  
Qui venturus est iudicare  
vivos et mortuos,  
et sæculum per ignem.

Deus omnipotens pater domini nostri Iesu  
Christi qui te regeneravit ex aqua et  
Spiritu Sancto, qui dedit tibi  
remissionem omnium peccatorum ipse te  
linet chrisma salutis, in uitam aeternam.

ut efficiaris  
in eo qui in te baptizandus erit  
fons aquae salientis in vitam aeternam,  
regenerans eum deo patri  
et filio et spiritui sancto:

qui venturus est in spiritu sancto  
iudicare uiuos et mortuos  
et omne saeculum per ignem.

## Bênção da água batismal – Sinopse Pio V-Paulo VI/ 1ª opção – secção anamnética

### *Benedictio Fontis (Missa de Pio V)*

*Postea procedit ad benedictionem Fontis, dicens:*

V/. Dominus vobiscum.

R/. Et cum spiritu tuo.

**Oremus.**

Omnipotens sempiterne Deus,  
adesto magnæ pietatis tuæ mysteriis,  
adesto sacramentis:

et ad recreandos novos populos,  
quos tibi fons baptismatis parturit,  
spiritum adoptionis emitte;

ut quod nostræ humilitatis  
gerendum est ministério,  
virtutis tuæ impleatur effectum.

Per Dominum nostrum Jesum Christum,  
Filium tuum:

Qui tecum vivit et regnat  
in unitate Spiritus Sancti Deus,

*Elevans vocem in modum Præfationis, prossequitur junctis  
manibus:*

Per omnia sæcula sæculorum. R/. Amen.

- Dominus vobiscum.
- Et cum spiritu tuo.
- Sursum corda.
- Habemus ad Dominum
- Gratias agamus Domino Deo nostro.

### *Benedictio et invocatio Dei super aquam(Paulo VI)*

- Dignum et iustum est.

Vere dignum et iustum est,  
æquum et salutare,  
nos tibi semper et ubique  
gratias agere:  
Domine, sancte Pater,  
omnipotens æterne Deus.

Qui invisibili potentia  
sacramentorum tuorum  
mirabiliter operaris efectum:

*Et licet nos tantis mysteriis exequendis  
simus indigni:  
Tu tamen gratiæ tuæ dona non deserens,  
et iam ad nostras preces  
aures tuæ pietatis inclinas.*

Deus, cuius Spiritus super aquas  
inter ipsa mundi primordia ferebatur:  
ut iam tunc virtutem sanctificationis  
aquarum natura conciperet.

Deus, qui, nocentis mundi crimina  
per aquas abluens,  
regenerationis speciem  
in ipsa diluvii effusione signasti:  
ut unius ejusdemque elementi mysterio,

et finis esset vitiis et origo virtutibus.

Respice, Domine, in faciem Ecclesiæ tuæ,  
et multiplica in ea regenerationes tuas,  
qui gratiæ tuæ affluentis impetu

lætificas civitatem tuam:  
fontemque baptismatis aperis  
toto orbe terrarum gentibus innovandis:

ut, tuæ majestatis império,  
sumat Unigeniti tui gratiam  
de Spiritu Sancto.

*Hic sacerdos in modum crucis aquam dividit manu extensa,  
quam statim linteo extersit, dicens:*

Qui hanc aquam,  
regenerandis hominibus præparatam,  
arcanam sui numinis admixtione fecundet:

ut, sanctificatione concepta,  
ab immaculato divini fontis útero,  
in novam renata creaturam,  
progeniem cœlestis emergat:

Deus, qui invisibili potentia  
per sacramentorum signa  
mirabilem operaris effectum  
*et creaturam aquæ  
multis modis præparasti,  
ut Baptismi gratiam demonstraret;*

Deus, cuius Spiritus super aquas  
inter ipsa mundi primordia ferebatur,  
ut iam tunc virtutem sanctificandi  
aquarum natura conciperet;

Deus, qui regenerationis speciem  
in ipsa diluvii effusione signasti,  
ut unius ejusdemque elementi mysterio

et finis esset vitiis et origo virtutum;

Et quos sexus in corpore  
aut ætas discernit in tempore,  
omnes in unam pariat  
gratia mater infantiam.

Procul ergo hinc, jubente te, Domine,  
omnes spiritus immundus abscedat:  
procul tota nequitia diabolicæ fraudis  
absistat.  
Nihil hic loci habeat contrariæ virtutis  
admixtio:  
non insidiando circumvolet:  
non latendo subrepat:  
non inficiendo corrumpat.

*Aquam manu tangit:*

Sit hæc sancta et innocens creatura  
libera ab omni impugnatoris incursu,  
et totius nequitiae purgata discesu.

Sit fons vivus, aqua regenerans,  
unda purificans:  
ut omnes hoc lavacro salutifero diluendi,

operante in eis Spiritu Sancto,  
perfectæ purgationis  
indulgentiam consequantur.

*Facit tres cruces super Fontem dicens:*

Unde benedico te, creatura aquæ,  
per Deum ✠ vivum,  
per Deum ✠ verum,  
per Deum ✠ sanctum,  
per Deum, qui te in principio  
verbo separavit ab arida:

cujus Spiritus super te ferebatur.

*Hic manu aquam dividit et effundit eam versus quatuor mundi  
partes, dicens:*

Qui te de paradisi fonte manare fecit,

et in quatuor fluminibus  
totam terram rigare præcepit.  
Qui te in deserto amaram, suavitate indita,  
fecit esse potabilem,  
et sitiendi populo  
de petra produxit.  
Beñedico te  
et per Jesum Christum,  
Filium ejus unicum, Dominum nostrum:  
qui te in Cana Galilææ  
signo admirabili sua potentia

convertit in vinum.

Qui pedibus super te ambulavit:  
et a Joanne in Jordane in te baptizatus est.

Qui te una cum sanguine  
de latere suo produxit:  
et discipulis suis iussit,  
ut credentes baptizarentur in te, dicens:

Ite, docete omnes gentes baptizantes eos  
in nomine Patris, et Filii,  
et Spiritus Sancti.

*Mutat vocem et prossequitur in tono Lectionis:*

Hæc nobis præcepta servandis,  
tu, Deus omnipotens, clemens adesto:  
tu benignus aspira.

*Halat ter in aqua in modum crucis, dicens:*

Tu has simplices aquas  
tuo ore benedicito:  
ut præter naturalem emundationem,  
quam lavandis possunt adhibere corporibus,  
sint etiam purificandis mentibus efficaces.

*Hic Sacerdos paululum demittit Cereum in aquam: et resumenstonum Præfationis, dicit:*

Descendat in hanc plenitudinem fontis  
virtus Spiritus Sancti.

*Deinde extractum Cereum de aqua, iterum profundius mergit, aliquanto altius repetens: Descendat in hanc. Postea Cereum rursus de aqua extractum, tertio imergens ad fundum, altiori adhuc você repetit: Descendat, ut supra. Et deinde sufflans ter in aquam, secundum hanc figuram ψ prossequitur:*

Totamque hujus aquæ substantiam  
regenerandi fecundet effectum.

*Hic tollitur Cereus de aqua, et prossequitur:*

Hic omnium peccatorum  
maculæ deleantur:  
hic natura ad imaginem tuam condita,  
et ad honorem sui reformata principii,  
cunctis vetustatis squaloribus emundetur:  
ut omnis homo,  
sacramentum hoc regenerationis  
ingressus,  
in veræ innocentiae  
novam infantiam renascatur.

*Sequentia dicit legendo :*

Per Dominum nostrum Jesum Christum,  
Filium tuum:  
Qui venturus est judicare  
vivos et mortuos,

**Deus, cuius Filius**

in aqua Iordanis a Joanne baptizatus,

**Sancto Spiritu est inunctus,**

et, in cruce pendens,

una cum sanguine aquam

de latere suo produxit,

ac, post resurrectionem suam,

discipulis iussit:

«Ite, docete omnes gentes, baptizantes eos

in nomine Patris et Filii

et Spiritus Sancti»:

et sæculum per ignem. R.: Amen.

*Deinde per assistentes Sacerdotes spargitur de ipsa aqua benedicta super populum. Et interim unus ex ministris ecclesie accipit in vase aliquo de eadem aqua ad aspergendum in domibus, et aliis locis. His peractis, Sacerdos qui benedicit Fontem, infundit de Oleo Catechumenorum in aquam in modum crucis, intelligibili vocè dicens:*

Sanctificetur et fecundetur fons iste  
Oleo salutis renascentibus ex eo,  
in vitam æternam. R/. Amen.

*Deinde infundit de Chrismate, modo quo supra, dicens:*

Infusio Chrismatis  
Domini nostri Jesu Christi,  
et Spiritus Sancti Paracliti,  
fiat in nomine sanctæ Trinitatis.  
R./ Amen.

*Postea accipit ambas ampullas dicti Olei sancti et Chrismatis, et de utroque simul in modum crucis infundendo, dicit:*

Commixtio Chrismatis sanctificationis,  
et Olei unctionis, et Aquæ baptismatis,  
pariter fiat in nomine Paꝛtris,  
et Fiꝛlii, et Spiritus ꝛ Sancti. R/. Amen.

*Tunc miscet ipsum Oleum cum aqua et spargit manu sua per omnem Fontem.*

## Bênção da água batismal – Sinopse Pio V-Paulo VI/ 1ª opção – secção epiclética

### *Benedictio Fontis (Missa de Pio V)*

*Postea procedit ad benedictionem Fontis, dicens:*

V/. Dominus vobiscum.

R/. Et cum spiritu tuo.

### **Oremus.**

Omnipotens sempiternae Deus,  
adesto magnae pietatis tuae mysteriis,  
adesto sacramentis:  
et ad recreandos novos populos,  
quos tibi fons baptismatis parturit,  
spiritum adoptionis emitte;  
ut quod nostrae humilitatis  
gerendum est ministerio,  
virtutis tuae impleatur effectum.

Per Dominum nostrum Jesum Christum,  
Filium tuum:

Qui tecum vivit et regnat  
in unitate Spiritus Sancti Deus,

*Elevans vocem in modum Praefationis, prossequitur junctis manibus:*

Per omnia saecula saeculorum. R/. Amen.

- Dominus vobiscum.
- Et cum spiritu tuo.
- Sursum corda.
- Habemus ad Dominum
- Gratias agamus Domino Deo nostro.
- Dignum et iustum est.

Vere dignum et iustum est,  
aequum et salutare,  
nos tibi semper et ubique  
gratias agere:  
Domine, sancte Pater,  
omnipotens aeternae Deus.  
Qui invisibili potentia  
sacramentorum tuorum  
mirabiliter operaris effectum:  
Et licet nos tantis mysteriis exequendis  
simus indigni:  
Tu tamen gratiae tuae dona non deserens,  
et iam ad nostras preces  
aures tuae pietatis inclinas.  
Deus, cujus Spiritus super aquas  
inter ipsa mundi primordia ferebatur:



ut jam tunc virtutem sanctificationis  
aquarum natura conciperet.

Deus, qui, nocentis mundi crimina  
per aquas abluens,  
regenerationis speciem  
in ipsa diluvii effusione signasti:  
ut unius ejusdemque elementi mysterio,

et finis esset vitiiis et origo virtutibus.

Respice, Domine, in faciem Ecclesiae tuae,  
et multiplica in ea regenerationes tuas,  
qui gratiae tuae affluentis impetu

laetificas civitatem tuam:  
fontemque baptismatis aperis  
toto orbe terrarum gentibus innovandis:

ut, tuae majestatis imperio,  
sumat Unigeniti tui gratiam  
de Spiritu Sancto.

*Hic sacerdos in modum crucis aquam dividit manu extensa,  
quam statim linteo extersit, dicens:*

Qui hanc aquam,  
regenerandis hominibus praeparatam,  
arcana sui numinis admixtione fecundet:

ut, sanctificatione concepta,  
ab immaculato divini fontis utero,  
in novam renata creaturam,  
progeniem caelestis emergat:

Et quos sexus in corpore  
aut aetas discernit in tempore,  
omnes in unam pariat  
gratia mater infantiam.

Procul ergo hinc, jubente te, Domine,  
omnes spiritus immundus abscedat:  
procul tota nequitia diabolicæ fraudis  
absistat.

Nihil hic loci habeat contrariae virtutis  
admixtio:

non insidiando circumvolet:

non latendo subrepat:

non inficiendo corrumpat.

*Aquam manu tangit:*

Sit hæc sancta et innocens creatura  
libera ab omni impugnatoris incursu,

Respice in faciem Ecclesiae tuae,

eique dignare fontem Baptismatis aperire.

Sumat hæc aqua Unigeniti tui  
gratiam de Spiritu Sancto,

et totius nequitiae purgata discesu.

Sit fons vivus, aqua regenerans,  
unda purificans:  
ut omnes hoc lavacro salutifero diluendi,

operante in eis Spiritu Sancto,  
perfectae purgationis  
indulgentiam consequantur.

*Facit tres cruces super Fontem dicens:*

Unde benedico te, creatura aquae,  
per Deum ✠ vivum,  
per Deum ✠ verum,  
per Deum ✠ sanctum,  
per Deum, qui te in principio  
verbo separavit ab arida:

cujus Spiritus super te ferebatur.

*Hic manu aquam dividit et effundit eam versus quatuor mundi  
partes, dicens:*

Qui te de paradisi fonte manare fecit,

et in quatuor fluminibus  
totam terram rigare praecepit.  
Qui te in deserto amaram, suavitate indita,  
fecit esse potabilem,  
et sitienti populo  
de petra produxit.  
Be✠nedico te  
et per Jesum Christum,  
Filium ejus unicum, Dominum nostrum:  
qui te in Cana Galilaeae  
signo admirabili sua potentia  
convertit in vinum.  
Qui pedibus super te ambulavit:  
et a Joanne in Jordane in te baptizatus est.

Qui te una cum sanguine  
de latere suo produxit:  
et discipulis suis jussit,  
ut credentes baptizarentur in te, dicens:  
Ite, docete omnes gentes baptizantes eos  
in nomine Patris, et Filii,  
et Spiritus Sancti.

*Mutat vocem et prossequitur in tono Lectionis:*

Haec nobis praecepta servandis,  
tu, Deus omnipotens, clemens adesto:  
tu benignus aspira.

*Halat ter in aqua in modum crucis, dicens:*

Tu has simplices aquas  
tuo ore benedicito:

ut præter naturalem emundationem,  
quam lavandis possunt adhibere corporibus,  
sint etiam purificandis mentibus efficaces.

*Hic Sacerdos paululum demittit Cereum in aquam: et resumenstonum Præfationis, dicit:*

Descendat in hanc plenitudinem fontis  
virtus Spiritus Sancti.

*Deinde extractum Cereum de aqua, iterum profundius mergit, aliquanto altius repetens: Descendat in hanc. Postea Cereum rursus de aqua extractum, tertio imergens ad fundum, altiori adhuc você repetit: Descendat, ut supra. Et deinde sufflans ter in aquam, secundum hanc figuram ψ prossequitur:*

Totamque hujus aquæ substantiam  
regenerandi fecundet effectū.

*Hic tollitur Cereus de aqua, et prossequitur:*

Hic omnium peccatorum  
maculæ deleantur:  
hic natura ad imaginem tuam condita,  
et ad honorem sui reformata principii,  
cunctis vetustatis squaloribus emundetur:  
ut omnis homo,  
sacramentum hoc regenerationis  
ingressus,  
in veræ innocentiae  
novam infantiam renascatur.

*Sequentia dicit legendo :*

Per Dominum nostrum Jesum Christum,  
Filiū tuum:  
Qui venturus est judicare  
vivos et mortuos,  
et sæculum per ignem. R.: Amen.

*Deinde per assistentes Sacerdotes spargitur de ipsa aqua benedicta super populum. Et interim unus ex ministris ecclesie accipit in vase aliquo de eadem aqua ad aspergendum in domibus, et aliis locis. His peractis, Sacerdos qui benedicit Fontem, infundit de Oleo Catechumenorum in aquam in modum crucis, intelligibili você dicens:*

Sanctificetur et fecundetur fons iste  
Oleo salutis nascentibus ex eo,  
in vitam æternam. R/. Amen.

*Deinde infundit de Chrismate, modo quo supra, dicens:*

Infusio Chrismatis  
Domini nostri Jesu Christi,  
et Spiritus Sancti Paracliti,  
fiat in nomine sanctæ Trinitatis.  
R./ Amen.

*Postea accipit ambas ampullas dicti Olei sancti et Chrismatis, et de utroque simul in modum crucis infundendo, dicit:*

Commixtio Chrismatis sanctificationis,  
et Olei unctionis, et Aquæ baptismatis,  
pariter fiat in nomine Pātris,  
et Fīlii, et Spiritus ✠ Sancti. R/. Amen.

(Final da oração)

Descendat, quæsumus, Domine,  
in hanc plenitudinem fontis  
per Filium tuum  
virtus Spiritus Sancti,  
ut omnes, cum Christo consepulti  
per Baptismum in mortem,  
ad vitam cum ipso resurgent.  
Per Cristum Dominum nostrum.

ut homo, ad imaginem tuam conditus,

sacramento Baptismatis  
a cunctis squaloribus vetustatis ablutus,

in novam infantiam  
ex aqua et Spiritu Sancto  
resurgere mereatur.

